

# AMÉRICA SOCIALISTA

REVISTA TEÓRICA MARXISTA - Nº 17 - SETEMBRO 2020 - CORRENTE MARXISTA INTERNACIONAL





**Editor:** Serge Goulart

**Editora Assistente:** Maritania Camargo

**Tradução:** Fabiano Leite e Fernando Leal

**Revisão:** Estéfane Ramirez, Francine Hellmann,  
Leonardo Mendes Neves,  
Thaís Tolentino e Tiago de Carvalho

**Capa:** Evandro Colzani

**Diagramação:** Felipe Libório

**Revista América Socialista**  
**Edição em português nº 17**

Livraria e Editora Marxista  
Rua Tabatinguera, 318  
Praça da Sé, São Paulo/SP  
CEP: 01020 000  
Telefone: (11) 3104 0111

[www.livrariamarxista.com.br](http://www.livrariamarxista.com.br)  
[www.marxismo.org.br](http://www.marxismo.org.br)  
[contato@marxismo.org.br](mailto:contato@marxismo.org.br)  
Tiragem: 1.000



# APRESENTAÇÃO

A 17ª edição da Revista América Socialista traz um compilado de textos que tratam do aparato repressivo do Estado, da necessidade e importância da teoria revolucionária e da urgência em reivindicarmos o legado daqueles que dedicaram suas vidas à luta pela revolução, em todos os campos, da economia às artes.

O primeiro texto que disponibilizamos é do Conselho Editorial da Socialist Revolution (seção norte-americana da CMI), intitulado “EUA: Como a classe trabalhadora pode acabar com o terror policial?”.

Escrito em meio às convulsões revolucionárias dos EUA, após o assassinato de George Floyd, o texto faz uma relação direta dos acontecimentos atuais com a história dos EUA e o aparato repressivo de Estado; explica a estrutura das forças de repressão americana; o salto de consciência em períodos revolucionários; a divisão da burguesia; como o racismo e a polícia são elementos indispensáveis para a sustentação do capitalismo e retoma a necessidade da classe trabalhadora construir suas próprias defesas a partir da organização.

Dando continuidade à discussão de resgatar os exemplos históricos para nos munirmos de teoria e encontrar uma perspectiva à classe trabalhadora, apresentamos o texto “Lições da história e da luta do Partido dos Panteras Negras”, de John Peterson.

O texto resgata os assassinatos de Malcolm X e Martin Luther King Jr. e seus significados; a fundação do Partido dos Panteras Negras para a Autodefesa em 1966; as várias formas de luta antirracista

encontradas; as influências e confusões teóricas que infestaram o movimento; as condições de ascensão dos Panteras Negras e o rápido declínio; as gangues de rua; a chamada “segunda grande migração”; as leis de segregação; a repressão estatal; o assassinato de Fred Hampton até as lições e o legado dessa riquíssima história da luta contra o racismo nos EUA.

Republicamos também o texto de Alan Woods de 2009, intitulado “Em defesa da teoria ou A ignorância nunca ajudou ninguém”. O texto é uma resposta às críticas que a CMI recebeu pela publicação da coletânea “A Luta de Classes na República Romana”. Alan faz a defesa da teoria a partir da retomada do contexto histórico em que foram escritos clássicos do Marxismo. Obras como Literatura e Revolução, de Trotsky, e Cadernos Filosóficos, de Lenin, são contextualizados, explicando que a teoria está presente mesmo nos momentos mais difíceis, que os revolucionários não se perdem no ativismo, tampouco abandonam a teoria para se adaptar às novas situações.

Em 2020 o suicídio de Vladimir Vladimirovitch Maiakovski completa 90 anos. Dando continuidade à defesa do nosso legado em todos os campos, apresentamos o texto “O mar da história é agitado’ - 90 anos sem Maiakovski: Uma homenagem ao Poeta da Revolução”, escrito por Bruna Reis e Maritania Camargo. Além da homenagem, o texto é um convite para que conheçamos a obra do Poeta da Revolução e, mais do que isso, que reafirmemos que os marxistas têm a obrigação de analisar, conhecer e defender o legado de todo o conhe-

cimento que a humanidade acumulou e daqueles que dedicaram a vida à luta por construir outro futuro.

Ainda nesta edição, damos continuidade ao artigo sobre a herança histórica do bolchevismo em relação ao trabalho na juventude, de Evandro Colzani. Nele mostramos como os bolcheviques se desenvolveram e aprenderam, a partir da própria experiência, a dialogar com as amplas camadas da juventude russa e de toda a Europa. O papel da juventude que esteve presente desde a Revolução Russa de 1905, passando pelo combate à guerra imperialista iniciada em 1914 e participando ativamente da Revolução de Outubro de 1917 reforça a máxima de Lenin de que “*quem tem a juventude, tem o futuro*”.

O texto “Os comunistas, o Estado burguês e suas forças de repressão”, escrito por Serge Goulart, aborda especificamente a questão das forças repressivas do Estado – Forças Armadas e seus braços. Questões como a diferença entre um servidor público e as forças de repressão, o papel do exército e fundamentalmente como os comunistas devem atuar, abordando a formação de patrulhas armadas comunitárias e comitês de autodefesa proletária, são elementos que estão extremamente fundamentados no texto.

Fechando a edição, dedicamos esta publicação ao nosso camarada Roque Ferreira, que faleceu na tarde de 4 de setembro, vítima da Covid-19. A homenagem intitulada “Do Luto à Luta” é a defesa do legado de nosso camarada e a chamada para que continuemos sua trajetória.



Foto: morrisonbrett

# Índice

- 03 **EUA: como a classe trabalhadora pode acabar com o terror policial?**  
Socialist Revolution
- 10 **Lições da história e da luta do Partido dos Panteras Negras**  
John Peterson
- 24 **Em defesa da teoria ou A ignorância nunca ajudou ninguém**  
Alan Woods
- 31 **“O mar da história é agitado”: 90 anos sem Maiakovski  
Uma homenagem ao poeta da Revolução**  
Bruna Reis e Maritania Camargo
- 43 **Os bolcheviques e a juventude (Parte 2)**  
Evandro Colzani
- 54 **Os comunistas, o Estado burguês e suas forças de repressão**  
Serge Goulart
- 67 **Do luto à luta. Em defesa do legado de um comunista imprescindível: Roque, presente!**  
Esquerda Marxista

## Contato com a Corrente Marxista Internacional (CMI) nas Américas

### CANADÁ

Fightback  
fightback@marxist.ca  
www.marxist.ca

Québec  
La Riposte  
lariposte@marxiste.qc.ca

### ESTADOS UNIDOS

Workers International League  
www.socialistappeal.org

### MÉXICO

La Izquierda Socialista  
www.laizquierdasocialista.org  
laizquierdasocialista.org@gmail.com  
facebook.com/laizquierdasocialista

### EL SALVADOR

Bloque Popular Juvenil  
www.bloquepopularjuvenil.org  
redaccion@bloquepopularjuvenil.org

### REPÚBLICA DOMINICANA

cmi.dominicana@gmail.com

### NICARÁGUA

vanguardiamarxistanicaraguense@gmail.com

### HONDURAS

izquierdamarxista.hn@gmail.com

### VENEZUELA

Lucha de Clases  
www.luchadeclasses.org.ve  
cmi.venezuela@gmail.com

### COLÔMBIA

colombiamarxista@gmail.com

### ARGENTINA

Corriente Socialista El Militante  
www.argentina.elmilitante.org  
elmilitante.argentina@gmail.com

### BRASIL

Esquerda Marxista  
www.marxismo.org.br  
contato@marxismo.org.br  
facebook.com/EsquerdaMarxista

### INTERNACIONAL

www.marxist.com/es  
contacto@marxist.com



# EUA: como a classe trabalhadora pode acabar com o terror policial?

---

## Socialist Revolution

*Nas últimas semanas, os EUA chegaram mais perto de uma convulsão revolucionária do que em qualquer outro momento que se possa lembrar.*



Manifestantes em frente à Prefeitura de Seattle /Foto: SounderBruce

O assassinato de George Floyd pela polícia racista de Minneapolis produziu um movimento de enormes proporções, desencadeando um descontentamento acumulado por décadas que chegou em níveis de insurreição em muitas cidades.

A onda de protestos se multiplicou exponencialmente nas últimas semanas. Houve concentrações e manifestações em quase 1.400 cidades, vilas e áreas suburbanas.

Essa mobilização elementar e sem precedentes dos trabalhadores comuns – e acima de tudo, da juventude – deixará uma marca duradoura na consciência dos trabalhadores e da juventude do mundo. Depois de viver os eventos de 2020, ninguém pode negar que

vivemos em uma época de revolução – ou que as massas nos Estados Unidos são capazes de se levantar para derrubar o sistema.

Essa compreensão da situação abalou a classe capitalista em seus alicerces. O presidente Trump aprofundou as divisões da classe dominante e provocou discórdia dentro do próprio Pentágono ao ameaçar com uma “dominação total”, utilizando uma violenta repressão militar. Então, depois que um punhado de manifestantes chegou perto da Casa Branca, o presidente dos EUA foi levado a se esconder em um bunker (abrigo subterrâneo) na sede do governo.

Quanto aos Democratas, estão desesperados para descarrilar o movimento e tirar as massas das

ruas. Recorreram a uma manobra clássica que esperam que funcione: sair a favor do movimento e de suas demandas, e então distorcer seu significado além de todo reconhecimento para esvaziá-los de qualquer conteúdo revolucionário.

Apesar da falta de uma organização, de um partido ou liderança de massa, o movimento começou a encontrar sua voz, reunindo-se organicamente em torno das demandas de “Desfinanciar” ou “Abolir a Polícia”. Esses slogans agora podem ser vistos nos cartazes das manifestações em centenas de cidades. O que isso significa para a maioria dos manifestantes é que eles não pensam mais que a polícia pode ser reformada, mas que deve ser removida pela raiz.

No entanto, a espontaneidade desestruturada do movimento e a ausência de um programa consistente de transformação da sociedade conferem a essas demandas um caráter vago e aberto a muitas interpretações. Isso proporcionou à classe dominante a oportunidade que precisava.

Um punhado de importantes cidades foi compelida a se manifestar a favor de um corte modesto em seus inflados orçamentos policiais. A legislatura do estado de Nova York aprovou um projeto de lei que torna ilegal para a polícia o uso do “estrangulamento”. E embora os marxistas apoiem todas as reformas reais ganhas como subproduto da luta, proibir os estrangulamentos não necessariamente cessará essa prática. Afinal, o assassinato é ilegal, mas a polícia matou George Floyd. E mesmo que parassem de usar esses métodos, ainda teriam muitas outras maneiras de infligir violência aos manifestantes e detidos.

Todas as forças da imprensa burguesa foram mobilizadas para assegurar essa cilada, visto que os meios de comunicação de massa de todo o espectro político dominante interpretam a seu modo o “significado real” da exigência de “desfinanciar a polícia”. Eles asseguram ao público que, na realidade, isso não significa a abolição da polícia, mas apenas uma reformulação da segurança pública.

À frente desta campanha está o Conselho Municipal de Minneapolis, dominado pelo Partido Democrata que, após presidir um reinado mortal de terror policial durante décadas, de repente “viu a luz” e agora trabalha para “desmantelar” o Departamento de Polícia da região metropolitana de Minnesota. Mas o Conselho até agora não forneceu detalhes sobre o que isso significaria, e sejamos claros: eles não aprovaram nenhuma legislação nesse sentido. Simplesmente fizeram uma declaração pública de intenções. Ao mesmo tempo, elogiaram o atual chefe de

polícia. Nas palavras de Phillippe Cunningham, membro do conselho Democrata: “*Temos que trabalhar ao lado de nosso incrível Chefe de Polícia Rondo e de nossa comunidade para construir esses novos sistemas [de segurança pública] e planejar a transição para eles*”. Esta é uma manobra fraudulenta clássica de “bate e assopra” (enganar e depois descumprir o prometido) destinada a confundir e desviar o movimento para canais seguros.

O que fica claro é que ainda haverá algum tipo de força armada, junto à prerrogativa legal de utilizá-la contra os moradores da cidade, independentemente de como seja chamada ou mesmo se for usada com menos frequência para menos tarefas por um período de tempo. Podemos ter certeza de que os capitalistas encontrarão alguém para fazer seu trabalho sujo, mesmo que isso tome a forma de empresas de segurança privada que não prestam contas ao governo da cidade. Eles não estão dispostos a deixar escapar de suas mãos tão facilmente os meios para defender e proteger sua riqueza e poder.

À medida que as condições para a revolução amadurecem rapidamente nos EUA, há uma necessidade urgente de que o movimento lide com algumas questões sérias: Qual o papel da polícia sob o capitalismo? O que será necessário para abolir esta instituição?

### **DESTACAMENTOS DE HOMENS ARMADOS E RACISMO INSTITUCIONAL**

*O homo sapiens sapiens* viveu em sociedades sem classes ou Estado por mais de 95% do tempo em que existimos como espécie no planeta. A vida pode não ter sido sempre idílica, mas, falando de maneira geral, as pessoas tinham que trabalhar juntas de maneira cooperativa para sobreviver – e o fizeram sem necessidade de prisões ou órgãos repressivos especiais acima do restante da sociedade.

Ao longo dos milênios, a produtividade do trabalho aumentou

e uma divisão cada vez mais complexa do trabalho se desenvolveu à medida que os humanos ampliavam o seu domínio sobre a natureza. Em um determinado estágio, devido a uma variedade de fatores contingentes e convergentes, a sociedade foi dividida em linhas de classes. Em uma sociedade de classes, uma minoria exploradora, no topo, vive do trabalho daqueles que estão na base. Para defender o poder, a riqueza e os privilégios da minoria governante, a instituição conhecida como Estado evoluiu.

Friedrich Engels explicou que, em essência, o Estado é “destacamentos de homens armados” em defesa dos interesses da propriedade da classe dominante. Sob o capitalismo, isso inclui uma vasta burocracia, tribunais, prisões, polícia e militares. Tudo isso existe para manter “a lei e a ordem” – as leis e a ordem burguesas. Isso significa que o Estado defende e perpetua uma situação em que a classe capitalista possui os meios de produção, ou seja, as principais alavancas produtivas da economia.

Hoje, nos Estados Unidos, apenas 500 corporações respondem por cerca de dois terços do PIB, com quase US \$ 14 trilhões em receitas anuais e mais de US \$ 1 trilhão em lucros. Embora a maioria dessas riquezas vá encher os bolsos já repletos do 1% do topo, os trabalhadores são os verdadeiros “criadores de riqueza” da sociedade, pois é seu trabalho, aplicado à natureza, que é a fonte de todo valor.

“*O império da lei (burguesa)*” não é a única ferramenta usada para manter a divisão entre o 1% mais rico e a classe trabalhadora. A classe dominante criou todos os tipos de divisões adicionais entre os trabalhadores: urbano versus rural; colarinho branco versus colarinho azul; qualificado versus não qualificado; mulheres versus homens; imigrante versus nativo.

Devido ao legado particularmente venenoso da escravidão, e dado o crisol de imigrantes do país no passado e no presente, uma das





Manifestante com uma placa pedindo o corte de recursos para a polícia /Foto: Taymaz Valley

maiores divisões impulsionadas pelo capitalismo americano é a cor da pele. A história manchada de sangue dos últimos cem anos mostra que, uma vez que o gênio feio do racismo foge da garrafa, não é tão fácil colocá-lo de volta. A classe dominante sabe que, se os trabalhadores estão ocupados lutando entre eles, pode manter o poder mais facilmente. O financista Jay Gould, um “barão ladrão” da Idade Dourada do capitalismo dos EUA, certa vez se gabou de que poderia contratar “metade da classe trabalhadora para matar a outra metade”. Na verdade, a classe dominante americana usou a estratégia de dividir para governar desde antes da Revolução Americana – desde a Rebelião de Bacon em 1676.

Quando ocorrem grandes movimentos como esse, os que estão no topo buscam apaziguar as coisas. Mas, sob a pressão da crise em curso e das massas mobilizadas, a classe dominante dos EUA está mais dividida do que em qualquer outro momento desde o fim da Guerra Civil e da reconstrução posterior. Eles não estão seguros sobre a melhor maneira de proceder. Concessões ou o porrete? O problema com ambas as opções, desde a perspectiva da classe dominante, é que não há concessões possíveis e porretes suficientes para resolver a situação.

A classe capitalista tem dois partidos principais. A maioria dos Republicanos, especialmente Donald J. Trump, de forma cínica e astuta, apoia-se no racismo para atingir seus objetivos políticos. Eles não percebem que a perseguição de seus interesses políticos imediatos continua a enfraquecer seu sistema e seu aparato estatal como um todo. Por sua vez, os Democratas estão tentando adiantar-se ao movimento para cooptá-lo, injetando confusão política e criando ilusões nas soluções legalistas. Ambos se diferenciam apenas no método da defesa do capitalismo e todas as po-dridões que esse sistema sustenta.

Os marxistas buscam trazer clareza política para essas ques-

tões e mostrar um caminho claro a ser seguido. Para deter o terror racista do Estado capitalista, a classe trabalhadora deve ter seu próprio partido, seu próprio governo e se organizar para sua própria defesa. Essa pode não ser uma solução rápida e fácil – mas não há outra saída.

### **NÃO SE PODE TER CAPITALISMO SEM RACISMO E SEM APARATO ESTATAL**

Leis, inércia social, ideologia, propaganda, religião, “dividir para governar” e todo o resto não são suficientes para manter todas as pessoas na linha o tempo todo. Para manter o status quo e dar um exemplo a todos aqueles que questionam ou agem contra essa estrutura obscena, toda a força repressiva do Estado é exercida sobre esta ou aquela parte da população, às vezes seletivamente, às vezes de forma indiscriminada.

Não há como uma pequena minoria explorar uma grande maioria sem “destacamentos armados” para exercer o seu domínio. Isso é especialmente verdadeiro quando as condições de vida da maioria já são ruins e se deterioram rapidamente. Para realmente eliminar uma instituição como a atual força policial, a questão de qual classe detém o poder político e econômico é fundamental. Além disso, não se pode dispersar a polícia em uma única cidade ou estado: a questão policial deve ser tratada no nível nacional.

Existe uma vasta rede de agências de aplicação da lei nos Estados Unidos. No nível federal, existem a DEA, o ATF, o FBI, a ICE, a Polícia do Tesouro, os US Marshals, o Serviço Secreto e muito mais. Além disso, cada ramo das Forças Armadas tem sua própria força policial. A Guarda Nacional é, na verdade, uma força policial auxiliar altamente militarizada, embora em regime de meio período. Cada um dos 50 estados tem pelo menos uma agência de aplicação da lei no nível estadual e há mais desses ór-

gãos nos níveis distrital e municipal, nos tribunais, nas prisões etc.

Na verdade, em 2018, havia quase 690.000 policiais empregados em tempo integral nos Estados Unidos. A classe capitalista nunca desistirá disso – e eles sequer afirmam que o farão. Hipoteticamente, se uma cidade eliminasse sua força policial, a polícia estadual ou do condado poderia intervir, ou novas agências, com nomes e uniformes diferentes, poderiam ser criadas para desempenhar funções de policiamento. A Guarda Nacional também pode ser chamada e, quando a ocasião se apresentar, até mesmo os militares da ativa podem ser chamados, de acordo com a Lei de Insurreição de 1807.

### **COMO PODEMOS REALMENTE ABOLIR A POLÍCIA?**

A história mostra que todas as reformas significativas são um subproduto da revolução ou da ameaça de revolução. Mas, enquanto a classe dominante permanecer no poder, quaisquer reformas ganhas pelas massas sempre serão de natureza limitada e correrão o risco de ser revertidas. Conforme explicado acima, mesmo que sejam forçados a fazer esta ou aquela modificação, os capitalistas exigem um Estado para defender seus interesses fundamentais.

Em última análise, o racismo e a polícia são males sintomáticos de uma doença social mais profunda: o impasse histórico do sistema capitalista, que esgotou todas as possibilidades de promoção do progresso humano geral. A propriedade privada dos principais meios de produção tornou-se incompatível com o bem-estar da maioria. Esta é a causa raiz da onda de convulsões sociais que varreu o globo nos últimos anos e a força motriz que continuará a impulsionar todos os países – incluindo os EUA – em direção a uma revolução socialista.

Até o mês passado, tal declaração poderia parecer estranha ao observador comum, mas os



eventos provaram que mesmo o país capitalista mais poderoso do mundo não está imune a esse processo. Um nó histórico está sendo reatado entre as tradições revolucionárias e as lutas de massa do passado e a nova geração de trabalhadores e jovens, milhões dos quais estão amplamente abertos às ideias revolucionárias.

Milhões de pessoas passaram a entender que arrancar pela raiz uma instituição como a polícia não é tão simples quanto aprovar uma legislação ou emitir uma ordem executiva dentro dos limites do status quo. Para matar a erva daninha, é necessário arrancar a raiz principal. O aparato de aplicação da lei não pode ser abolido enquanto se deixam intactas as leis e a sociedade de classes para a qual foram projetadas. A apropriação privada da riqueza excedente produzida socialmente – e a necessidade de defender essa riqueza e o poder que ela confere por meio da força avassaladora, da intimidação, do encarceramento e do terror de populações inteiras – é a base do governo capitalista.

Compreensivelmente, grande parte dos trabalhadores pensam

que a polícia é um mal necessário em um mundo cheio de criminosos, pobreza e desigualdade. Mas os verdadeiros criminosos são os grandes capitalistas que brincam com a vida de milhões de pessoas apenas para ganhar um “dinheirinho” extra. O pequeno crime é, em geral, o resultado de uma sociedade dividida em classes e, em um mundo de escassez artificial e voltado para o lucro, as pessoas farão tudo o que for necessário para alimentar suas famílias e sobreviver. Além disso, no capitalismo, um sistema em que as pessoas são tratadas como mercadorias, a alienação extrema faz com que existam relações desumanas na sociedade. Em um mundo socialista, no qual todas as necessidades da vida – e muito mais – estarão disponíveis para todos, as relações interpessoais florescerão sobre uma base verdadeiramente humana e os pequenos crimes se dissiparão junto com a sociedade que os gerou inicialmente.

Também é importante notar que durante o socialismo – que é o período de transição entre o capitalismo e o comunismo sem clas-

ses e sem Estado – os trabalhadores no poder precisarão de alguma forma de garantia da segurança e da proteção do público em geral. No entanto, esses órgãos serviriam no interesse da maioria, não dos capitalistas, e estariam sob o controle democrático dos próprios trabalhadores. Os comitês de vigilância de bairro, que surgiram em muitas áreas, são uma antecipação de como isso pode ser.

É por essa razão que qualquer esforço verdadeiramente significativo para dispersar ou desarmar a polícia só pode resultar de uma luta de massas para formar um governo dos trabalhadores. Comitês de autodefesa de bairro, compostos por sindicalistas, trabalhadores não organizados, desempregados e estudantes, seriam um componente essencial dessa luta. Isso marcaria o início do que os marxistas chamam de poder dual – o embrião de um futuro poder dos trabalhadores em oposição ao Estado dos capitalistas.

De forma incipiente, já vimos esses comitês surgirem organicamente em lugares como Minneapolis e Seattle. Esses comitês devem



Memorial próximo ao local onde George Floyd foi assassinado /Foto: Vasanth Rajkumar

ser generalizados, ter estruturas democráticas e responsáveis, e vinculadas nos níveis local, regional e nacional. Somente mobilizando toda a força do movimento operário e da classe trabalhadora mais ampla, os trabalhadores podem tomar o poder do Estado e vencer os sicários financiados pelos capitalistas e as milícias de direita.

A classe trabalhadora dos EUA criou organizações de massa na forma de sindicatos com mais de 14 milhões de pessoas. O trabalho organizado, com sua vasta rede de filiados, de espaços de reunião, mídia e muito mais, está em uma posição única para ajudar a facilitar e coordenar a extensão de tais comitês em todos os lugares. Muitos sindicalistas já participaram da luta, recusando-se a dirigir ônibus lotados de policiais ou presos. O Sindicato dos Trabalhadores dos Transportes apoiou seus membros nisso. Alguns trabalhadores portuários e caminhoneiros também estão organizando paralisações de trabalho para homenagear George Floyd. E muitos membros individuais dos sindicatos desempenharam um papel ativo nos protestos e na defesa dos bairros.

No entanto, a liderança do movimento sindical não fez nada que se aproximasse do papel que poderia e deveria desempenhar neste movimento. Os líderes dos principais sindicatos e a Federação Americana do Trabalho e Congresso de Organizações Industriais (AFL-CIO) devem estar na linha de frente dessa luta. Por exemplo, o trabalho organizado tem o poder de organizar e realizar uma greve geral – podemos ter certeza de que, com isso, chamaria a atenção da classe dominante! E, no contexto dos Estados Unidos, uma greve geral faria mais do que isso – colocaria claramente a questão de qual classe deve governar a sociedade.

Os sindicatos também podem destruir o apodrecido sistema bipartidário, rompendo imediatamente com os dois partidos capitalistas e construindo um partido dos

trabalhadores. Tudo isso poderia ser acompanhado de campanhas para organizar os trabalhadores. Dada a insatisfação da sociedade, pesquisas recentes mostram que cerca da metade da força de trabalho não sindicalizada dos Estados Unidos se juntaria imediatamente a um sindicato se tivesse a chance – uma campanha de organização militante em todo o país poderia aumentar rapidamente as fileiras do trabalho organizado e lançar as bases para uma ofensiva total na luta de classes. Infelizmente, a maioria dos líderes sindicais atuais se limita a emitir meros chavões e a dar seu apoio a Biden e aos Democratas. E não vamos esquecer que não apenas Biden, mas também Bernie se manifestaram publicamente contra a retirada de fundos da polícia – algo em que podem concordar com Donald Trump.

*Muitos membros individuais dos sindicatos desempenharam um papel ativo nos protestos e na defesa dos bairros. No entanto, a liderança do movimento sindical não fez nada que se aproximasse do papel que poderia e deveria ter neste movimento.*

Quanto aos “sindicatos” policiais afiliados à AFL-CIO, é claro que eles há muito defendem e encobrem o racismo galopante e o abuso de poder dentro de suas fileiras. Essas organizações funcionam mais como trapaceiros ou cartéis, usando sua importância para a classe dominante como uma alavanca para “defender aos seus” – incluindo muitos sociopatas racistas. À medida que o movimento de luta contra a brutalidade policial continua a se expandir, os sindicatos da polícia estão claramente desempenhando o papel esmagadoramente reacionário de conter o desencadeamento das energias do

trabalho organizado no lado correto da história.

A inclusão dessas organizações poderia representar um possível ponto de pressão da classe trabalhadora mais ampla sobre o aparelho de estado capitalista? Sem dúvida, esta seria uma possibilidade no curso de uma escalada dramática da luta de classes. Afinal, houve numerosos exemplos de fileiras de policiais se desfazendo ou sendo parcialmente imobilizadas sob a pressão da luta de classes mais ampla no contexto de situações revolucionárias em todo o mundo.

Mas o ponto de partida do método marxista é a realidade viva da luta de classes, como ela se desenrola concretamente, e não as formulações abstratas ou as posições que se aplicam a todos os cenários, independentemente do tempo e do lugar. Um ponto crítico foi alcançado e, se quisermos aproveitar o enorme potencial inexplorado da classe trabalhadora, os líderes trabalhistas nacionais e locais devem agir e mostrar sem cerimônia a porta de saída a essas entidades.

No entanto, mesmo que os sindicatos da polícia fossem expulsos da AFL-CIO, isso não absolveria os líderes trabalhistas de sua negligência e de suas políticas de colaboração de classe. Em vez de usar seu poder e recursos para mobilizar seus milhões de membros, de forma total, para apoiar os protestos, eles emitiram declarações mornas de solidariedade abstrata. Em vez de encher as ruas com os batalhões pesados da classe trabalhadora, para desafiar os toques de recolher e defender as manifestações da polícia, dos provocadores e das milícias de extrema direita, eles depositaram todas as suas esperanças nas eleições de novembro. Em vez de ajudar a facilitar a extensão dos comitês de autodefesa de bairros por todo o país, emitiram condenações abstratas da violência e da destruição de propriedade – sem apontar explicitamente quem é responsável pela vasta maioria dessas ações. E, em vez de se preparar me-

ticulosamente para uma greve geral bem-sucedida, o presidente da AFL-CIO, Richard Trumka, simplesmente condena as “forças do ódio” e clama por “justiça”, no abstrato.

Em última análise, a principal razão pela qual a liderança trabalhista está desempenhando um papel tão covarde e passivo é que não vê nenhuma alternativa para o sistema capitalista – e não tem absolutamente nenhuma confiança na conquista do poder político e econômico pela classe trabalhadora. Os marxistas, por outro lado, estão mais cheios de confiança do que nunca no poder que tem a classe trabalhadora de mudar fundamentalmente a sociedade.

### **POR UM GOVERNO DOS TRABALHADORES PARA ELIMINAR A BASE DO RACISMO!**

O racismo e a ideologia reacionária da supremacia branca têm sido um problema detestável nos Estados Unidos desde antes de o país ser formalmente fundado. Esse veneno foi conscientemente administrado para apoiar e justificar a escravidão, e logo se perpetuou e evoluiu para a manutenção do sistema capitalista como um todo. O capitalismo tem o racismo em seus próprios alicerces. A classe trabalhadora só pode confiar em suas próprias forças para varrer esse lixo.

Um partido socialista de massas da classe trabalhadora, uma vez constituído, representará um salto histórico na luta de classes. Um verdadeiro veículo político da classe trabalhadora lideraria e coordenaria manifestações ainda maiores. Alcançaria os trabalhadores nas ruas e os que observam o movimento em seus locais de trabalho ou residências. Isso combinaria a demanda por um governo dos trabalhadores com a ação – como uma greve geral. O processo de construção de uma greve bem-sucedida em todo o país construiria por si só a con-

fiança e unidade da classe trabalhadora na luta contra o racismo.

No entanto, a demanda por um governo dos trabalhadores e pela substituição da polícia capitalista por comitês de autodefesa de bairro deve estar combinada à luta mais ampla por melhorias na qualidade de vida da maioria. Afinal, a luta contra a ameaça diária da violência policial é uma das reivindicações democráticas mais básicas – o direito de continuar nossas vidas sem sermos discriminados, assediados, torturados ou mesmo assassinados por motivos espúrios.

O sistema capitalista ameaça a vida dos negros de inúmeras maneiras – não é apenas por meio da violência policial direta que a vida se torna impossível para milhões de pessoas todos os dias. É por essa razão que o movimento deve lutar pelo socialismo – por uma sociedade de pleno emprego, com salários mais altos, com uma semana de trabalho dramaticamente mais curta, moradia de qualidade para todos, bem como saúde e educação universal gratuitas, e muito mais.

Um governo dos trabalhadores lançaria um programa massivo de obras públicas úteis, com salários sindicais, começando nos bairros de maior desemprego, onde as pessoas poderiam ser contratadas para construir casas de qualidade, parques, áreas de recreação, escolas, hospitais etc., eliminando a discriminação salarial de todo tipo. Hoje, para cada dólar que um trabalhador branco ganha, um trabalhador latino ganha US\$ 0,90 e um trabalhador negro apenas US\$ 0,73. E para cada dólar que um trabalhador branco ganha, uma trabalhadora negra ganha apenas \$ 0,64. Esses são exemplos frios e duros da desigualdade capitalista e sua política de dividir para governar.

Nas últimas três semanas, testemunhamos um movimento extraordinário de centenas de milhares de pessoas enfrentando a repressão policial brutal e a ame-

ça de intervenção militar. Isso mostra o enorme poder das massas trabalhadoras quando começam a se mover. Ao mesmo tempo, devemos deixar claro que protestos em massa por si só não são suficientes para mudar fundamentalmente a sociedade. Se não construirmos uma representação política e afirmarmos nosso poder de consolidar nossos avanços, o movimento inevitavelmente desinflará em determinado momento – e a classe dominante será encorajada para um contra-ataque, sob qualquer forma que possa ocorrer.

O caminho a seguir está claro, a classe trabalhadora tem um enorme potencial de poder. Ela pode virar o mundo de cabeça para baixo no próximo período histórico, é necessário mobilizar e agir como uma classe em si e para si. Essa é a perspectiva pela qual a CMI luta. Junte-se a nós e ajude-nos a lançar as bases de um partido socialista de massas armado com as ideias marxistas!

- Para lutar contra policiais assassinos, lute contra o capitalismo!
- Pela unidade da classe trabalhadora – podemos confiar apenas em nossas próprias forças e organizações! Uma ofensa a um é uma ofensa a todos!
- Construir comitês de autodefesa de bairros democraticamente eleitos e responsáveis em todos os lugares!
- Os trabalhadores organizados devem se juntar ao movimento, facilitar a articulação dos comitês de bairro, convocar uma greve geral e parar o país!
- Abaixo Trump, os Republicanos e os Democratas!
- Por um partido socialista de massas da classe trabalhadora e por um governo dos trabalhadores, para substituir o estado capitalista, sua polícia e suas instituições!



# Lições da história e da luta do Partido dos Panteras Negras

---

John Peterson

*O movimento #BlackLivesMatter mostra claramente que, apesar das lutas pelos direitos civis do passado, a desigualdade e o racismo ainda prosperam na América. Muitos jovens em particular estão buscando respostas e um caminho para resolver os problemas enfrentados pela sociedade.*



**Panteras Negras protestam em Seattle contra restrições ao direito de portar armas**

Como marxistas, estamos na linha de frente da luta contra a discriminação em todas as suas formas. Acreditamos que para termos sucesso isso deve estar combinado à luta unificada da classe trabalhadora contra o capitalismo e pelo socialismo. Aproveitamos esta oportunidade para olhar para trás e aprendermos com os êxitos e fracassos de uma das experiências mais inspiradoras de nosso movimento.

Já se passaram cinquenta anos desde o assassinato de Malcolm X em 21 de fevereiro de 1965. Três anos depois do assassinato de Malcolm, em 4 de abril de 1968, Martin Luther King Jr também foi abatido pela bala de um assassino. A verdadeira trajetória política

desses dois grandes líderes foi obscurecida por aqueles que caricaturariam e corromperiam seu legado. Os esforços revolucionários de seus últimos anos foram enterrados sob uma montanha de calúnias e hinos hipócritas a sua grandeza. Como Lenin explicou em O Estado e a Revolução, com relação ao tratamento recebido pelas ideias de Marx pelos reformistas:

*“Dá-se com a doutrina de Marx, neste momento, aquilo que, muitas vezes, através da História, tem acontecido com as doutrinas dos pensadores revolucionários e dos dirigentes do movimento libertador das classes oprimidas. Os grandes revolucionários foram sempre perseguidos du-*

*rante a vida; a sua doutrina foi sempre alvo do ódio mais feroz, das mais furiosas campanhas de mentiras e difamação por parte das classes dominantes. Mas, depois da sua morte, tenta-se convertê-los em ídolos inofensivos, canonizá-los por assim dizer, cercar o seu nome de uma auréola de glória, para ‘consolo’ das classes oprimidas e para o seu ludíbrio, enquanto se castra a substância do seu ensinamento revolucionário, embotando-lhe o gume, aviltando-o”*

Entre os sangrentos episódios dos assassinatos de Malcolm e Martin, em outubro de 1966 foi fundado o Partido dos Panteras Negras para a Autodefesa. Os anos

prévios e posteriores foram um período turbulento, com o boom econômico do pós-guerra chegando ao seu pico e logo minguando, com a desindustrialização do país em progresso, com a Guerra do Vietnã e a intensificação dos protestos contra ela e com a sucessão de assassinatos políticos, tudo isso em um cenário de expansão da polarização social. Nas cidades do interior negligenciadas e brutalizadas, os americanos negros se lançaram no vórtice da luta, com a mirada fixa no racismo institucional do sistema, resistindo desafiadoramente a todas as tentativas de subjugar e pisotear a própria dignidade dos mais explorados e oprimidos.

A luta assumiu muitas formas, de bloqueios pacíficos a confrontos militantes, de manifestações de massas a emboscadas policiais, de ocupações estudantis ao assassinato de oficiais incompetentes e reacionários pelos soldados no Vietnã, de programas de alfabetização e distribuição de cafés da manhã às intrigas e campanhas políticas. As bases da população negra começaram a agir. Organizadores sindicais, estudantes universitários, veteranos de guerra, donas de casa, congregações Batistas, Muçulmanos Negros e mesmo gangs de rua entraram na briga. Reivindicações com um claro conteúdo de classe foram levantadas, incluindo: “Empregos para Todos Agora!” e “Pelo Pleno Emprego!” Uma avalanche de ideias – e não sem uma pequena quantidade de confusão – afetaram e infectaram as mentes das pessoas: stalinismo, maoísmo, guevarismo, nacionalismo negro, anti-imperialismo, terceiro-mundismo, estudantismo, obreirismo, nova-erismo e mais uma miríade de outras variações. A fermentação revolucionária também se expressava em uma vibrante explosão de arte e cultura em todas as suas formas, da música, teatro, dança e poesia ao cinema e à arte de rua.

Mas essa colossal efusão de energia falhou em transformar a sociedade a partir de suas raízes.

O capitalismo terminou ganhando outro sopro de vida. Como resultado, a podridão do racismo continua como uma ferida purulenta e debilitante aberta no corpo coletivo da classe trabalhadora até hoje. Sem a necessária liderança e organização revolucionária, sem as ideias, os métodos, as perspectivas e a clareza política do marxismo, aquela energia frenética acabou se dissipando. O capitalismo se estabilizou e ficou livre para continuar seu deboche lucrativo. Os anos 1960 foram drenados para os anos 1970 e logo para os anos 1980, e então começou o prolongado declínio do Trabalho estadunidense e dos diversos movimentos sociais que abalaram a classe dominante até seus alicerces naqueles anos de tempestade e estresse. Os trabalhadores negros estavam entre os mais duramente atingidos quando terminou o auge do pós-guerra e enormes setores da indústria foram desmantelados.

Para os que quiserem aprender com os acontecimentos daquela época, talvez não haja experiência mais digna de ser investigada do que a ascensão e queda do Partido dos Panteras Negras (BPP, em suas siglas em inglês). De um pequeno punhado de ativistas em Oakland, Califórnia, chegou à proeminência nacional e internacional, eletrizando milhões de pessoas em todo o mundo. Os pontos fortes e débeis do programa do BPP já foram abordados detalhadamente em outro momento. Neste artigo, vamos nos concentrar na ascensão meteórica e no colapso precipitado do partido, além das lições que se podem extrair desses fatos.

Quais foram, então, as condições econômicas, sociais e políticas que levaram à ascensão dos Panteras Negras e ao seu rápido declínio? Por que o movimento trabalhista e a esquerda mais ampla não preencheram o vácuo? Por que os esforços dos Panteras Negras não foram suficientes para erradicar o capitalismo e o imperialismo do planeta? Que táticas

e métodos podem nos permitir alcançar o socialismo?

Como marxistas revolucionários comprometidos com a luta pelo socialismo, nossa tarefa não é encobrir ou glorificar a experiência histórica de nossa classe. Pelo contrário, devemos buscar desembaraçar a dinâmica dialética de todos os fenômenos, identificar o que é essencial e o que não é, compreender sua força motriz interna e assim chegar a uma compreensão mais profunda, mais equilibrada e mais matizada. É com esse ânimo que examinaremos a vida e a morte do BPP e seus líderes.

## O MOVIMENTO DOS DIREITOS CIVIS

A ascensão, o desenvolvimento e a trajetória do Partido dos Panteras Negras não pode ser abstraído do contexto histórico mais amplo e das condições nas quais emergiu e se expandiu. O final dos anos 1960 e o início dos anos 1970 testemunharam uma ampla radicalização da juventude. A oposição à Guerra do Vietnã se ampliou, com marchas sobre Washington e ocupações de campi universitários. Internacionalmente, a revolução estava fermentando na França, Checoslováquia e Paquistão, e se produziu um movimento estudantil de massa e que foi massacrado no México.

A revolução colonial estava no auge na África e na Ásia, e guerras de guerrilha pontilhavam na América Latina. As organizações de massa stalinistas e maoístas espalhavam desorientação política em escala mundial. Estudantes por uma Sociedade Democrática (SDS, em suas siglas em inglês) emergiu como um canal para a ira nos campi. A Nova Esquerda semeou confusão em cima de confusão no turbilhão de ideias que já enchia as mentes da juventude. A polarização nos EUA foi pontuada por violentos ataques policiais contra os manifestantes e os chamados “motins raciais” nas cidades de todo o país.

Apesar dessa turbulência, o BPP se formou no caudado movimento mais amplo dos direitos civis, em um momento em que enormes reservas de energia já haviam sido gastas pelas massas de trabalhadores negros. A batalha para conquistar a igualdade democrática básica foi uma verdadeira mobilização de massa que durou décadas. Suas raízes remontam às lutas posteriores à Primeira Guerra Mundial dos veteranos que regressavam e da Brotherhood of Sleeping Car Porters [Irmandade dos Transportadores de Veículos Adormecidos] (BSCP, em suas siglas em inglês), a primeira organização de trabalhadores liderada por negros a ser aceita na American Federation of Labor (AFL). Já na década de 1920, os líderes do BSCP, C. L. Dellums e A. Philip Randolph, foram pioneiros na luta contra a desigualdade racial e a segregação que prevaleciam em todo o Sul.

Muitas organizações e movimentos foram formados e submetidos à prova no início do século XX. Líderes e intelectuais, como Booker T. Washington, Marcus Garvey e W.E.B. Dubois, ofereceram uma gama de soluções, desde a autoajuda de “er-

guer-se por si mesmo” e a submissão respeitosa ao status quo, ao separatismo racial radical e ao movimento “Volta à África”, o pan-africanismo, o integracionismo militante e até mesmo o socialismo. As grandes batalhas que assinalaram o surgimento do Congress of Industrial Organizations (CIO) abalaram o Sul na década de 1930, particularmente na indústria têxtil. O fervente descontentamento subiu ainda mais depois da II Guerra Mundial, quando novas ondas de veteranos retornaram, convencidos de que não aceitariam mais a “cidadania de segunda classe”, exigindo empregos para todos.

Durante a guerra, teve início a segunda “Grande Migração” de negros do Sul aos centros industriais do Norte, Meio-Oeste e Oeste. Milhões de pessoas fluíram do Sul de Jim Crow<sup>1</sup> em busca de uma vida melhor para elas e seus filhos, só para encontrar hostilidade e discriminação semelhantes em seus novos lares. Desde a Guarda Nacional sendo convocada para impor a integração nas escolas públicas em Arkansas, ao boicote de ônibus em Montgomery e aos cães policiais e canhões d’água de Birmingham, o que começou como um movimento mais localizado nas pro-

fundezas do Sul, finalmente se consumou em todo o país. Depois de muitos sacrifícios, mártires, julgamentos e erros, um punhado de importantes direitos democráticos, embora limitados, foram arrancados à classe dominante e Jim Crow foi desmantelado – pelo menos, no papel. Muitos dos que haviam participado dessas momentosas batalhas voltaram à “vida normal”, e o rio inundante da luta de classes começou a recuar para suas margens.

No curso do movimento pelos direitos civis, organizações como Student Nonviolent Coordinating Committee (Comitê de Coordenação de Estudantes Não-violentos) (SNCC) foram formadas. Essencialmente, através da ala jovem da organização de Martin Luther King Jr, a Conferência de Liderança Cristã do Sul (SCLC, em suas siglas em inglês), o SNCC desempenhou um papel fundamental na organização de “Freedom Rides” (“Passeatas pela Liberdade”) e nas campanhas de registro de eleitores em algumas das mais direitistas e atrasadas áreas do Sul. Centenas de jovens brancos e negros de fora da região, muitos deles filiados ao Congress of Racial Equality



Marcha pelos Direitos Civis em Washington



(Congresso da Igualdade Racial) (CORE), arriscaram suas vidas para participar dessas campanhas integracionistas. Alguns deles perderam até mesmo suas vidas ao desafiar os regulamentos locais de segregação, recusando-se a se curvar ao terror assassino da Ku Klux Klan no “Mississippi em Chamas”. O SNCC também desempenhou um importante papel na organização da “Marcha por Empregos e Liberdade”, de MLK Jr, em Washington, em 1963.

### PODER NEGRO

No entanto, muitos desses jovens ativistas estavam cada vez mais insatisfeitos com a abordagem pacifista de líderes como MLK Jr, com os companheiros de viagem liberais e com o Partido Democrata. A seu modo, iam chegando à compreensão de que explorados e exploradores não podem coexistir, que tornar o capitalismo um pouco menos funesto implementando algumas reformas aqui e ali não era suficiente. Alguns deles formaram a Lowndes County Freedom Organization (Organização para a Liberdade do Condado de Lowndes) (LCFO). Os ativistas armados da LCFO lançaram uma campanha eleitoral por um terceiro partido para desafiar tanto os Democratas quanto os Republicanos, e tiveram êxito em registrar 2.500 eleitores negros no condado mais dominado pela KKK, no Alabama. Embora suas campanhas eleitorais tenham fracassado, sua abordagem militante ressoou entre jovens ativistas negros por todo o país. Como símbolo, escolheram uma pantera negra.

Frustrado, impaciente com a falta de resultados imediatos e buscando um atalho, o SNCC fez uma grande mudança estratégica em 1966, sob a liderança de Stokely Carmichael. Declarando que o caminho a seguir era o “Poder Negro” – isto é, poder político e autossuficiência de, por

e para as pessoas negras apenas – o SNCC decidiu expulsar seus membros brancos. A instintiva resistência das fileiras do SNCC contra este enfraquecimento da unidade ficou evidenciada na votação total: 19 a favor, 18 contra e 24 abstenções. Mas o dano estava feito.

Durante décadas, os americanos negros lutaram pela integração na sociedade americana mais ampla, por igualdade de direitos, empregos e oportunidades para todos. Agora, o nacionalismo e o separatismo negro reviviam, injetados em uma camada de jovens ativistas. A partir do Alabama, esse conceito se espalhou por todo o país. Muitos dos ativistas brancos expulsos do SNCC voltaram aos seus campi universitários e formaram o núcleo do movimento anti-Guerra do Vietnã. No entanto, a luta mais ampla de mudar coletivamente a sociedade foi profundamente minada.

### FUNDAÇÃO DO PARTIDO DOS PANTERAS NEGRAS

A impaciência e o aventureirismo de uma camada de jovens ativistas expressou o desespero crescente das camadas avançadas, que podiam sentir que o movimento de massa das décadas anteriores estava diminuindo sem ter alcançado totalmente seus declarados objetivos. Entre os estudantes ativistas brancos, o terrorismo individual do Weather Underground, que cresceu a partir do SDS, foi uma expressão eventual disso.

Alguns ganhos legislativos relativos à igualdade racial foram obtidos, mas empregos, cuidados de saúde, educação, transporte de qualidade, moradias e infraestrutura estavam longe de estar universalmente disponíveis, e os jovens americanos negros eram os menos propensos a ter acesso a eles. A batalha por uma genuína igualdade estava longe de terminar. Mas a esquerda estava fraca, fragmentada e ideologicamente confusa. A liderança trabalhista de direita estava comprometida com a colabora-

ção amigável com os patrões. Como resultado, o vácuo de liderança política nas cidades pobres, em sua maioria negras, foi eventualmente preenchido por grupos como o Partido dos Panteras Negras.

Inspirados no apelo de Malcolm X de lutar “por quaisquer meios necessários”, Huey Newton e Bobby Seale, que estudaram juntos no Merritt College, em Oakland, Califórnia, fundaram o Partido dos Panteras Negras para a Autodefesa em 15 de outubro de 1966. A escolha do nome e símbolo foi uma homenagem ao trabalho da LCFO no Alabama. Eles levaram o conceito de “Poder Negro” além da mera política eleitoral e acreditavam que “por quaisquer meios necessários” incluía pegar em armas para defender as vidas de negros sendo brutalizados pela polícia. Para eles, já não seria mais “os negócios, como de costume”. O BPP não iria permitir que ninguém os impedisse de serem ouvidos.

### ESPIGARDAS E ÓCULOS ESCUROS

O programa, a imagem e a militância do partido tocaram na fibra sensível de uma camada de jovens negros e eles cresceram rapidamente. O extrato a seguir do julgamento de um ex-membro do BPP nos dá uma indicação do que atraía as pessoas quando entravam em cena pela primeira vez:

**Promotor:** *Por que se juntou ao partido?*

**Ex-membro do BPP:** *Pensava que o Partido dos Panteras Negras estava fazendo algo que precisava ser feito. Eles se opunham ao racismo e eu achava que, como o racismo é um problema nos Estados Unidos, o partido estava fazendo o que era necessário.*

**Promotor:** *Por que você escolheu o Partido dos Panteras Negras em vez de outras organizações que existiam na época?*

**Ex-membro do BPP:** *Bem, as outras organizações que conhecia já existiam há um bom tem-*



Convenção Constitucional Popular Revolucionária, conferência organizada pelo Partido dos Panteras Negras na Philadelphia em 1970

po e o problema ainda existia. O Partido dos Panteras Negras era novo e eu pensei que talvez uma nova abordagem pudesse resolver o problema.

**Promotor:** O Partido dos Panteras Negras tinha alguma abordagem que você percebeu naquele momento e pensou que talvez fosse mais vantajosa e benéfica?

**Ex-membro do BPP:** Sim, ao assumir a posição de que tínhamos e temos o direito de autodefesa em oposição à não-violência.

Inicialmente, seu foco era a organização de patrulhas de cidadãos armados em Oakland para expor, evitar e – se necessário – lutar contra a brutalidade do “exército de ocupação da polícia”. Em 25 de abril de 1967, eles publicaram a primeira edição do The Black Panther (O Pantera Negra). Em 2 de maio desse mesmo ano, levaram as coisas a outro nível. Em um movimento publicitário cuidadosamente planejado, enviaram 26 membros armados do BPP, em jaquetas de couro, boinas e óculos escuros à capital do estado de Sacramento para protestar contra a legislação que restringiria o porte público de armas de fogo carregadas.

Irrrompendo entre a barragem da polícia estadual e entrando nas câmaras da assembleia legislativa, eles corajosamente declararam que precisavam de armas para se defenderem dos racistas. Quase imediatamente, essas “chocantes” imagens dos Panteras foram divulgadas em jornais e televisões de todo o mundo. Como a mídia explicou, “com o rosto sombrio e silencioso, uma fileira de jovens negros furiosos, portando rifles carregados, invadiu a capital do estado aqui em Sacramento”.

O fundador do BPP, Huey Newton cresceu nas violentas ruas de Oakland. Era altamente inteligente, político, encantador e transpirava extraordinária autoconfiança. Mas também tinha um lado sombrio e, ao longo de sua vida, havia recorrido à violência física para re-

solver problemas. Das brigas com crianças da vizinhança a brigas com membros de gangs e com a polícia, e eventualmente culminando em acusações de assassinato, a violência acompanhou o “Ministro da Defesa” do BPP durante toda sua vida.

Em outubro de 1967, ele foi preso sob a acusação de matar um policial de Oakland. Em resposta, o membro fundador e editor de O Pantera Negra, Eldridge Cleaver lançou a campanha “Liberdade para Huey”, que absorveria grande parte da energia da organização nos anos seguintes. No curso da divulgação da campanha, eles estabeleceram novas seções em cidades de todo o país e forjaram alianças com outras organizações radicais, como os Brown Berets (Boinas Marrons), o Movimento Indígena Americano, os Jovens Irmãos Porto-riquenhos e os Young Lords.

Depois que Newton foi libertado da prisão, houve mais alterações com a polícia. Ao mesmo tempo, ele se tornou uma celebridade e foi paparicado pelos “liberais de limusine”. Grandes doações ao partido vieram de celebridades de Hollywood e Nova Iorque, e se tornaram uma grande fonte de financiamento para as atividades do partido. Leonard Bernstein, Marlon Brando, Jane Fonda, Donald Sutherland, Harry Belafonte, Angie Dickson e outras celebridades simpatizantes, que sentiam que o establishment tinha que mudar de alguma forma, deram o seu apoio. Em 1970, Jane Fonda descreveu o BPP como “*Nossa vanguarda revolucionária – devemos apoiá-los com amor, dinheiro, propaganda e risco*”.

Em fevereiro de 1968, Stokely Carmichael, o ex-presidente do SNCC, se juntou ao BPP e foi designado como “Primeiro-Ministro” do partido. Como resultado, importantes camadas do partido foram atraídas ao nacionalismo negro. Outros se sentiram alienados com este novo tom e abandonaram completamente o partido. Sob a

influência de Carmichael, o partido adotou slogans como “*Poder Branco para o povo branco! Poder Moreno para o povo moreno! Poder Amarelo para o povo amarelo! Poder Negro para o povo negro!*” Embora, superficialmente, isso parecesse eminentemente “ecumênico” e “democrático” era, na realidade, uma trágica queda no segregacionismo e estava contra o sentimento integracionista da maioria da classe trabalhadora negra. Como minoria da população, os negros americanos nunca serão capazes de lutar contra a classe capitalista por conta própria.

A unidade da classe trabalhadora é de fato sua mais importante força e deve ser ardentemente defendida e alimentada. Dividi-la voluntariamente ao longo de linhas raciais, étnicas, religiosas, de gênero ou qualquer outra linha joga diretamente ao lado da estratégia de “dividir para dominar” da classe dominante. Se a divisão é de alguma forma boa para o explorado e oprimido, por que os impérios romano e britânico, para oferecer apenas dois exemplos, perseguiram zelosamente esta política durante seus séculos de exitosa subjugação e dominação de dezenas de milhões de pessoas?

### **“SERVIR AO POVO” E ÀS GANGS DE RUA**

No início de 1968, o partido vendeu cópias do Pequeno Livro Vermelho de Mao a estudantes universitários a fim de comprar armas de fogo. Logo em seguida, tornaram obrigatória a leitura do livro e começaram a adotar, como atividade política, o modelo maoísta de “servir ao povo”. Em 1969, os programas de serviços sociais eram a principal atividade de muitos membros do BPP, incluindo o Programa de Café da Manhã Grátis para Crianças, a distribuição de calçados e roupas e clínicas comunitárias de saúde.

À primeira vista, tornar o programa de “servir ao povo” como





Manifestação de estudantes universitários contra a Guerra do Vietnã, na faixa: "Terminem a guerra agora! Tragam as tropas para casa"

objetivo do partido soa muito radical e alimentar crianças famintas é certamente um objetivo louvável. No entanto, não é o principal papel do partido revolucionário fazer caridade e prestar serviços sociais, ou seja, preencher a lacuna deixada pelo Estado burguês. Um papel que o partido pode desempenhar no curso de suas atividades é organizar a classe trabalhadora e amplas camadas da população para exigir do Estado burguês ajuda e melhores serviços sociais. No entanto, um partido revolucionário só pode tentar organizar as massas se tiver um número suficiente de quadros treinados.

Quando um problema atinge a classe trabalhadora, como um terremoto ou uma longa greve que causa fome nas famílias dos grevistas, os revolucionários podem certamente organizar uma ajuda de classe, mas isso é complementar à prioridade principal de construir o fator subjetivo. Se concentrarmos nossas atividades políticas no trabalho de caridade, a lista de problemas sob o capitalismo nunca terminará, e nunca teremos sucesso em construir uma organização que possa levar a classe trabalha-

dora a transformar a sociedade e acabar com a necessidade desse trabalho de caridade de uma vez por todas. Mesmo que a importância da educação política seja reconhecida em palavras, na prática isso leva a um ativismo constante de baixo nível e a uma porta giratória de adesão.

A principal lição do Partido Bolchevique é que alguns slogans simples, a boa vontade e o trabalho árduo não são suficientes para provocar a revolução socialista. A tarefa essencial do partido revolucionário é construir uma organização de quadros com raízes em cada local de trabalho, escola e bairro, capaz de conduzir a classe trabalhadora ao poder estatal e econômico, permitindo assim que a humanidade use coletivamente a riqueza da sociedade para melhorar a qualidade de vida de todos por meio de mudanças estruturais fundamentais. Sua função única e indispensável é fundir uma organização a partir das camadas mais avançadas da classe trabalhadora e, por meio delas, conectar essas idéias a camadas cada vez mais amplas da classe – a verdadeira e única força motriz da revolução.

Não há atalhos para as massas. O partido deve primeiro passar pelo demorado e trabalhoso processo de montar o primeiro núcleo de quadros teoricamente treinados. "Servir ao povo" é, em última análise, uma forma de substituição, de tentar substituir as pequenas forças do partido pela expressão consciente e organizada da própria classe trabalhadora. Assim, a confusão política, já presente no programa de fundação original, foi ainda mais agravada, e o foco dos Panteras neste tipo de trabalho não levou à construção de um núcleo de aço temperado de quadros marxistas.

#### REPRESSÃO ESTATAL

O FBI e a polícia local estavam de olho nos Panteras desde o início. Após sua marcha sobre Sacramento e a prisão de Huey Newton, por ter atirado supostamente em um policial, eles rapidamente se tornaram o inimigo público número um.

A violência política no país estava atingindo um nível febril. Depois que Martin Luther King Jr foi assassinado em abril de 1968,

tumultos eclodiram em Washington, D.C., Baltimore, Louisville, Kansas City, Chicago, Detroit e Wilmington, Delaware. Poucos dias depois, Bobby Hutton, de 17 anos, que havia sido o tesoureiro e primeiro recruta do BPP, foi morto pela polícia de Oakland após um tiroteio de 90 minutos. Ele foi baleado dez vezes enquanto corria, desarmado, para fora de sua casa, que havia sido incendiada pelos policiais a fim de tirá-lo de lá. O tiroteio começou depois que Hutton, Eldridge Cleaver e seis outros supostamente emboscaram a polícia para “libertar Huey”. Em junho do mesmo ano, Bobby Kennedy foi assassinado. A violência então se espalhou à Convenção Nacional Democrata em Chicago.

Em meio a esse caos descontrolado, o diretor do FBI, J. Edgar Hoover, um anticomunista raivoso, aproveitou a oportunidade para reprimir jovens negros militantes que empunhavam armas de fogo e inspiravam o desafio nos bairros pobres de todas as grandes cidades dos Estados Unidos. Ele desencadeou toda a força do estado contra o BPP na forma do COINTELPRO, um programa iniciado em 1956, cujo objetivo era “aumentar o divisionismo, causar rupturas e ganhar deserções” dentro do Partido Comunista dos EUA. Praticamente a mesma abordagem seria adotada em relação aos Panteras – com a ajuda extra da perfídia e da brutalidade.

Após as eleições presidenciais de 1968, nas quais o Sr. “lei e ordem” Richard Nixon foi vitorioso, o FBI enviou aos seus escritórios locais um memorando pedindo “medidas de contraespionagem criativas e contundentes, destinadas a paralisar o Partido dos Panteras Negras”. Em outro memorando, convocava os agentes a “formular técnicas específicas de contraespionagem para interromper essa atividade nefasta”. A “atividade nefasta” em questão eram os programas de café da manhã do BPP, que o FBI temia estar “fazendo

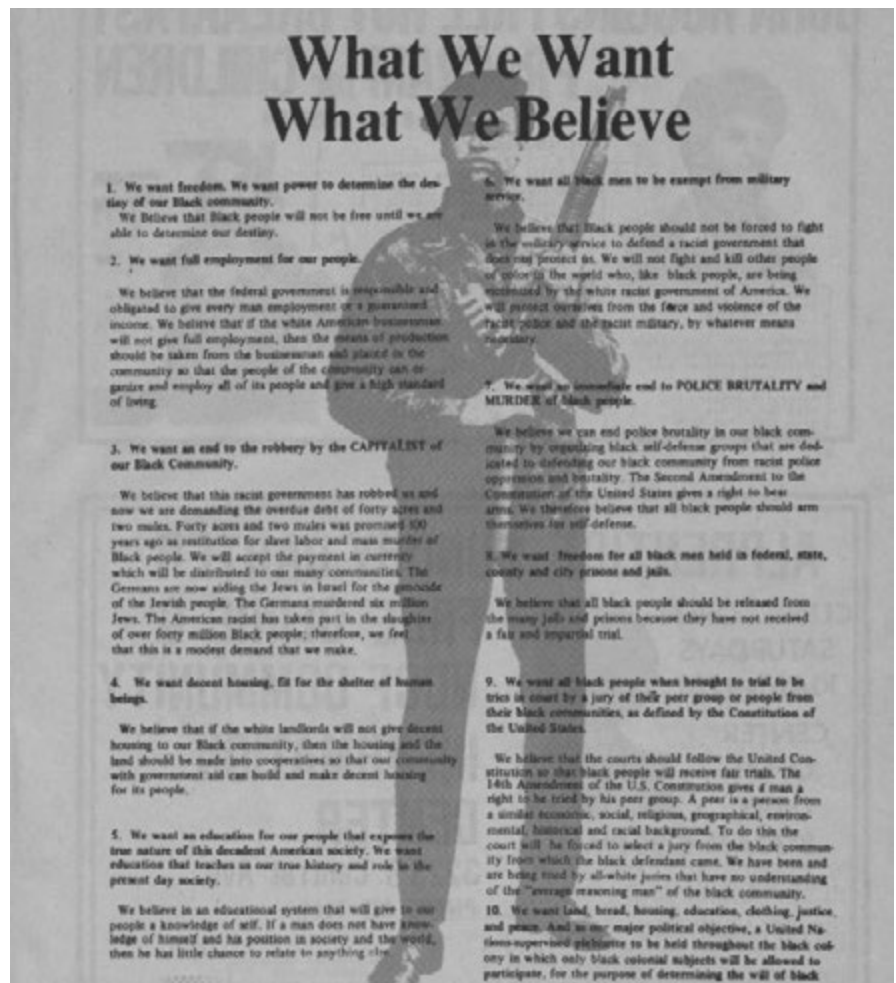
do lavagem cerebral” em crianças com propaganda socialista. A política oficial de repressão sistemática tinha começado a sério.

O objetivo do Estado era aterrorizar os Panteras Negras e, assim, extinguir as aspirações dos trabalhadores e jovens negros por uma vida melhor. A declaração infame de J. Edgar Hoover, em setembro de 1968, de que “O Partido dos Panteras Negras, sem dúvida, representa a maior ameaça à segurança interna do país”, foi em essência uma declaração de “temporada de caça aberta” ao partido. Ele enviou uma mensagem à polícia de que não precisava se preocupar com sutilezas legais e “procedimentos operacionais padrão” – e que os policiais que ajudassem a derrubar o BPP veriam suas perspectivas de carreira melhorarem drasticamente.

## O ASSASSINATO DE FRED HAMPTON

Fred Hampton foi um dos “líderes naturais” mais inspiradores a emergir dos Panteras Negras. Jovem e de fala suave, ele era, no entanto, um orador apaixonado e poderoso, com instintos aguçados e um “sentimento” orgânico pelas pessoas. Com apenas 21 anos de idade, ele foi presidente da seção de Illinois e vice-presidente nacional do BPP.

Em um desejo equivocado, mas bem-intencionado, de aproveitar a energia da juventude marginalizada, a seção de Chicago do BPP formou uma aliança com a gang de rua Blackstone Rangers. Depois de um tiroteio no South Side de Chicago, o Departamento de Polícia de Chicago anunciou uma repressão às gangues – e incluiu o BPP em sua lista de alvos. As infiltra-



Programa do Partido dos Panteras Negras, no título: “O que queremos, no que acreditamos”

ções do partido foram conseguidas chantageando pequenos criminosos ao longo das seguintes linhas: “Junte-se ao BPP e nos forneça informações – e veremos como reduzir ou cancelar as acusações contra você”. Quando Fred Hampton foi assassinado pela polícia, em 4 de dezembro de 1969, um informante do FBI era o chefe de segurança da seção dos Panteras em Chicago.

Naquela fatídica noite de dezembro, 9 policiais brancos e 5 negros invadiram o apartamento de Hampton às 4h da manhã. Mark Clark, de apenas 17 anos, estava sentado na sala de estar mantendo a guarda do apartamento e foi o primeiro a ser baleado e morto na saraivada de balas do DP de Chicago. Hampton foi baleado enquanto dormia em sua cama, e sua esposa, grávida de 8 meses, foi baleada ao lado dele, mas sobreviveu. Depois que ela correu para fora da sala com as mãos para cima, ela afirma que tiros adicionais foram disparados no quarto onde Hampton já estava em uma poça de sangue, e que ela ouviu uma voz dizer: “agora, ele está bem e morto”.

A polícia e as autoridades estaduais mentiram descaradamente para justificar e encobrir essa execução descarada. Eles inicialmente alegaram que os Panteras haviam iniciado o tiroteio. Na verdade, das 90 balas disparadas, apenas uma foi disparada pelos Panteras –por Mark Clark, que provavelmente puxou o gatilho inadvertidamente enquanto seu corpo era crivado de balas. Embora todos os sobreviventes no apartamento tenham se rendido pacificamente, eles foram presos e acusados de “tentativa de homicídio da polícia e agressão agravada”. As acusações foram finalmente retiradas e um acordo extrajudicial de US \$ 1,8 milhão foi ganho pelos demandantes em uma ação judicial subsequente por violação dos direitos civis, embora sem surpresa, nenhum policial tenha sido preso por suas ações.

Em seu funeral, gritos espontâneos de “Eu sou Fred Hampton!”

varreram a multidão reunida de enlutados. Ele havia sido julgado, condenado e executado pelo Estado, culpado apenas de inspirar outros a lutar com orgulho e dignidade por um futuro melhor.

Hampton era uma figura incrivelmente inspiradora, apaixonada e carismática. Muitas das citações mais populares do auge do BPP saíram de seus lábios. Por exemplo: “Temos que enfrentar alguns fatos. Que as massas são pobres, que as massas pertencem ao que vocês chamam de classe baixa, e quando eu falo sobre as massas, estou falando sobre as massas brancas, estou falando sobre as massas negras, e as massas pardas, e as massas amarelas também. Temos que encarar o fato de que algumas pessoas dizem que você combate melhor o fogo com fogo, mas dizemos que você apaga o fogo melhor com água. Dizemos que você não luta contra o racismo com racismo. Vamos lutar contra o racismo com solidariedade. Dizemos que você não luta contra o capitalismo com capitalismo negro; você luta contra o capitalismo com o socialismo”.

No entanto, como o restante da liderança do BPP, ele tinha uma abordagem eclética da teoria. O resultado foi uma mistura muitas vezes inspiradora, mas ao mesmo tempo contraditória de nacionalismo negro, anticapitalismo e socialismo.

No início, esses ataques serviram apenas para reunir mais apoiadores para o BPP. Mas, devido à crescente confusão e ao caos que prevalecia dentro da organização, era relativamente fácil para ela ser infiltrada pelo FBI e pela polícia, que ativamente usaram a guerra psicológica para injetar dissensão, ciúme, descontentamento e mais confusão ideológica, a fim de virar os ativistas do partido uns contra os outros. Juntamente com assassinatos seletivos de líderes importantes, cooptações e prisões seletivas, o partido estava cada vez mais enfraquecido. A repressão do Estado exacerbou processos já

embutidos no partido, ajudando a desencadear dinâmicas que logo sairiam do controle e levariam à sua deterioração irreversível.

## PICO E DEGENERAÇÃO

A falta de uma política nacional coerente levou a um crescente aventureirismo e a iniciativas independentes por parte de muitas seções apenas vagamente afiliadas. A violência entre membros do partido tornou-se cada vez mais comum. Em janeiro de 1969, houve um tiroteio entre membros do BPP no campus da UCLA que deixou dois mortos, em uma alegada disputa pela liderança de um incipiente programa de estudos negros. Uma série de anos de prisões, processos judiciais, julgamentos de assassinato, penas de prisão, tiroteios, emboscadas policiais e assassinatos se seguiram. Eldridge Cleaver, que quase certamente era um estuprador em série e procurado por tentativa de homicídio da polícia, foi para o exílio com sua esposa Kathleen para “se esconder” e escapar da acusação. Na primavera de 1970, o BPP de Oakland se envolveu em outra emboscada de policiais com armas e bombas de fragmentação. Dois policiais ficaram feridos.

Mesmo assim, o partido continuou crescendo. No final de 1969, tinha 5.000 membros, 45 filiais e seu jornal tinha uma tiragem de 100.000 exemplares. Em setembro de 1970, o BPP atingiu o auge de sua influência, quando 7.000 compareceram a uma sessão plenária da “Convenção Constitucional do Povo Revolucionário”, na Filadélfia. O plano era organizar uma Convenção Constitucional completa em novembro daquele ano, com o objetivo de reunir vários movimentos sob um programa comum, incluindo libertação negra, anti-guerra, independência de Porto Rico, ativismo estudantil, direitos das mulheres, direitos dos homossexuais, trabalhismo e outros. Milhares de pessoas in-



vadiram Washington DC, apenas para descobrir que as autoridades haviam pressionado a Howard University e outros locais para que não permitissem que as reuniões fossem realizadas conforme planejado.

Uma série desorganizada de reuniões menores ocorreu em igrejas e outros locais pequenos, mas a convenção planejada fracassou. Huey Newton declarou a intenção do BPP de convocar um plebiscito das Nações Unidas para permitir que os negros determinassem que relação desejariam ter com o governo dos EUA. Ele também prometeu uma convenção completa para finalizar uma nova constituição para o movimento em um futuro próximo. Isso nunca se materializou. Com escritórios agora em 68 cidades, uma circulação de 250.000 para O Pantera Negra e milhares de membros mais ou menos vagamente afiliados, o partido havia atingido o pico. Pouco depois, suas contradições internas, a repressão estatal e as mudanças nas condições objetivas levaram-no a um declínio rápido e terminal.

### ASSÉDIO DO FBI E DIVISÃO

O FBI começou a enviar cartas falsas a vários líderes com o objetivo de levar as relações já tensas entre os diferentes líderes ao ponto de ruptura. O partido acabou se separando em março de 1971, durante um acalorado debate público ao vivo na televisão entre Huey Newton e Eldridge Cleaver, que havia sido chamado para o programa televisivo desde o exílio na Argélia. Cleaver caminhava para o ultra-esquerdismo, defendendo a loucura do guerrilheirismo urbano, enquanto Newton escorregava para o reformismo, defendendo que o partido desistisse de suas armas e trabalhasse para melhorar o sistema por dentro. Cleaver foi expulso do Comitê Central e depois do partido. Em troca, ele formou seu próprio grupo paramilitar: o Exército Negro de Libertação.

Como resultado dessa desordem desmoralizante e devido a pequenas concessões da classe dominante em algumas das demandas feitas pelo movimento, incluindo o início do encerramento da guerra no Vietnã, o apoio público ao partido começou a declinar. O grupo estava cada vez mais isolado. Brigas internas entre a liderança do partido levaram a novas expulsões e deserções que dizimaram a filiação. Centenas de membros renunciaram e “escolheram lados” na batalha de vaidades e personalidades que se seguiu. O partido financiava cada vez mais sua atividade por meio do tráfico de drogas, da extorsão de pequenos negócios de Oakland e de roubos de clubes noturnos.

O declínio continuou ao longo da década de 1970. Em 1972, a maior parte das atividades dos Panteras se concentrava na sede nacional e em uma escola em Oakland. A filial do sul da Califórnia foi fechada e seus membros mudaram-se para Oakland. Os restos clandestinos da filial de Los Angeles, que originalmente havia sido formada a partir da gangue de rua Slausons, eventualmente voltaram à atividade de quadrilhas.

Em 1973, o partido começou a olhar para a política eleitoral como uma saída para seu impasse. Bobby Seale concorreu a prefeito de Oakland e perdeu, embora tenha recebido impressionantes 40% dos votos. O constante atrito e caos levaram Huey Newton a uma espiral destrutiva de dependência de cocaína e heroína. No início de 1974, ele embarcou em um grande expurgo, expulsando Bobby e John Seale, David e June Hilliard, Robert Bay e vários outros membros importantes do partido. Dezenas de outros Panteras leais a Seale renunciaram e deixaram o movimento por completo.

Em agosto de 1974, Newton teria assassinado Kathleen Smith, uma prostituta adolescente, e fugido para Cuba. Elaine Brown assumiu a liderança do partido em sua ausência e arrastou-o ainda mais para o fundo do pântano. Em 1977, o BPP apoiou o candidato do Partido Democrata à prefeitura da cidade, Lionel Wilson,

que teve sucesso em sua candidatura para se tornar o primeiro prefeito negro de Oakland. Seu apoio foi dado em troca da ajuda de Wilson de retirar as acusações criminais contra o membro do Partido, Flores Forbes, o líder da ala paramilitar local do BPP, conhecido como Buddha Samurai Cadre.

Em 1975, Eldridge Cleaver fez um acordo com o Estado e quase todas as acusações contra ele foram retiradas. Ele voltou de seus anos no exterior como um membro da igreja de Sun Myung Moon, antes de se converter ao cristianismo renascido e tornar-se fortemente viciado em cocaína. Em 1997, um ano antes de sua morte, ele havia chegado à seguinte conclusão, muito longe de seu radicalismo ultra-esquerdista anterior: *“Acho que é possível para o sistema capitalista ter um programa de pleno emprego, mas temos um problema espiritual e moral na América. Nosso problema não é econômico ou político; é que não nos importamos uns com os outros”*.

Em 1980, o Partido dos Panteras Negras tinha apenas 27 membros. Em 1982, a última escola patrocinada pelos Panteras foi fechada depois que foi revelado que Newton estava desviando fundos dela para pagar por seu vício em drogas. Embora isso tenha marcado o fim formal das atividades do partido, na realidade ele havia sucumbido mais de uma década antes. Em 22 de agosto de 1989, Huey Newton foi baleado na cabeça três vezes em Oakland por Tyrone Robinson, um membro da gangue da Família Guerrilha Negra. Alguns afirmam que foi meramente um negócio de drogas que deu errado, enquanto outros alegam que havia um contrato pela vida de Huey – como uma retribuição por anos de suposto bullying e aproveitamento.

Outros ex-Panteras foram caçados e mortos ao longo dos anos pela polícia e alguns foram para o exílio. Eldridge Cleaver terminou seus dias como um mórmon republicano de direita. Outros, como Marion Barry e Bobby Rush, entraram no Partido Democrata e conquistaram carreiras legais para si próprios. Esse foi o final

lamentável do que foi um farol inspirador de esperança para milhões em todo o mundo, a “maior ameaça” para os Estados Unidos da América. Como as coisas podem ter dado tão errado? Que lições os marxistas podem tirar hoje dessa experiência?

## **A LUTA DE CLASSES E A CLASSE TRABALHADORA**

A tragédia do Partido dos Panteras Negras é, em grande parte, função das condições objetivas em que surgiu, numa época em que o movimento mais amplo dos trabalhadores negros para mudar a sociedade já estava minguando. Depois da turbulência dos anos 1950 e início dos anos 1960, a maioria dos trabalhadores negros, que havia participado do movimento pelos direitos civis, estava apenas tentando conseguir empregos e se beneficiar do boom do pós-guerra da melhor maneira possível. Embora muito visível, vocal e militante, o BPP, ainda assim, representava um punhado relativamente pequeno da população, principalmente jovens negros nas cidades do interior. Eles podem ter sido barulhentos e perturbadores para o status quo, mas não estavam em posição de fechar a produção, ocupar fábricas ou organizar manifestações de massa – os métodos clássicos da luta de massas da classe trabalhadora. Somado a tudo isso, estava a ideologia eclética e inconsistente do partido. Sem um DNA político claro e saudável, mesmo as organizações ou indivíduos mais abnegados e bem-intencionados não podem esperar crescer e se tornar uma força que possa enfrentar o poder da classe capitalista e de seu Estado.

Dentro de certos limites, poderiam ser feitas comparações com o Exército Republicano Irlandês, com a Organização de Libertação da Palestina, com o grupo nacionalista basco ETA e outras organizações e movimentos desse tipo. Em suma, apesar de seus êxitos iniciais, o Partido dos Panteras Negras era muito pequeno, mui-

to desfocado ideológica e organizacionalmente, e, acima de tudo, muito desengajado e desconectado da classe trabalhadora em geral. Representou a raiva desfocada daqueles que podiam ver a oportunidade histórica de uma mudança fundamental escapando de suas mãos, mas que não estavam seguros de como seguir em frente.

*Se uma liderança  
perspicaz e confiante é  
de crucial importância  
em tempos de avanço da  
luta de classes, talvez seja  
ainda mais importante  
quando o movimento está  
sendo jogado para trás.*

Já vimos isso muitas vezes na história da classe trabalhadora. Depois de grandes esforços, derrotas ou descarrilamentos de um movimento em direção ao reformismo, ocorre uma introspecção da classe, que pode ser expressa por todos os tipos de niilismo, pessimismo, superstição e falta de confiança na classe trabalhadora e nas perspectivas de revolução.

Portanto, foi, de fato, uma ação de retaguarda, representando os esforços heroicos de um pequeno grupo de pessoas que se esforçaram por manter de forma desorganizada o movimento, indo contra todas as probabilidades, finalmente se dividindo entre o aventureirismo da guerrilha urbana subterrânea ultra-esquerdista, por um lado, e a colaboração de classe reformista, por outro. No final, os líderes se mostraram incapazes e o partido foi isolado com sucesso e se tornou suscetível às maquinacões do Estado, da repressão e dos esforços para cooptar seus membros.

Os marxistas têm uma visão de longo prazo da história e entendem que a luta de classes invariavelmente passa por períodos de ascensão e também de retração. Se uma liderança perspicaz

e confiante é de crucial importância em tempos de avanço da luta de classes, talvez seja ainda mais importante quando o movimento está sendo jogado para trás. A tarefa dos revolucionários durante os períodos de retirada é treinar e educar os membros, preservar e aumentar cuidadosamente nossas forças, e não tentar forçar os acontecimentos.

Quando a rocha da história está à beira do precipício, até mesmo uma pequena força que empurre na direção certa pode derrubá-la. Mas uma pequena organização não pode segurar a rocha, uma vez que ela esteja rolando na direção oposta e ganhando impulso. Diz-se que os generais que sabem apenas como ordenar a marcha e o ataque ofensivo não têm muita utilidade. Os bons generais também devem saber recuar em boa ordem, para que um revés temporário não se transforme em uma derrota devastadora. Infelizmente, devido à falta de base nas idéias do marxismo genuíno, os líderes do BPP não estavam equipados para fazer isso.

A desindustrialização em grande escala do país só se instalou em nível nacional durante e após a crise econômica de meados da década de 1970. Porém, ainda em meados da década de 1960, muitos municípios já estavam iniciando o processo, e os trabalhadores negros geralmente estavam entre os primeiros a serem dispensados. Depois de 1964, o movimento trabalhista entrou em um período prolongado de declínio, que foi ainda mais acelerado no início dos anos 1980. Mas, embora o movimento de massa pelos direitos civis tenha diminuído após ter conquistado algumas de suas demandas básicas, ainda havia surtos importantes da luta de classes para os quais o BPP poderia ter se orientado de uma maneira mais correta.

Abaixo estão apenas alguns exemplos de lutas trabalhistas importantes desse período (conforme compilado pela Wikipedia):

- Greve de enfermeiras de 1966, em São Francisco, dirigida pela Associação de Enfermeiras da Califórnia.
- Greve de mecânicos de ferrovia, em 1967.
- Greve dos trabalhadores do saneamento em Memphis, em 1968.
- Greve selvagem da Chrysler, em 1968.
- Greve dos trabalhadores de Hospital em Charleston, Carolina do Sul, em 1969.
- Greve dos Correios dos EUA, em 1970, a primeira greve de funcionários públicos em todo o país.
- Greve da General Motors, em 1970.
- Greve dos estivadores, em 1971.
- Greve dos trabalhadores da indústria automobiliz, em Lordstown, Ohio, em 1972.
- Greve dos Professores da Filadélfia, em 1972.
- Greve do transporte urbano em Washington, em 1974.
- Greve de professores, de trabalhadores municipais e da polícia em Baltimore, em 1974.

Com uma liderança afeita à luta de classes, essas batalhas principalmente defensivas dos trabalhadores poderiam ter sido unificadas, generalizadas e transformadas em uma luta industrial e política ofensiva pelo socialismo através de um partido de massas dos trabalhadores. Também durante esse período, junto com os levantes urbanos em cidades como Detroit, grupos, como a Liga dos Trabalhadores Negros Revolucionários, foram formados na indústria automobilística. Se este tipo de iniciativa tivesse se espalhado para o restante da economia e estivesse ligada à classe trabalhadora como um todo, o desenvolvimento subsequente do movimento dos trabalhadores poderia ter sido muito diferente. No mínimo, uma organização de quadros forte poderia ter sido construída e preservada para as batalhas do futuro.

O esforço do BPP para unir os vários movimentos em desenvolvimento naquele período mostra um

instinto saudável e correto, mas a prioridade número um dos revolucionários deve ser sempre conectar-se à classe trabalhadora e seus sindicatos, mesmo quando estes são dominados por anticomunistas, racistas, colaboradores de classe de direita. Nosso dever é livrar os trabalhadores da influência de tais líderes. Esta não é uma tarefa fácil sob qualquer circunstância e é ainda mais difícil durante uma desaceleração do movimento mais amplo – mas não há atalhos.

Devemos explicar pacientemente que a classe trabalhadora não pode em hipótese alguma confiar ou depender dos partidos políticos dos patrões. Para lutar efetivamente contra os patrões e seus partidos, precisamos de nossas próprias organizações independentes de classe, sob o controle direto e democrático dos membros.

#### LEGADO E LIÇÕES

Sem dúvida, a experiência do Partido dos Panteras Negras nos oferece muitos exemplos de heroísmo e sacrifício pessoal. Mas, se formos objetivos em nossa análise, devemos também reconhecer que também existem muitos exemplos de “o que não fazer” na construção de um partido revolucionário. Sem estruturas internas democráticas claras, a lide-

rança tinha uma voz desproporcional na direção e na política da organização. Pode-se até apontar para uma espécie de culto à personalidade em torno de alguns de seus líderes, Huey Newton em particular. As mudanças de caprichos, as deficiências e até mesmo os aspectos reacionários de suas personalidades foram transformados em política partidária oficial ou não oficial e abalaram a confiança dos membros e daqueles que de outra forma poderiam ter se tornado apoiadores.

Isso nos leva a uma questão importante: como um partido revolucionário deve ser organizado? Como garantir sua coesão política e democracia interna? Deve ser uma hierarquia de cima para baixo, baseada na política de camarilhas e debilmente federada em nível nacional? Ou o modelo bolchevique de centralismo democrático é mais eficaz, com disciplina baseada na convicção política, plena liberdade de discussão para apresentar todos os pontos de vista antes de uma decisão ser tomada por maioria simples de votos, seguida de unidade na ação, combinada com uma estrutura nacional centralizada e unificada? Seus líderes devem ser eleitos, responsáveis e revocáveis pelos membros ou devem ser nomeados de cima? Como as divergências dentro do partido devem ser resolvidas? Por meio de suas



Exemplar do jornal do Partido dos Panteras Negras, no título: “Exigimos moradias decentes”



estruturas, da discussão, do debate e da votação democrática? Ou por meio de panelinhas, expulsões e até mesmo assassinato de rivais?

Sem congressos ou conferências delegadas regulares para debater as resoluções, as emendas e outras propostas que afetassem a política e as perspectivas da organização, o BPP estava sujeito a ficar paralisado por camarilhas venenosas e rivalidades interpessoais, agravadas pela infiltração policial. Por exemplo, uma mudança dramática na política foi efetuada quando Stokely Carmichael foi nomeado “Primeiro-Ministro” do partido, alienando muitos membros e injetando uma ideologia muito diferente no partido a partir de cima, resultando em um híbrido disfuncional de conceitos para confundir as mentes dos membros do partido.

Há também a questão do tratamento reservado às mulheres na organização. A evidência anedótica parece indicar que havia uma enorme quantidade de misoginia dentro do partido, o que não era apenas permitido, mas também praticado pela liderança. Aparentemente, a aprovação do partido era necessária para os divórcios, a trapaça era tolerada, o que só aumentava as tensões interpessoais e, às vezes, os casais se separavam de forma deliberada. Obviamente, nem todo homem ou líder do partido se comportou dessa forma; mas, como uma organização revolucionária pode forjar a unidade de classe necessária entre todos os trabalhadores –de todas as raças, etnias e gêneros –quando este tipo de comportamento não é abordado e tratado com firmeza, apesar de todas as palavras bonitas sobre o respeito pelas “mulheres negras fortes” e assim por diante?

Além disso, em vez de ser financiado principalmente pelos dólares e centavos dos trabalhadores e da juventude, com um aparato organizacional que reflita seu apoio real na sociedade, o crescimento explosivo do número de membros e grandes doações de celebridades ricas distorceu todo o aparato, levando à falta de senso de proporção e prioridades.

Quando essas fontes de financiamento se esgotaram, eles se voltaram para o crime para manter artificialmente as coisas à tona.

E, embora tenha sido feito um esforço para garantir a educação política dos membros, ela foi confusa e inconsistente. Infelizmente, os membros foram apresentados a uma gama desconcertante de ideias contraditórias: do nacionalismo e do separatismo negro ao internacionalismo socialista; do estalinismo e maoísmo a pelo menos alguns elementos do trotskismo. Conforme indicado por declarações como as seguintes de Fred Hampton: “- Temos que fazer mais e escrever menos, porque as pessoas aprendem por meio do exemplo ou da participação”, as ideias foram reduzidas a uma posição secundária, em vez de se procurar entender a relação dialética entre ideias e ação.

Não é por acaso que os marxistas insistem em que os erros na teoria levam inevitavelmente a erros na prática. Em vez de educar os membros em uma análise científica do que é o estado capitalista e como a classe trabalhadora pode derrotá-lo e substituí-lo por um estado operário democrático próprio, o BPP o atacou de frente e, inevitavelmente, se espantou contra as rochas.

Quando os marxistas se referem à importância das “massas armadas”, são as “massas” que são a chave e não as “armas”. O primeiro passo é ganhar pacientemente as massas. Em uma situação revolucionária que agite as profundezas da sociedade, armas podem ser adquiridas, e as pessoas que sabem como usá-las podem ser conquistadas politicamente para o lado da maioria. Além disso, para os marxistas, o armamento do povo é antes de tudo uma medida defensiva, voltada precisamente para evitar a violência. Trata-se de “preparar-se para o pior”, com o objetivo de não ter que usá-las de forma alguma. Os bolcheviques lutaram com afinco contra a tática do terrorismo individual, incluindo emboscadas e assassinatos de policiais individuais, o que é contraproducente e só pode

fortalecer o Estado como um todo e isolar os revolucionários das massas.

Infelizmente, o BPP acabou adotando slogans vazios e inflamados como “o único porco bom é um porco morto!”, o que só poderia afastar a população em geral, que, mesmo que não seja uma grande torcida da polícia, tende em “tempos normais” a se ver como “cumpridora da lei” e se preocupa com questões de crime e criminalidade. Ao mesmo tempo, eles clamavam pelo “controle comunitário da polícia”, uma demanda utópica e confusa, equivalente a implorar a um leão para se desfazer de seus próprios dentes e garras.

O verdadeiro poder da classe trabalhadora, para debilitar e logo remover completamente o velho aparato estatal, decorre de seu número, unidade e capacidade de interromper a produção. Sem transporte, comunicações, comida e outras necessidades básicas, o Estado não tem poder para reprimir as massas indefinidamente. Uma greve política geral indefinida de dezenas de milhões de trabalhadores é infinitamente mais difícil de ser preparada do que uma emboscada contra a polícia por uma dúzia de indivíduos, mas também é infinitamente mais eficaz para mudar realmente o funcionamento fundamental da sociedade.

Em nosso artigo sobre o programa do BPP, analisamos muitos outros aspectos dos pontos fortes e fracos do partido, por isso não precisamos repetir tudo aqui. Basta dizer que uma análise sóbria e marxista de qualquer experiência histórica não consiste em isolar esta ou aquela citação, ou se centrar neste ou naquele indivíduo. Nosso objetivo é traçar um balanço geral, com o objetivo de compreender como a classe trabalhadora pode realmente acabar com o capitalismo e construir o socialismo no próximo período histórico.

A experiência dos últimos 160 anos mostra que a classe trabalhadora não pode improvisar um partido revolucionário no último momento. É um processo árduo

selecionar, submeter à prova e desenvolver os quadros, programas, métodos e tradições. A contradição que enfrentamos é que devemos construir agora, em um momento em que a urgência por tal organização não é sentida hoje tão intensamente como será no futuro. Porque quando essa urgência se tornar evidente, podemos não ter tempo suficiente para organizar as coisas. É por isso que os marxistas devem fazer os sacrifícios necessários agora, se quisermos estar preparados para o futuro.

### LUTE PELO SOCIALISMO!

Não há solução dentro dos limites do sistema capitalista voltado para o lucro. As demandas levantadas pela primeira vez há décadas por pleno emprego e igualdade genuína ainda não são uma realidade. O surgimento de #BlackLivesMatter, de Occupy, Wisconsin, as novas iniciativas de sindicalização, a luta por US \$ 15 – para não mencionar a onda revolucionária que varre o mundo – são uma indicação clara de que entramos em um período tumultuado de ressurgimento da luta de classes. Em Ferguson, Baltimore, McKinney e mais além, o impulso instintivo do jovem para a unidade máxima está novamente vindo à tona.

A crise profunda e orgânica do sistema, que não pode mais cumprir sua promessa de “sonho americano” para a maioria, está preparando o cenário para explosões colossais da luta de classes. As correntes da luta já convergem de uma forma nunca antes vista na história do país ou do planeta. Os movimentos mais recentes já não se limitam a esta ou aquela



Membro do BPP em frente ao Lincoln Memorial  
Foto: Halloran, Thomas J. e Warren K.

camada da população, que luta de forma mais ou menos isolada para melhorar a sua posição no quadro do capitalismo. A compartimentação do passado foi destruída pelas condições objetivas alteradas, que empurram as pessoas para a unidade coletiva. Milhões de jovens, em particular, não ficarão mais humildemente parados enquanto seus amigos, familiares, colegas de trabalho, colegas de classe e entes queridos são ridicularizados, brutalizados, privados de direitos ou tratados como seres humanos de segunda classe, sejam mulheres, homens, LGBT, preto, branco, latino, árabe, sikh ou qualquer outra subdivisão secundária ou terciária da classe trabalhadora. E isso é apenas o começo.

Portanto, concordamos de todo o coração que os explorados e os oprimidos devem lutar “por todos os meios necessários” para mudar a sociedade. Mas a experiência mostra que ideias marxistas claras, combinadas com meios de massa

socialistas e da classe trabalhadora, são o que é necessário. Na vanguarda dessa luta, de braços dados com suas irmãs e irmãos de classe de todas as origens raciais e étnicas, estarão os trabalhadores e jovens negros.

Enterrar o sistema que assassinou Malcolm X, Martin Luther King Jr. e Fred Hampton é a melhor homenagem que podemos dar a esses mártires inspiradores da classe trabalhadora mundial. Para conseguir isso, devemos levar a sério a exortação de Bobby Seale de 1968: “*Combatemos o racismo com solidariedade. Não lutamos contra o capitalismo explorador com o nacionalismo negro. Combatemos o capitalismo com o socialismo básico. E não lutamos contra o imperialismo com mais imperialismo. Nós lutamos contra o imperialismo com o internacionalismo proletário*”.

Ou, como Malcolm X explicou: “*Acredito que no final das contas haverá um confronto entre os oprimidos e aqueles que oprimem. Acredito que haverá um choque entre aqueles que querem liberdade, justiça e igualdade para todos e aqueles que querem continuar com o sistema de exploração. Acredito que haverá esse tipo de confronto, mas não acho que será pela cor da pele*”.

Devido à fraqueza histórica da esquerda e à covarde colaboração de classe da atual liderança sindical, este será um processo demorado. Portanto, temos algum tempo para esclarecer as idéias e perspectivas, reunir os quadros necessários e estabelecer as estruturas organizacionais e os aparelhos necessários, mas não todo o tempo do mundo. Convidamos-lhe a aderir à CMI e à luta por um mundo melhor!

### NOTA

<sup>1</sup> As leis de Jim Crow eram leis estaduais e locais que impunham a segregação racial no Sul dos Estados Unidos. Essas leis foram promulgadas no final do século XIX e início do século XX pelas legislaturas estaduais dominadas pelos Democratas e aplicadas até 1965 – NDT.

# Em defesa da teoria ou A ignorância nunca ajudou ninguém

---

Alan Woods

**Nota do Editor:** O texto abaixo foi publicado na página *In defence of Marxism*, em 15 de outubro de 2009, em resposta às críticas que recebemos pela publicação de uma coletânea de artigos intitulada “A luta de classes na República Romana”, em meio à crise de 2008. A publicação no Brasil se dá em virtude da atualidade do tema.

*Em 1846, Weitling queixou-se de que Marx e Engels escreveram apenas “intelectualidades” sobre assuntos obscuros de nenhum interesse aos trabalhadores. A resposta de Marx, com as seguintes palavras, foi colérica: “A ignorância nunca ajudou ninguém”. Sua resposta continua ainda válida.*

A publicação da série *The Class Struggle in the Roman Republic* (A Luta de Classes na República Romana) trouxe grande interesse dos leitores à página marxist.com. De acordo com as informações, passadas a mim pela equipe editorial, houve um recorde de visitas a estes artigos. Foram cerca de 2.200 visualizações, o que é significativamente mais alto que a média de acessos a artigos individuais.

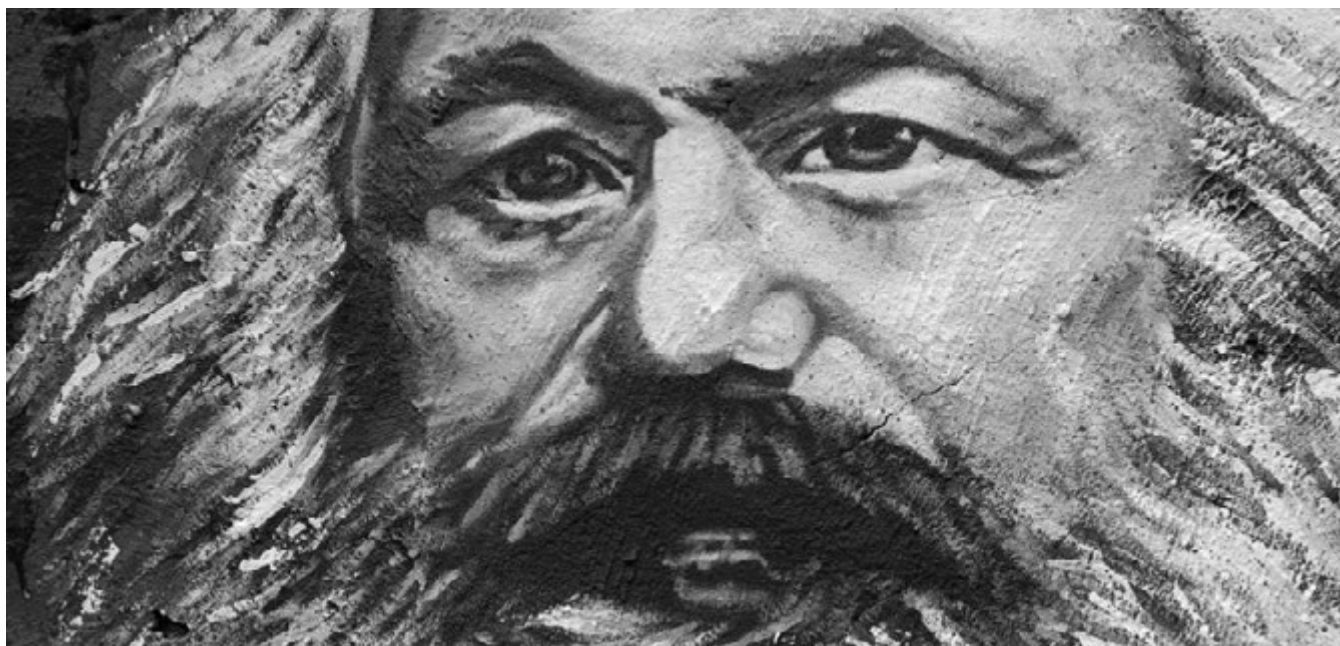
Este fato confirma a correção da política da marxist.com, que estabeleceu uma forte reputação pela qualidade de seus artigos teóricos. Em uma época onde as ideias de Marx recebem ataques de todos os lados, nossa página desta-

ca-se pela defesa firme e consistente da teoria marxista em toda a sua riqueza e diversidade. Isso mostra que as pessoas em todo mundo estão interessadas, e entusiasmadas, em aprofundar seu conhecimento sobre o marxismo.

Entretanto, existem também algumas críticas sobre a marxist.com. Alguns de nossos críticos queixam-se de que escrevemos artigos sobre a Roma Antiga no meio de uma das maiores crises do capitalismo desde 1930. Para sermos justos, o Marxist.com publicou muito sobre a crise e continuará a fazê-lo. Contudo, temos também o dever de escrever sobre outros problemas, de elevar o conhecimento teórico de nos-

sos leitores, de providenciar uma análise marxista não somente da economia, mas também da história, da ciência, arte, música e qualquer outra esfera do conhecimento humano.

Como responder aos que querem que limitemos o nosso escopo para que caiba em seu limitado esquema mental? Na verdade não temos que responder, pois Lenin já o fez há muito tempo ao escrever: Sem uma teoria revolucionária não pode haver um movimento revolucionário. É uma verdade fundamental em que todos os grandes marxistas insistiram. Deixe-nos relembrar desse fato elementar com alguns significativos simples exemplos.





## NÃO HÁ REVOLUÇÃO SEM TEORIA

Mesmo antes de escreverem o Manifesto Comunista, Marx e Engels – que, deixe-nos lembrar, começaram sua vida revolucionária como estudantes da filosofia hegeliana – conduziram uma luta contra os líderes “proletários” que adoravam o atraso e métodos primitivos de luta e, teimosamente, resistiam à introdução da teoria científica.

Annenkov, o crítico russo, que coincidentemente estava em Bruxelas durante a primavera de 1846, deixou um curioso relato de um encontro quando Marx e Weitling, o comunista utópico alemão, tiveram uma discussão furiosa. Em algum momento, Weitling, que era um trabalhador, queixou-se de que as “intelectualidades” sobre assuntos obscuros que Marx e Engels escreveram não eram do interesse do trabalhador. Ele acusou Marx de escrever uma “análise fútil sobre doutrinas muito distantes do sofrimento que afligia o povo”. Marx, que geralmente era muito paciente, neste momento ficou indignado. Annenkov escreve:

*“Ao ouvir as últimas palavras, Marx finalmente perdeu o controle e esmurrou a mesa com tanta força que a lamparina tremeu e quase caiu. Finalmente, disse: ‘A ignorância nunca ajudou ninguém.’”* (Reminiscences of Marx and Engels, grifos meus, AW)

Weitling opôs-se à teoria e ao trabalho propagandístico paciente. Como Bakunin, ele defendeu que os pobres estão sempre prontos para a revolta. Esta defesa da “ação revolucionária” em oposição à teoria acreditava que enquanto existissem líderes resolutos, uma revolução poderia ser engendrada a qualquer momento. Ainda encontramos ecos destas ideias pré-marxistas nas fileiras dos marxistas.

Marx entendia que o movimento comunista só poderia avançar por meio de uma ruptura radical

com essas noções e com uma limpeza nas fileiras. A ruptura com Weitling era inevitável e aconteceu em maio de 1846. Depois disso, Weitling migrou para os Estados Unidos e deixou de fazer parte do movimento. Somente a ruptura com o “ativismo trabalhista” de Weitling tornou possível estabelecer a Liga Comunista em uma base sólida. Mesmo assim, a tendência primitiva representada por Weitling constantemente se reproduz no movimento. Primeiramente com as ideias de Bakunin, e depois, com as formas variadas de extremismo que ainda são pragas no movimento marxista atual.

Em Trabalhos Reunidos de Marx e Engels, encontramos uma verdadeira mina de ideais. Neste texto encontramos os escritos de Engels sobre a Guerra Camponesa na Alemanha, sobre a história dos povos germânicos, eslavos e irlandeses, sua história sobre o cristianismo primitivo. No seu artigo sobre a morte de Engels, Lenin escreveu:

*“Marx trabalhou na análise dos complexos fenômenos da economia capitalista. Engels, em livros de escrita simples e geralmente de caráter polêmico, lidou com problemas científicos mais genéricos e com fenômenos diversos do passado e do presente no espírito da concepção materialista da História e da teoria econômica marxista.”*

Uma breve lista dos trabalhos de Engels imediatamente revela a amplitude da sua visão. Temos o seu magnífico trabalho polêmico em Anti-Dühring, que aborda com profundidade a filosofia, as ciências naturais e as ciências sociais. *A origem da Família, da Propriedade e do Estado* lida com as origens da sociedade humana. O que tudo isso tem a ver com a classe trabalhadora e a luta de classes, nossos críticos “práticos” perguntarão. Somente isso: que estes foram os trabalhos que definiram as bases

da teoria marxista do Estado, na qual, mais tarde, Lenin desenvolveu em Estado e Revolução, o livro que estabeleceu as fundações da Revolução Bolchevique.

E o que temos a dizer sobre Ludwig Feuerbach e o Fim Da Filosofia Clássica Alemã? Neste livro, Engels lida não somente com as ideias “abstratas e obscuras” de Hegel, bem como com as ideias obscuras de filósofos alemães menores do movimento de esquerda hegeliano. Encontramos especialmente em Correspondências de Marx e Engels um tesouro de um alcance desconcertante. Os dois amigos trocaram opiniões sobre todo o tipo de assuntos, não apenas sobre economia e política, mas também filosofia, história, ciência, arte, literatura e cultura.

Aqui está uma resposta esmagadora aos críticos burgueses de Marx que apresentam uma caricatura do marxismo como sendo uma doutrina estreita e seca que reduz todo o pensamento humano ao econômico e ao desenvolvimento das forças produtivas. Ainda hoje existem pessoas que se autointitulam marxistas que defendem, não as ideias genuínas de Marx e Engels com toda a sua riqueza e profundidade, mas a mesma caricatura “economista” dos críticos burgueses do marxismo. Definitivamente, isso não é marxismo. Porém, para usar a expressão de Hegel: *“die leblosen Knochen eines Skeletts”* (os ossos de um esqueleto sem vida), sobre a qual Lenin comentou: *“O que é necessário não é leblose Knochen, mas vida pulsante.”* (Lenin, Cadernos Filosóficos, Obras Reunidas, Vol. 38)

## LENIN E A TEORIA

Lenin sempre realçou a importância da teoria. Mesmo na fase inicial, na fase embrionária do Partido, ele conduziu uma luta sem piedade contra os economistas, que tinham uma mentalidade estreita sobre o “prático proletário” e que desmereciam a teoria



Ilustração de Reinhold Rossig, 1957

como sendo uma esfera dos intelectuais, e não dos trabalhadores. Respondendo sobre esse absurdo, Lenin escreveu:

*“A afirmação de Marx: ‘Cada passo do movimento real é mais importante que uma dúzia de programas’. Repetir essas palavras em um período de desordem teórica é como desejar aos enlutados em um funeral que eles tenham mais dias felizes com este. Ainda mais, estas palavras de Marx foram tiradas de sua Carta ao Programa de Gotha, na qual ele condena ferozmente o ecletismo na formulação dos princípios. Se desejamos união, escreve Marx aos líderes do partido, entremos em acordo para satisfazer os detalhes práticos do mo-*

*vimento, mas não permitamos uma barganha sobre princípios, não façamos ‘concessões’ teóricas’. Esta era a ideia de Marx e ainda existem pessoas entre nós que buscam o seu nome para diminuir a importância da teoria! ‘Sem uma teoria revolucionária, não pode haver movimento revolucionário. Esta ideia não pode ser insistida firmemente em uma época de pregação oportunista flexível que anda de mãos dadas com um namoro com as formas mais estreitas de atividade prática. Mesmo assim, para os sociais democratas russos, a importância da teoria é reforçada por três outras circunstâncias, que são frequentemente esquecidas: primeira, pelo fato de que o nosso Partido está somente em um pro-*

*cesso de formação; seus recursos estão apenas sendo definidos e ainda longe de acertar contas com as outras tendências do pensamento revolucionário que ameaçam desviar o movimento do caminho correto.” (O que fazer?, Dogmatismo e “Liberdade de Crítica”)*

Tendências Economicistas como de Weitling e Bakunin pousavam como tendência “proletária genuína” lutando contra a influência perniciosa dos “teóricos intelectuais”. Uma ruptura brusca com esta tendência, que combinava na prática demagogia “proletária” com sindicalismo reformista, foi a condição prévia para a formação do bolchevismo. Mas a luta pela teoria, contra os “práticos”, foi uma constante muito depois disso.

Lenin escreveu em 1908:

*“A luta ideológica firmada pelo Marxismo revolucionário contra o revisionismo no final do século 19 é o prelúdio às grandes lutas revolucionárias do proletariado, que continua marchando para a vitória completa de sua causa mesmo com todas as movimentações e fraquezas da pequena burguesia.” (Marxismo e Revisionismo)*

Em seu livro Stalin, Trotsky descreve com detalhes a psicologia dos “homens do comitê”, que também tinham a mesma mentalidade dos “práticos”. Eles cometeram uma série de erros por causa de sua falta de habilidade para entender o movimento real dos trabalhadores em 1905-6. A razão dos seus erros, geralmente uma característica dos extremistas, foi a falta de entendimento da dialética. Eles tinham uma ideia completamente abstrata e formalística da construção de um partido, que não estava relacionada com o movimento real dos trabalhadores. É por isso que em 1905, para o horror de Lenin, os bolcheviques em São Petersbur-

go deixaram o primeiro encontro dos Sovietes, pois se recusaram a aceitar o programa do partido.

Em 1908, quando se viu em minoria na liderança da facção bolchevique, que era liderada pelos extremistas Bogdanov e Lunacharsky, ele estava preparado para se separar em razão de uma querela sobre a filosofia marxista. Não é acidental que naqueles tempos difíceis, quando a simples existência de uma tendência revolucionária estava em perigo, ele tenha gastado muito tempo escrevendo um livro sobre Filosofia: Materialismo e Empírico-Criticismo.

Alguém pode questionar o que Vladimir Ilyich estava pensando ao escrever livros sobre tais assuntos. Qual a possível relevância que os escritos do Bispo Berkeley têm para os trabalhadores russos? Alguém pode também questionar porque Lenin achou necessário romper com a maioria dos líderes bolcheviques sobre a questão da filosofia. No entanto, Lenin compreendeu muito bem a relação causal entre a rejeição de Bogdanov do materialismo dialético e as políticas extremistas adotadas pela maioria.

Durante a Primeira Grande Guerra Mundial, Lenin retornou à filosofia, fazendo um estudo profundo de Hegel, que foi publicado muitos anos depois como Cadernos Filosóficos. Um de seus últimos trabalhos foi sobre O Significado do Materialismo Militante, no qual ele realça novamente a necessidade de se estudar Hegel:

*“É claro que este estudo, esta interpretação, esta propaganda da dialética hegeliana é extremamente difícil, e os primeiros experimentos nesta direção serão certamente acompanhados por erros. Mas somente aquele que nunca faz nada, nunca erra. Tomando como base o método de Marx de aplicar materialisticamente a dialética concebida por Hegel, podemos e devemos elaborá-la em todos os aspectos,*

*imprimir no jornal excertos dos principais trabalhos de Hegel, interpretá-los materialisticamente e fazer comentários sobre eles com a ajuda de exemplos da dialética na esfera das relações políticas e econômicas, cuja história recente, especialmente a moderna guerra imperialista e a revolução, oferecem em uma abundância não usual”.*

### TROTSKY E A TEORIA

Trotsky, como Lenin, devotou sua vida inteira à defesa intransigente da teoria marxista. No seu excelente artigo sobre Engels, ele realça uma escrupulosa atitude em relação à teoria:

*“Ao mesmo tempo, a magnanimidade intelectual do mestre em relação ao seu pupilo foi verdadeiramente inesgotável. Ele costumava ler os artigos mais importantes do prolífico Kautsky na forma manuscrita e, cada uma de suas cartas de crítica contém preciosas sugestões, o fruto de pensamentos sérios e algumas vezes de pesquisa. O trabalho mais conhecido de Kautsky, Antagonismos de Classe na Revolução Francesa, que foi traduzido para quase todos os idiomas da humanidade civilizada, parece também que passou pelo laboratório intelectual de Engels. Sua longa carta sobre agrupamentos sociais na época da grande revolução do século 18, bem como sobre a aplicação dos métodos materialistas dos eventos históricos, é um dos mais magníficos documentos da mente humana. É bem conciso e cada uma de suas formulas pressupõe um grande conhecimento para conseguir colocá-lo em circulação para a leitura do público em geral; porém, este documento, que foi deixado escondido por muito tempo, permanecerá para sempre, não somente como fonte de instrução teórica, mas também como gozo estético para qualquer um que*

*pondere seriamente a dinâmica das relações de classe na época revolucionária, bem como os problemas gerais envolvidos na interpretação materialista dos eventos históricos.”* (Cartas de Engels para Kautsky, Trotsky, 1935)

Em todos os trabalhos de Trotsky podemos perceber uma amplitude de visão e um interesse geral não somente em história, mas também em arte, literatura e cultura. Antes da Primeira Grande Guerra Mundial, ele escreveu artigos sobre arte e escritores como Tolstoy e Gogol. Depois da Revolução de Outubro, escreveu extensivamente sobre arte e literatura. Seu livro Literatura e Revolução é um produto daquele período.

Em 1923, Trotsky escreveu: *“literatura, cujos métodos e processos têm suas raízes profundas em um passado distante e representam a experiência acumulada de um arte-são verbal, que expressa seus pensamentos, sentimentos, humores, pontos de vista e esperanças em uma nova época e em uma nova classe”.* (Trotsky, As raízes sociais e a função social da literatura). No meio do período turbulento da revolução e da contrarrevolução nos anos de 1930, ele encontrou tempo para escrever sobre literatura e arte. Em 1934, pouco depois da catástrofe alemã, fez uma resenha sobre o romance Fontamara, de Ignazio Silone. Em 1938, escreveu o Manifesto para uma arte revolucionária independente com o escritor surrealista Andre Breton.

Podemos apenas imaginar a indignação do filisteu pseudomarxista: *“O que é isso? O camarada Trotsky está perdendo tempo neste momento revolucionário na história escrevendo sobre arte? O que a arte tem a ver com o proletariado e a luta de classes?”* O filisteu sacode a sua cabeça tristemente e conclui que o camarada Trotsky não é mais o homem que ele era antes. *“Este não é o Trotsky do Programa de Transição! O velho deve estar perdendo*



*as suas faculdades mentais!”* Sim, podemos perceber isso!

Em um momento em que a Europa estava convulsionada pela revolução e contrarrevolução, quando os seus apoiadores foram sendo assassinados e a Quarta Internacional estava lutando pela sua sobrevivência, por que Trotsky encontrou tempo para se dedicar a tais questões como a arte e a literatura? Quando respondermos esta questão, estaremos prontos para perceber a diferença entre o genuíno marxismo, a genuína revolução operária e a caricatura superficial que se passa por marxismo em alguns círculos.

### “MEROS TEÓRICOS”

Durante a luta de facções que levou à divisão na militância, a facção Maioria disse que Ted Grant e Alan Woods eram “meros teóricos”. Esta frase pinçada diz tudo o que deve ser dito sobre aquela tendência. Por décadas dedicamos nossas vidas para construir a tendência que se tornaria o movimento trotskista mais bem sucedido desde a Oposição da Es-

querda Russa. Começando com um pequeno grupo no início dos anos de 1960, logramos sucesso em construir uma grande organização com raízes sólidas no Movimento Trabalhista.

Todo esse sucesso foi resultado de anos de um trabalho paciente. Em última análise, eles foram o resultado de ideias, métodos e perspectivas corretas trabalhadas por Ted Grant, o grande pensador marxista. Ted estava muito à frente de seus contemporâneos. Ele estava profundamente baseado na teoria marxista e conhecia os trabalhos de Marx, Engels, Lenin e Trotsky como a palma de sua mão.

Quando Ted Grant e eu fomos expulsos do Militant, nós nos achamos em uma posição difícil. A Maioria tinha um enorme aparato, muito dinheiro e uma equipe de 200 pessoas em tempo integral. Não tínhamos nem uma máquina de escrever. Mesmo assim, eu e Ted não nos preocupamos com as pequenas coisas. Tínhamos as ideias marxistas e isso era tudo o que importava. Toda a minha experiência me convenceu de que se

você tem as ideias certas, sempre pode construir um aparato. Porém, o contrário não é verdade. Você pode ter o maior aparato do mundo, mas se estiver trabalhando com base em teorias e métodos errados, você falhará.

Consideramos a nossa posição e chegamos à conclusão de que na situação à época, especialmente após o colapso da União Soviética, nossa tarefa mais preeminente seria defender as ideias e teorias básicas do marxismo. O primeiro resultado foi o livro *Ração e Revolução: Filosofia Marxista e Ciência Moderna*. Nossos antigos camaradas deram muitas risadas sobre o livro. O comentário sarcástico foi: “*Vejam só! Ted e Alan abandonaram a política para escrever livros sobre filosofia!*”. Foi esta a atitude para com a teoria marxista – uma atitude na verdadeira tradição de Weitling e dos membros do comitê bolchevique, porém não de acordo com Marx, Engels, Lenin e Trotsky.

Cedo ou tarde, erros teóricos se transformam em desastres da prática. A Maioria pagou pelos seus erros. O que era formalmente uma



Biblioteca da Holland House, importante centro político e literário, destruída após ataque aéreo alemão durante a Segunda Guerra Mundial

tendência poderosa com profundas raízes no movimento trabalhista reduziu-se a uma sombra de si mesmo. Por outro lado, Razão e Revolução, foi uma importante peça na formação da Corrente Marxista Internacional. Foi traduzido para diversos idiomas e comentado por muitos trabalhadores, socialistas, comunistas, líderes sindicais, bolivarianos – incluindo Hugo Chavez.

Como explicar isso? Trabalhadores e jovens mais esclarecidos possuem uma certa sede para ideias e teorias. Eles querem compreender o que está acontecendo na sociedade. Não são atraídos por tendências que meramente diga o que eles já sabem: que o capitalismo está em crise, que existe desemprego, que eles vivem em casas ruins, ganham salários ridículos e por aí vai. Pessoas sérias querem saber porque as coisas são como elas são, o que aconteceu na Rússia, o que é o marxismo, e outras questões de ordem teórica. É por isso que a teoria não é uma opção extra como os “práticos” imaginam, mas uma ferramenta essencial para a luta revolucionária.

## OS TRABALHADORES E A CULTURA

Seria uma calúnia dizer que os trabalhadores não se interessam por assuntos como cultura, história, filosofia, etc. Na minha experiência ao longo dos anos, encontrei muitos trabalhadores que entendem mais desses assuntos que muitos dos chamados extratos médios cultos. Lembro-me, há muito tempo, quando ministrava palestras para operários em minha terra natal, sul do País de Gales, eu encontrei um metalúrgico que tinha aprendido português por conta própria para ler os trabalhos de um poeta brasileiro do qual eu nunca havia ouvido falar.

Essa ideia de que os trabalhadores não estão interessados em cultura vem invariavelmente de intelectuais que não conhecem a classe operária e que confundem os operários com o *lumpemproletariado*. Por esta razão, eles de-

monstram desprezo pela classe trabalhadora e um esnobismo próprio de classe média em relação aos trabalhadores. Este tipo de pessoa tenta se passar por trabalhador vestindo-se como trabalhador e tentando imitar o linguajar dos trabalhadores. Usam palavrões para tentar melhorar suas credenciais.

Tenho presenciado vários casos de supostos marxistas educados que acham inteligente imitar a linguagem e hábitos do proletariado imaginando que isso os tornará mais credenciados como “trabalhadores reais”. De fato, trabalhadores não utilizam esse tipo de linguagem em suas casas ou na frente de pessoas mais educadas. Imitar a conduta do mais baixo e mais degradado estrato dos trabalhadores e dos jovens não é digno de um marxista e muito menos de alguém que inspire ser líder. Em seu maravilhoso artigo A Luta Por uma Articulação pela Cultura, Trotsky descreveu tal linguagem como a marca de uma mentalidade de escravos, que revolucionários não deveriam imitar, mas lutar para eliminar.

Nesse artigo, escrito em 1923, Trotsky elogia os trabalhadores do setor de calçados na Comuna de Paris por terem aprovado uma resolução para evitar palavrões e para impor multas à linguagem inapropriada. O líder da Revolução de Outubro não considerou isso com um detalhe insignificante, mas como uma importante manifestação da luta da classe trabalhadora para se livrar da mentalidade de escravos e aspirar a um nível mais alto de cultura. “*Linguagem inapropriada e palavrões são um legado de escravidão, humilhação e desrespeito à dignidade humana – à sua própria e a de outras pessoas.*” Foi isso que o líder da Revolução de Outubro escreveu.

Existem muitos diferentes níveis na classe trabalhadora que refletem diferentes condições e

experiências. As camadas mais avançadas do proletariado estão ativas em sindicatos e partidos dos trabalhadores. Elas aspiram a uma vida melhor, têm um vivo interesse em ideias e teorias e lutam para se educar. Estas lutas são a garantia de um futuro socialista, quando homens e mulheres quebrarão não somente as amarras físicas que as prendem, mas, também, as amarras psicológicas, que as mantêm escravizadas a um passado bárbaro.

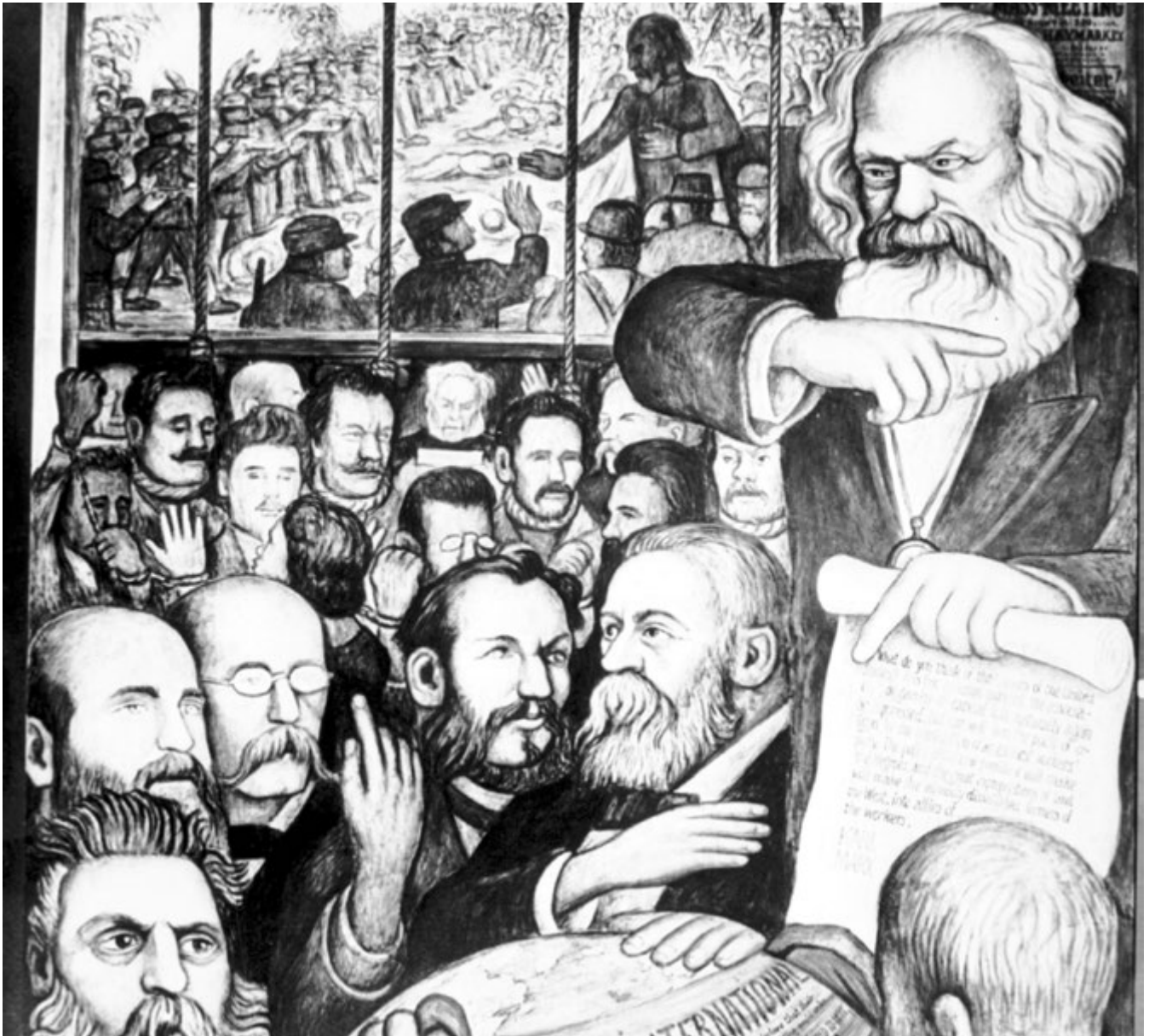
Trotsky realçou a importância da luta por uma articulação pela cultura: “*a luta por educação e cultura providenciará aos elementos mais avançados da classe trabalhadora todos os recursos do idioma russo em sua extrema riqueza, sutileza e refinamento.*”

Ele explica que a revolução está “*em em primeiro lugar um despertar da personalidade humana nas massas — que supostamente não poderiam ter personalidade*”. É “*antes e acima de tudo, o despertar da humanidade, que está em marcha e está marcada por um crescente respeito pela dignidade pessoal de cada indivíduo e uma preocupação crescente com todos os fracos*”. (ibid.)

A transformação socialista significa não somente a conquista do poder: este é apenas o primeiro passo. A revolução real – o salto da humanidade do reino da necessidade para o reino da liberdade – ainda tem de ser atingido. Engels apontou que em qualquer sociedade onde a arte, ciência e governo são o monopólio de uma minoria, esta minoria usará e abusará para manter a sociedade em servidão.

Fazer concessões ao baixo nível de consciência das camadas mais atrasadas e analfabetas da classe trabalhadora não ajuda a elevar o seu nível de consciência aos níveis exigidos pela sua tarefa histórica. Ao contrário, ajuda a diminuí-lo, e sempre ocorrerão consequências retrógradas e reacionárias. Pode-se resumir a





Parte do mural de Diego Rivera na Casa da Unidade

discussão da seguinte maneira: é progressista e revolucionário o que serve para elevar o nível de consciência do proletariado. É reacionário o que serve para diminuí-lo.

Os marxistas devem ser a primeira linha da classe trabalhadora que luta para modificar a sociedade. Nossa tarefa é educar e treinar os quadros da futura revolução socialista. Para executar essa tarefa, devemos insistir no que é positivo, progressista e revolucionário e, decididamente, rejeitar tudo o que é retrógado, ignorante e primitivo. Temos nos-

sa tarefa fixada em um horizonte muito alto. Devemos elevar a visão da classe trabalhadora, a partir dos elementos mais avançados ao horizonte no qual Trotsky falou em *Literatura e Revolução*:

*“É difícil prever a extensão do autogoverno que o homem do futuro pode alcançar ou aos níveis que ele pode levar a sua técnica. A construção social e a autoeducação psicossocial se tornarão dois aspectos do mesmo processo. Todas as artes – literatura, drama, pintura, música e arquitetura darão a*

*este processo uma bela forma. Mais corretamente, a concha onde a construção cultural e a autoeducação do homem comunista será fechada desenvolverá todos os elementos vitais da arte contemporânea ao ponto mais alto. O homem se tornará incomparavelmente mais forte, sábio e sutil; seu corpo se tornará mais harmonizado e, seus movimentos mais ritmados, sua voz mais musical. O homem mediano chegará às alturas de Aristóteles, Goethe ou Marx. E acima deste cume novos se erguerão.”*



# "O mar da história é agitado"

## 90 anos sem Maiakovski - Uma homenagem ao poeta da Revolução

Bruna Reis e Maritania Camargo

*Em 14 de abril de 1930, Maiakovski se suicidou. Como dizia Marx, "suicídio não é mais do que um entre os mil e um sintomas da luta social geral, sempre percebida em fatos recentes, da qual tantos combatentes se retiram porque estão cansados de serem contados entre as vítimas ou porque se insurgem contra a ideia de assumir um lugar honroso entre os carrascos"*<sup>1</sup>.

O suicídio de Maiakovski foi explorado por muitos, a burguesia, de um lado, usou para combater a Revolução, o socialismo; do outro lado, os stalinistas apressaram-se em dizer que o suicídio não tinha relação com a política e imortalizaram o poeta. E assim ocultavam os intensos expurgos que aconteciam, naquele momento, também entre os artistas. Nos dias seguintes, cerca de 150 mil pessoas prestaram homenagens ao poeta.

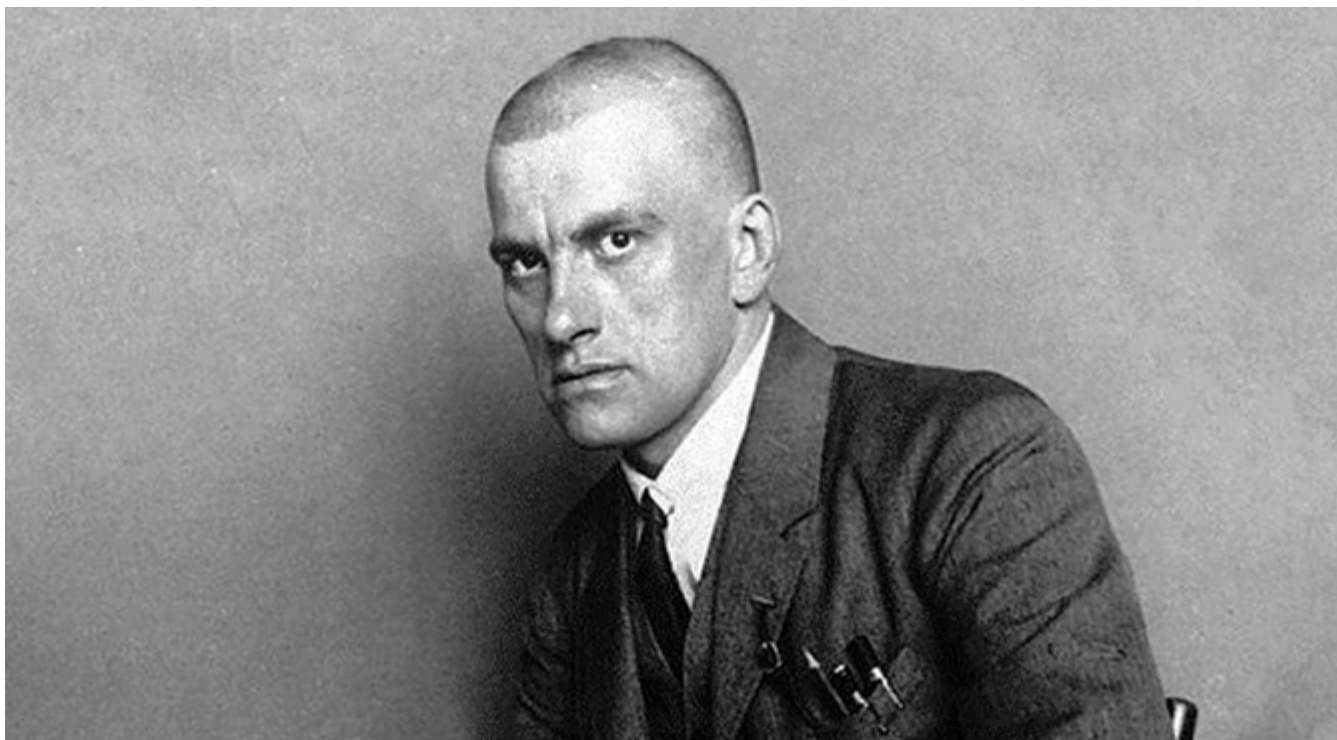
Trotsky avaliou com sobriedade e tristeza a perda:

"Sim, Maiakovski é o mais viril e o mais corajoso de todos os que, pertencendo à última geração da velha literatura russa, e ainda por ela não reconhecidos, procuraram criar laços com a Revolução. Sim, ele desenvolveu laços infinitamente mais complexos que todos os outros escritores. Um dilaceramento profundo nele permanecia. Às contradições que a Revolução comporta, sempre mais penosas para arte, na busca de formas acabadas, somou-se, nos últimos

anos, ao sentimento do declínio a que conduziram esses burocratas."

Trotsky não culpa diretamente a burocracia soviética, mas, numa ironia fina, ridiculariza aqueles que consideraram "inconcebível, incompreensível" o suicídio, referindo-se à Associação Soviética dos Poetas Operários.

Volódia, apelido carinhoso, é pouco conhecido na literatura ocidental, na universidade e menos ainda nas escolas secundárias, se comparado a outros nomes da li-



Vladimir Maiakovski em foto de 1924

teratura russa, como Dostoievski, Tolstoi ou Gogol. Sem dúvida isso não é por acaso, ele era um militante convicto e o mais corajoso combatente do verbo. Sem dúvida, Maiakovski é daqueles que merecem não só o nosso respeito, mas merece que o conheçamos e que o mantenhamos vivo entre nós:

*“Ressuscitem a mim - mesmo que seja só porque eu esperava isso.”<sup>3</sup>*

Aqui estamos, ressuscitando Maiakovski, não porque ele pediu, mas porque o necessitamos, porque ele foi um dos nossos e o precursor do que virá.

**“DIZEM QUE EM ALGUM LUGAR  
PARECE QUE NO BRASIL,  
EXISTE  
UM HOMEM FELIZ”**

No prefácio de uma antologia publicada na Polônia, em 1927, Maiakovski escreve *“Traduzir poemas é tarefa difícil, especialmente os meus. Uma outra razão da dificuldade da tradução dos meus versos vem de que introduzo nos versos a linguagem cotidiana, falada...”* A dificuldade de tradução do russo é um outro motivo para que a obra de Maiakovski seja restrita a um grupo muito pequeno de intelectuais. Ainda que hoje existam algumas críticas à qualidade das traduções, é preciso reconhecer a importância dos irmãos Augusto e Haroldo Campos em seu esforço para socializar a obra para os brasileiros.

Nos anos 60, na USP, Boris Schnaiderman, ucraniano naturalizado brasileiro, defendeu seu doutorado sobre o estudo de Maiakovski para uma banca que incluía Sérgio Buarque de Holanda. Fernando Peixoto, ligado ao Teatro Oficina de São Paulo, publicou em 1969 um outro importante compilado de sua vida e obra, relacionando com **Literatura e Revolução**, de Trotsky, e vários textos de Lenin. É um importante paralelo entre Maiakovski e a história da revolução russa.

A palavra, no entanto, muda com a história. Apesar das dificuldades de tradução da época, os versos de Maiakovski estão de alguma maneira presentes entre os brasileiros, viraram estampa de camiseta, letra de música, como se pode ver no documentário *Gráfica Utópica* produzido em 2002, por Aurélio Michiles. Recentemente, Letícia Mei é uma das tradutoras que continua reacendendo o nome de Maiakovski no Brasil. Em 2018 ela publicou pela primeira vez a tradução integral do poema *“Sobre Isto”* em uma edição bilíngue e com correspondências do poeta para Lili, a quem o poema estava dedicado.

**“POR ESSA RAZÃO CAMINHO  
LIVREMENTE EM MINHA  
CRONOLOGIA”**

Maiakovski nasceu em Bagdadi, arredores de Kutaíssi, Georgia. A cidade, entre 1940 e 1991, chamou-se Maiakovski. Após o colapso da URSS, em 1991, o nome voltou a ser Bagdadi. Maiakovski recebeu o mesmo nome do pai, Vladimir, era comum na família e não houve dúvidas com relação ao nome, pois o menino nascera no mesmo dia que o pai completara 36 anos. Salvo pelo evento de ser aniversário do pai e ser comum receber visitas, nada acontecia de anormal no dia 19 de julho de 1893, como anos mais tarde vai registrar o poeta.

*“Era absolutamente como todos - dava enjoo de tão igual - em que a vós descí.”*

A família de Maiakovski era uma família culta. Os pais se preocupavam muito com a formação dos filhos. Bagdadi era um vilarejo com cerca de 200 casas, os Maiakovski eram conhecidos e respeitados. O pai, Vladimir Konstantinovitch Maiakovski, era guarda-florestal, além disso, descendia da nobreza, mas a família era pobre. A mãe, Aleksandra Alekseievna, nascera na Armênia e aos 11

anos ficou órfã. Apesar de não ter concluído nem mesmo o ginásio, era como todos os integrantes da casa, apreciadora da literatura. Na casa, a leitura coletiva e, por vezes, a discussão de temas da atualidade eram comuns. Gogol e Pushkin eram as leituras prediletas, mas os clássicos da literatura russa foram parte cotidiana da vida de Maiakovski. Nessa época o pai se orgulhava da boa memória do filho que recitava grandes trechos da obra de Gogol. Maiakovski conta que quando havia visita, o pai apresentava o filho como o herdeiro das propriedades vazias e de memória prodigiosa, em seguida o menino recitava. Em todas as biografias de Maiakovski relata-se uma família harmoniosa, culta, mas com muitas dificuldades financeiras.

Na autobiografia *Eu mesmo*, concluída em 1928, mas iniciada seis anos antes, temos um relato impessoal, sem desesperos ou confissões, muito diferente da sua obra, notadamente autobiográfica e hiperbólica. Ele mesmo conta que os primeiros estudos ficaram a cargo da mãe e dos primos. Gostava das letras, mas não conseguia acreditar na matemática: *“Era preciso contar as maçãs e as peras distribuídas. Ora, eu sempre ganhei e sempre dei frutas sem contar.”* Sobre o primeiro livro, um relato para crianças, diz que se tivesse lhe caído às mãos mais alguns daquele, teria desistido de ler. Sorte a nossa, o segundo livro foi *Dom Quixote* (*“Esse sim, era um livro!”*). Cresceu sob os ombros de gigantes. E, ao contrário da tradição russa, era um poeta da cidade: *“Depois de conhecer a eletricidade, a natureza para mim não tem mais interesse. Não é bastante perfeita.”*

A irmã mais velha vinha nas férias, estudava em Moscou e contagiou o irmão com a paixão pelo desenho. Também é quem vai proporcionar, mais tarde, os primeiros contatos com o marxismo. Sem dúvida o ambiente familiar teve influência nos gostos de Maiakovski. No outono de 1900 o pequeno

Volódia se muda com a mãe para Kutaíssi porque precisava se preparar para os exames de entrada no ginásio.

Agora as irmãs estudavam em Tiflis e Maiakovski em Kutaíssi. A vida do poeta poderia passar quase despercebida, não fosse o fato de que, como diz Trotsky, a arte da paisagem não poderia ter nascido no Saara. Assim aconteceu com Vladimir, sua obra floresceu nos campos férteis da Rússia pré-revolucionária e sua vida é atravessada por furações nunca antes vistos com tal magnitude.

Em 1902 ele entra para o ginásio, aprovado com nota máxima. Volódia vai receber aulas particulares de pintura, história da arte, tudo de graça porque o professor, pintor, gostou dos desenhos do menino.

Maiakovski encontra-se com Júlio Verne, Cervantes, Gogol e tem bons professores, o primeiro é Djarnardjidze, homem sensível e com ideias de vanguarda. Os professores ajudaram muito com as ideias de igualdade entre georgianos e russos e com o incentivo à leitura. Também foi um professor o primeiro a proporcionar o encontro de Maiakovski com o teatro, se chamava Vassili.

### **"SEM CHICOTE - A ÉGUA DA VIDA NÃO SE MOVE"**

Trotsky explica que a Revolução de 1905 é um acontecimento resultante diretamente da guerra russo-japonesa, assim como a Revolução de 1917 é o resultado da guerra imperialista. Trotsky em prosa, Maiakovski em versos: *"Sem chicote - a égua da vida não se move"*.

O fato é que a guerra levantou a Rússia. Os anos de 1903, 1904 e 1905 foram anos de convulsão política, anos de guerra, anos de Revolução e assim as cortinas da vida política do poeta se abriam, era o prólogo. *"Eu não compreendo tudo. Pergunto. Me introduzem num círculo de estudos marxistas."* Maiakovski tinha 11 ou 12 anos,

as leituras clandestinas que chegavam entusiasmavam o menino em transformação, a Rússia prestes a explodir - *"Leio tudo. Entusiasma-ram-me... Surgiu a palavra 'panfleto'. Os panfletos eram dependurados pelos georgianos e os cossacos dependuravam os georgianos nas forcas. Meus amigos eram georgianos, e passei a odiar os cossacos."*

As manifestações estudantis chegam em Kutaíssi, estudantes foram expulsos, a pressão intensifica, a direção do ginásio acorda com a polícia, a repressão e as explosões aumentam.

É também Trotsky que nos explica que apesar de o prólogo ainda não estar com suas forças totalmente desenvolvidas, carregava sinteticamente todos os elementos do que veriam em 1917. Além disso, explica que, em 1905, os marxistas envolvidos naqueles acontecimentos já dispunham do método científico para compreender os processos históricos. Maiakovski, ainda menino, já conseguia perceber tal método:

*"Impressionou-me para sempre a capacidade dos socialistas de deslindar os fatos e sintetizar o mundo."*

O relógio da história se apresentava, Volódia lia os escritores que marcaram profundamente aquela geração - Marx, Engels, Kautsky, Liebknecht, Lassale. Gostava muito do estilo de Lassale *"Na minha chegada, liam 'O Programa de Erfurt'. Estavam no meio. Era a respeito do lumpen-proletariado. Comecei a me considerar social-democrata: levei as carabinas Berdan de meu pai para o comitê social-democrático. Quem me agradava pelo físico era Lassale. Talvez porque não usasse barba. Tinha aspecto mais jovem. Misturei Lassale com Demóstenes."*

Após o Domingo Sangrento, a Rússia é tomada pelas manifestações, a família de Maiakovski apoia a Revolução, os jovens se envolvem nas grandes manifestações. Em outubro de 1905, Volódia

tem a primeira experiência com a repressão:

*"... em uma passeata em memória de Bauman eu, caído, levei uma pancada na cabeça com um tambor enorme. Assustei-me, pensando que a cabeça havia rachado."*

A derrota de 1905 traz misticismo e desânimo, toda a Intelligentsia liberal se volta para defesa da arte pela arte. Lenin é quem aponta o caminho e afirma que o exército derrotado sempre passa por uma boa escola. Não há dúvida que foi uma boa escola.

Na vida de Maiakovski, a morte acidental do pai em 1906 traz, além de um enorme vazio, muitas mudanças. A família, diante da intensificação das dificuldades financeiras, muda-se para Moscou, onde persistem as dificuldades:

*"Mãe teve de sublocar quartos e dar refeições. Os quartos são medíocres. Os inquilinos eram estudantes pobres. Socialistas. Lembro-me de quando surgiu diante de mim o primeiro 'bolchevique', Vássia Kandeláki."*

São anos duros de reação. Pierre Broué dá os números:

*"Em Moscou, em 1907, são milhares, no final de 1908 restam apenas 500 e 150 no final de 1909."*<sup>5</sup>

Mesmo assim, em 1908, Maiakovski se filia ao POSDR na ala bolchevique, torna-se propagandista, trabalha, milita com padeiros, em seguida com sapateiros e depois com gráficos. No partido, chama-se Camarada Konstantin, tem 15 anos e abandona o ginásio.

A repressão é forte, começam as prisões de Maiakovski, a primeira é de apenas 10 dias, acusação: escrever panfletos. Representou muito bem nesta ocasião, soube fingir que nada sabia e num impulso de





**Maiakovski quando era estudante do Instituto de Belas-Artes em Moscou, 1910**

proteger a organização comeu os endereços: “Comi o bloco de notas com os endereços e capa dura.”

Mas a partir deste episódio ficou na mira da polícia. Ainda antes de ser preso novamente se matricula na classe preparatória da Escola Stroganov.

Maiakovski lembra que nesta época estudou muito e amadureceu muito. Na prisão mais longa, há relatos de que era uma liderança marcante entre os presos políticos, a ponto de conseguirem aumento do passeio e chegarem a fazer trocar a comida estragada. Maiakovski recitava poemas na cadeia e chamava atenção dos guardas que de alguma maneira o respeitavam. O próprio poeta lembra que diziam que ele era engraçado e um líder.

Atrevido, comprometido e pronto para atuar em defesa do sigilo dos camaradas, Maiakovski, nesta época, ocupou lugar de destaque no partido, apesar da juventude.

Mas a última prisão, em 1909, foi mais complicada. Com apenas 16 anos e com o espírito de líder e organizador, Maiakovski foi transferido para solitária. Dois despachos dão conta de mostrar que o Departamento de Segurança entendia Maiakovski como um perigo:

“17/VIII. Transferir para a prisão temporária em solitária; solicito a comunicação da ordem.”  
“31/VIII. Comunicar a Maiakovski que até o fim do processo não obterá liberdade; indeferir o pedido de participação em passeios comuns.”<sup>6</sup>

Nesses 11 meses, devorava literatura. Estuda o simbolismo e tenta escrever em um caderninho (*Obrigado aos guardas: tiraram-no ao me soltar. Senão, era capaz de publicar!*). Foi aos clássicos.

Saindo da prisão, um dilema:

*“O que eu li são os assim chamados grandes. Mas como é fácil escrever melhor do que eles! Mes-*

*mo agora, já tenho uma relação correta com o mundo. Preciso apenas de experiência em arte. Onde apreendê-la? Sou ignorante. Devo passar por uma escola séria. E eu fôra expulso do ginásio, até do Stróganovski. Se ficar no partido, tenho de me passar à clandestinidade. E como clandestino, parecia-me, não poderia estudar. Perspectiva: passar a vida inteira escrevendo panfletos, expor pensamentos tirados de livros certos, mas que não foram inventados por mim. Se alguém me sacudir, para expelir o que li, o que vai sobrar? O método marxista.”*

Por isso Trotsky afirma que Maiakovski era, acima de tudo, um poeta. Ainda que o método estivesse, desde a mais tenra idade, assimilado por ele, sua escolha foi pela arte. Maiakovski estudou com os pintores Jukovski e Kélin, antes de estudar na mesma escola de Burliuik: “um excelente amigo. Meu verdadeiro Mestre. Foi Burliuik quem fez de mim um poeta. Ele me lia os Franceses e os Alemães. Me enchia de livros. Passeava comigo e falava sem parar. Não me deixava um instante. Todos os dias me dava 50 kopeks. Para que eu pudesse escrever sem passar fome.”

Anotações de L. Maiakovski sobre o dia que fora liberto e a situação precária que se encontrava:

“Seu sobretudo estava penhorado. Pedimos a Volódia que aguardasse até a manhã seguinte para conseguirmos o dinheiro necessário e resgatarmos seu casaco. Mas Volódia, é claro, não podia negar a si mesmo o desejo impetuoso de rever os amigos. Passou a noite inteira fora. Pela manhã, conseguimos 25 rublos e gastamos 20 com o resgate do casaco, 3 com galochas e com os 2 restantes festejamos a liberdade de Volódia.”<sup>7</sup>

### **UMA BOFETADA NO GOSTO DO PÚBLICO**

O futurismo é um movimento diretamente ligado aos acontecimentos econômicos e históricos do

final do século XIX e das primeiras décadas do século XX, inclusive com a guerra.

Trotsky explica que apesar do correto combate ao mundo antigo que florescia num momento propício para isso, os futuristas hesitavam entre a juventude e a boêmia, alertando que é um equívoco dizer inclusive que o futurismo libertou a arte das suas ligações milenares. Chama ainda de vulgar e provinciano a tentativa de antecipar, querer materializar o por vir, deixando muito bem delimitado a natureza romântica das ideias simplistas e acabadas de como será a arte do futuro diante da miséria que se encontravam. Ou seja, marcando a necessidade de condições econômicas e históricas reais para que a arte floresça.

Para Trotsky, a Revolução chegou muito antes que o futurismo russo pudesse amadurecer. Ele aponta que o movimento, mais tarde, se transforma em inofensivo do ponto de vista político e aceitável do ponto de vista estético.

Apesar de ser correto o choque dos futuristas com o antigo, de forma alguma isso pode ser tomado como uma regra, os marxistas não abandonam as tradições revolucionárias e o que levou a humanidade até elas, aliás, esta é uma das grandes divergências entre Maiakovski e Lunatcharski após a Revolução de outubro.

Khlebnikov, por exemplo, que viaja com Maiakovski e trabalha com a fonética, apesar de ter desenvolvido importantes exercícios nesta área, evidencia a busca por fórmulas que, nas palavras de Trotsky, acabam por estrangular a poesia.

Maiakovski é considerado o melhor dentre os futuristas porque é o futurista mais autêntico, talvez fosse correto dizer que era o mais futurista dos futuristas ou como fazem alguns tirá-lo de qualquer corrente, já que ele é o que mais busca o distanciamento do idealismo, ainda que acabe



Da esquerda para direita: Tamizi Naito, Boris Pasternak, Sergei Eisenstein, Olga Tretyakova, Lilya Brik, Vladimir Mayakovsky, Arseny Voznesensky e tradutor do Japão no encontro com Tamizi Naito, 1924

nele. Mas não podemos falar pelo poeta, ele próprio se considerava um futurista.

Em 1914, o movimento era uma combinação de vários elementos, um fenômeno europeu com um desenvolvimento peculiar na Rússia. O futurismo russo foi o que teve de mais avançado para a arte da época, pois estava conectado aos acontecimentos históricos do país. Como já dito, alguns estudiosos tentam desconectar Maiakovski do Futurismo, em virtude do que ocorreu na Itália, mas como o próprio Trotsky deixa muito claro, isto é impossível e ao mesmo tempo precisa ficar muito pontuado: a diferença entre o Futurismo Russo, o Futurismo Italiano e mesmo o seu desenvolvimento no restante do mundo.

Ainda em 1914, Maiakovski é expulso da Escola de Belas Artes e começa uma turnê por toda Rússia com seus companheiros futuristas.

Na época era comum uma relação muito íntima entre as várias artes, a história dava conta de homens com uma formação gigante, nas artes isso não era diferente,

artistas muito completos: encenavam, faziam poesia, pintavam, se envolviam em todas as manifestações artísticas.

Em todos os lugares que vão, sofrem uma perseguição sistemática da polícia czarista porque, se contrapondo às ideias burguesas e aos antigos escritores, chamam muita atenção em cada cidade.

De tudo acontece: desde a plateia vaiar, jogar ovo, até aplaudir. Os artistas se utilizam de muitas técnicas, o teatro, a pintura e a palavra estão intimamente ligados nas apresentações do movimento. A nota do jornal local de uma das apresentações dá conta do quão mágica era a turnê: “Ontem, na rua Sumskaja, aconteceu algo extraordinário! Uma enorme multidão bloqueou a rua. O que houve? Um incêndio? Não. É que entre os transeuntes estavam os líderes do futurismo - Burliuk, Kamienski e Maiakovski. Os três estavam de cartola, sob os paletós viam-se as blusas amarelas e maços de rabinetes nas lapelas. Eram percebidos de longe, eram umas cabeças mais altas que a multidão e caminhavam com ar imponente,

sério, apesar da animação do público. Uma certa moça expansiva ofereceu um buquê de rosas vermelhas aos futuristas e, pelo visto, queria dizer algumas palavras, mas ao avistar o policial, desistiu. Hoje, na sala da ‘biblioteca pública’, acontecerá a primeira apresentação dos famosos líderes do futurismo. Dizem que os ingressos estão esgotados. Os moradores de Kharkov aguardam o próximo escândalo.”<sup>8</sup>

Ainda não tinha iniciado a guerra, é nesse período também que a Rússia recebe a visita de Marinetti, o pai do futurismo italiano, cujo manifesto tem sementes fascistas. Os futuristas russos interrompem a turnê, voltam para Moscou e vão combater Marinetti, inclusive espalhando cartazes pelas ruas diferenciando o futurismo russo do italiano.

#### **“A GUERRA APARECE EM TODO O SEU HORROR”**

O início da guerra em 1914 vai ser outro divisor de águas do movimento operário russo e mundial. Enquanto o pai do futurismo ita-



liano, Marinetti glorificou a guerra como “única higiene do mundo” e social-democratas do mundo inteiro traíram o socialismo, enterrando a 2ª Internacional e apoiando seus Estados nacionais. Lenin explicou o caráter imperialista da guerra e apontou a necessidade de transformá-la em uma guerra civil contra a burguesia nacional como única forma de conseguir paz, pão e terra.

Apesar de, muito no início, ter se entusiasmado com a guerra, chegando a declarar que talvez ela tenha sido inventada apenas como pretexto para belos poemas, rapidamente Maiakovski se centraliza com os bolcheviques e combate, em verso, o caráter imperialista da guerra:

*“A vocês que vivem de orgia em orgia  
que têm banheira quente e closet!  
Não se envergonham de ler nas colunas de jornais  
sobre os agraciados pela Cruz de São Jorge?  
Sabem vocês, inúteis,  
dilatantes  
Que só pensam encher a panela e o cofre  
Que talvez uma bomba neste instante  
Arranca as pernas ao tenente Pietrov? [...] A vocês, gozadores de fêmeas e de pratos.  
Dar a vida por suas bacanais?”*

O poema “A vocês” foi declamado pela primeira vez em 11 de fevereiro de 1915, no cabaré Cão Vadio, onde Maiakovski havia estreado poeticamente. O respeitável público burguês, que nunca tinha assistido uma crítica tão corajosa e ousada, se escandalizou. Muito parecido com o que iria acontecer no Brasil, sete anos depois, na Semana da Arte Moderna. Maiakovski estava pálido e visivelmente perturbado, mas acendeu outro cigarro e declamou seu poema até o fim.

“Uma mulher, elegantemente vestida, gritou da cadeira em que estava sentada:

- Tão jovem e saudável... Em vez de escrever poemas atrevidos, deveria ir para o front.

Maiakovski respondeu prontamente:

- Há pouco tempo, na França, um conhecido escritor declarou a vontade de ir para o front. Deram-lhe uma pena de ouro e disseram: ‘Fique, sua pena será mais útil à pátria do que a espada.’

Então a mesma mulher gritou, irritada:

- Ninguém precisa da sua pena!

- Madame, o assunto não é de seu interesse, a senhora precisa de penas somente para o chapéu.”<sup>9</sup>

Essa apresentação e o poema em si é o marco da adesão inequívoca de Maiakovski à política bolchevique: combater a guerra, transformando-a em uma guerra de classes. Em **A História da Revolução Russa**, de Trotsky, fica evidenciado o quanto a burguesia russa ganhava com a guerra: “Na Duma nacional e na imprensa vieram a público alguns dos lucros de guerra obtidos durante os anos 1915-1916: a empresa têxtil de Riabuschinskys, fabricante liberal de Moscou, figurava com um lucro líquido de 75%; a Companhia Tver 111%; a fábrica de laminação de cobre de Kolichuguin, fundada com um capital de dez milhões, aparecia ganhando mais de 12 milhões num ano. [...] Vyrubova, camareira do palácio, conta que jamais em qualquer estação se encomendou trajes tão caros nem se compraram tantos brilhantes como durante o inverno de 1915-1916”<sup>10</sup>. De fato a guerra e a convulsão social causada por ela na Rússia ajudaram Maiakovski a escrever; “A mãe e Crepúsculo morto pelos alemães” é um exemplo e lembra alguns poemas de Brecht da mesma época.

Passa um tempo em Kuokalla (hoje Riepin), na Finlândia, uma estação de veraneio onde muitos artistas viviam. Gorki morava nas proximidades. “*Dei início a sete relações de jantar. Aos domingos, ‘janto’ Tchukóvski, às segundas, Ievriéinov etc. Às quintas, era pior: comia os capinzinhos de Riépin. Para um futurista de estatura quilométrica, era inadequado. Ao anoitecer, vagueio pela praia. Escrevo a ‘Nuvem’*”. O poema *Nuvem de Calças* é considerado por Trotsky sua obra mais significativa, por causa da sinceridade e autenticidade: “É difícil crer que um jovem de 22 ou 23 anos escrevesse um texto de uma força tão intensa e com uma formação tão original.”

Mostra-o para Gorki: “*Numa explosão súbita de sensibilidade, cobriu o meu colete com lágrimas. Meus versos comoveram-no. Fiquei orgulhoso. Pouco depois ficou claro que ele chorava no colete de todos os poetas. Mesmo assim eu guardei o colete. Posso cedê-lo a algum museu do interior...*”

O tema central do poema é o amor, e seu título original era “O décimo terceiro apóstolo”. Pode ter sido escrito a partir de uma relação com uma moça em Odessa, 1914. Confessa pela primeira vez um comportamento passional desmedido: “*Eu nunca consegui guardar o meu coração até o mês de maio [...] dinastia de rainhas que seduziram meu coração louco*”.

*“O pássaro canta,  
faminto e sonoro,  
mas eu, eu sou um homem, Maria,  
simples,  
cuspido por uma noite tísica na  
mão suja*

*[de uma rua.*

*[...] os poetas fazem sonetos a Cloé  
mas eu  
eu sou todo carne,  
inteiro homem.  
Eu te peço o teu corpo  
como os cristãos pedem:  
o pão nosso de cada dia  
nos dai hoje.”*



Maiakovski com os jovens na exposição "Vinte anos de atividade de Maiakovski" em 1930

E ainda que fale de amor, a guerra continua fornecendo imagens poderosas para seus poemas:

*"Teu corpo  
eu quero acariciar e amar  
como um soldado  
diminuído pela guerra,  
inútil,  
sem ninguém,  
acaricia sua única perna"*

Mas é em julho de 1915 (uma data gratíssima) que a paixão de Maiakovski vai explodir em sua vida e sua obra: "Conheço L.I. e O. M. Brik."

### **"ESSE É TALVEZ O ÚLTIMO AMOR DO MUNDO"**

O casal Brik era um dos centros do movimento artístico russo, participando ativamente da vida boêmia dos poetas e artistas da época, incentivando toda a arte nova, a pesquisa artística de vanguarda. Ossip Brik substituiu Burliuk como amigo e mecenas de Maiakovski: financia sua arte com 50 kopeks diários, edita suas obras e, em 1923, será um dos teóricos da re-

vista LEF (Lieve Front - frente de esquerda), dirigida pelo poeta.

Maiakovski se apaixonou por Lili violenta, desesperada, trágica e imensamente. Esse amor teve grande influência em sua vida e, consequentemente, na obra, é a musa dos poemas mais apaixonados. A relação íntima entre os dois durou até 1925. O trio, formado pelo casal e Vladimir, tinha uma amizade fraterna, sincera, familiar. Estavam sempre juntos.

O amor e a revolução são os dois temas fundamentais de sua obra. Em muitos poemas revolucionários há uma união orgânica e concreta entre seus sentimentos pessoais, individuais e o complexo coletivo da sociedade russa, fato este que é criticado por Trotsky:

"Cabe observar que a ausência de harmonia interior que se manifestava no estilo do poeta, a insuficiente disciplina do verbo e o excesso de suas imagens: a quente lava do patético e a incapacidade de ligar-se à época, à classe, o gracejo de mau gosto pelo qual procurava - ao que parece - proteger-se contra todo golpe do mundo exterior."<sup>11</sup>

Apesar de uma crítica muito dura, Trotsky não recuou nunca de assinalar que o poeta era um gigante, o maior da sua época. Um importante e muito conhecido poema seu, "A flauta de vértebras", chamava-se inicialmente "Versos para ela", Lili, e foi escrito em 1915. Mostrava sofrimento e solidão e aqui aparece o terceiro tema bastante presente em sua obra: o suicídio.

*"e se eu pusesse  
um ponto final em minha vida  
com um*

*[balaço.]"*

Diante da impossibilidade do amor, transforma seu corpo em um instrumento. "Hoje tocarei a flauta na minha própria coluna vertebral". Faz uma festa nas ruas, mas ele próprio não participa dela.

*"eu afirmei por todos os lugares  
que Deus*

*[não existe.*

*E das tórridas profundezas  
Deus fez com que ela aparecesse,  
ela, diante de quem as montanhas tremem*

*e ele ordenou:  
tu a amarás!"*

*Aparece, portanto, uma revolta com a ideia de deus, que o amaldiçoa com esse amor-tormento. Mas ele reage:*

*"Não preciso de ti!  
Eu recuso!  
Tudo pra mim é igual  
eu sei que vou morrer."*

### **"A MINHA REVOLUÇÃO."**

Maiakovski, diferente de muitos, era um artista preparado para a Revolução. Em fevereiro, saudou a Revolução e já estava com a posição dos Bolcheviques: *"A coisa está clara para mim: é inevitável a vinda imediata dos socialistas. Os bolcheviques. Escrevo, já nos primeiros dias da Revolução, a crônica poética 'Revolução'. Faço conferências: 'Os bolcheviques da arte'."*

Já sobre outubro os registros são muito mais contundentes:

*"Outubro: Aceitar ou não aceitar? Semelhante pergunta não existia para mim (e para os demais futuristas moscovitas). A minha revolução."*

Segundo os registros históricos, os trabalhadores na ocupação dos palácios entoavam versos de Maiakovski:

*"Coma ananás, mastigue perdiz,  
teu dia está prestes, burguês."*

Dedica-se ao máximo à revolução, nesse tempo produz à mão centenas de panfletos e cartazes que visavam educar o povo, propagandear as tarefas, desde as questões de higiene até a venda dos produtos das fábricas que agora estavam sob o controle dos operários.

Na Conferência Pan-Russa sobre Propaganda de Produção de 4 de março de 1921 a preocupação de Maiakovski com o trabalho revolucionário fica muito explícita,

denuncia o descaso com os materiais; *"Eu sei de casos como no início da guerra com a Polônia um pôster devido à massa de dificuldades e burocracia, até o fim da guerra com a Polônia, permaneceu na Editora Estatal ou foi processado."*

Pede compromisso e fala da agilidade e eficiência com a propaganda:

*"Por exemplo, quando da realização do VIII Congresso dos Sovietes, às 2 horas da manhã recebemos uma mensagem telefônica, 'palavra pouco clara' do camarada Lenin, então pela manhã, juntamente com o jornal em 80 pontos em Moscou, já havia grandes cartazes de quatro por cinco metros."*

Gorki diverge de Lenin, a intelectualidade se perde com a força das massas bolcheviques. Maiakovski, em parceria com Lunacharski, trabalha incansavelmente pelo governo revolucionário. Ao mesmo tempo as tensões políticas eram gigantescas, já que tudo acontecia num cenário de guerra civil e as mais difíceis tarefas estavam em meio aos embates políticos.

Mas a dúvida sobre de que lado estar não existia, mesmo diante dos mais difíceis momentos da guerra civil: *"... aquele que não canta conosco hoje, está contra nós."*

Em 1919, Maiakovski vai para ROSTA (Agência Telegráfica da Rússia): *"Lembro que não tínhamos folga. Trabalhávamos numa enorme oficina da ROSTA onde não havia calefação, era gelada e ardiam os olhos por causa do fogareiro."*

O trabalho precisava ser ágil e bem feito, quando vinha uma notícia do front, em 40 minutos precisava estar na rua, grande, bem desenhado e chamativo. Maiakovski fica quase dois anos no ROSTA. Esse é o momento do trabalho publicitário do poeta, também é aí que se delineia a construção da LEF. A revista abarca os grandes nomes da arte russa do momen-

to: Eisenstein, Pasternak, Isaac Babel, Ossio Brik, Assiéviev, Rodtchenko...

Trotsky explica que a LEF sofre de incompreensão acerca da dialética, não conseguindo encontrar o fio condutor que compõe o individual e o coletivo. Ainda que reafirme a fidelidade em servir à causa revolucionária.

Dos debates acalorados e das contradições do período que viveu, a envergadura do artista Maiakovski não deixa dúvida, falamos de um gigante.

### **"PARA VOCÊS, O CINEMA É UM ESPETÁCULO. PARA MIM, É QUASE UMA CONCEPÇÃO DO MUNDO"**

Em 1913, Maiakovski entendia o cinema como uma mera máquina produtora de imagens, de onde não poderia sair arte. Mas é nesse ano mesmo que atua pela primeira vez com uma pequena participação no filme "Um drama no cabaret dos futuristas nº 13" e escreve o roteiro de outro filme.

Mas depois da revolução, já em 1918, escreve para Lili: *"Minha única distração (eu gostaria que tu me visses, te divertiras bastante), eu trabalho no cinema. Eu mesmo escrevi o roteiro. Faço o papel principal."* Mesmo sob as difíceis condições da guerra civil, fez três filmes naquele ano como protagonista e roteirista. O brilhante roteiro de "Acorrentada pelo filme" foi ainda encenado por Lili na personagem da bailarina, que faz par com o pintor, o próprio Maiakovski.

Apesar do sucesso que faz, *"Os cineastas dizem que para eles eu sou um ator extraordinário (...) me prometem glória e dinheiro"*. A carreira no cinema é bastante inconsistente, mas ele continua a escrever roteiros. O grande momento do cinema soviético se dá entre 1925 e 1930. Por compreender o potencial comunicativo das obras cinematográficas, principalmente dos documentários, Lenin afirmava que o cinema era a arte mais importante para o país - já em 1919 são estatizados cinema e teatro.



Janeiro de 1924, Lenin morre: “As crianças/ estavam sérias como velhos/ e os velhos/ choravam como crianças”. Mais tarde, em 1929, em “Conversa com o camarada Lenin”, vai denunciar os kulaks, os burocratas, os puxa-sacos, os sectários e os bêbados, mas reforça que nas fábricas cheias de fumaça, nos campos cheios de neve e trigo, é o coração e o nome de Lenin que faz pensar, respirar, lutar, viver.

Krupskaya relata que Lenin quis visitar uma comuna juvenil, em 1921, um ano de fome, mas entre os jovens reinava o entusiasmo. Queria saber o que liam. “Pushkin?” “Oh, não - exclamou alguém - esse era um burguês! Nós lemos Maiakovski.”<sup>12</sup> Depois disso, conta que Lenin sempre lembrava dos jovens ao ouvir o nome do poeta. Mais tarde elogiou um poema que criticava a burocracia:

“Por acaso eu li ontem no Izvestia uma poesia de Maiakovski sobre um tema político. Não sou dos admiradores de seu talento poético, ainda que reconheça minha incompetência neste assunto. Mas há muito tempo eu não experimentava um prazer tão grande do ponto de vista político e administrativo. Em seu poema ele ridiculariza as reuniões e zomba dos comunistas que se reúnem o tempo todo. Não posso julgar o aspecto poético, mas no que se refere à política, está perfeitamente justo.”<sup>13</sup>

Maiakovski viaja por toda a Rússia fazendo conferências e termina o poema “Vladimir Ilitch Lenin”, também é neste ano que viaja pela Europa, com especial atenção para Alemanha e Paris.

Os debates são intensos, as acusações e combates ainda mais, a LEF, o formalismo, os futuristas, o caminho de N. Tchirzhak e as diferenças com Lunacharski são fortes.

Descobre a América, mais viagens, mais impressões. O clima político é tenso, Maiakovski está isolado. Escreve “O percevejo”.

### **“UMA MINIATURA DO MUNDO DENTRO DAS PAREDES DO CIRCO”**

Duas peças são centrais para compreender a face do teatro em sua obra. “Mistério-Bufo” começou a ser escrita em agosto de 1917, ainda antes da revolução de outubro, “A revolução vibra nos nervos antes de sair para as ruas”<sup>14</sup>. Mas foi em 1920/21 que a segunda versão, bastante modificada, ficou pronta, atualizada com novas questões conjunturais, como a NEP (Nova Política Econômica). Maiakovski queria que “Mistério-Bufo” fosse a carcaça de uma peça sempre atualizada por quem a montasse. A revolução acabou com as coisas definitivas, “*não pode mais haver uma peça acabada*”.

“O percevejo”, talvez sua mais famosa peça teatral, estreou um ano antes de sua morte. Sobre a peça, Schnaiderman escreve: “é certamente o ápice da obra de Maiakovski dra-

maturgo. Segundo a perspectiva de hoje, seu texto corresponde, creio eu, a uma tomada de consciência sobre o momento vivido então pela Rússia, com a consolidação do sistema stalinista e a eliminação de quaisquer vozes divergentes. O poeta se considerava um fiel seguidor do partido e, embora não tivesse ingressado nas fileiras, toda a sua obra está marcada por essa atitude.”<sup>15</sup>

A liberdade de crítica entre artistas e partidos políticos é um importante catalisador. Na vida em geral e na revolução russa especificamente. A trajetória de Maiakovski é de embates tanto políticos quanto artísticos. Desde o início, com sua blusa amarela, fazia uma arte de embate com o antigo, uma “bofetada no gosto do público”. Depois da revolução, não era mais tempo de andar com a arte, ela estava dando saltos. Os bolcheviques, os marxistas, entendem a importância dela para a consolidação de uma sociedade sem classes.

Em 1927, a morte de Lenin e anos de guerra civil propiciaram o desenvolvimento de uma burocracia estatal que se apoiava em Stalin como dirigente da contrarrevolução. Os avanços passavam a virar retrocessos em muitas áreas. Para comemorar dez anos de revolução, Eisenstein preparou “Outubro”, mas teve que remontar o filme, excluindo totalmente, por exigência do governo, a participação de Trotsky nos acontecimentos decisivos da revolução.

Adere a RAPP. Em meio ao isolamento e às grandes polêmicas, inau-



Exposição 1930



pela burocracia stalinista... certamente, é a soma destes elementos que levam o poeta da Revolução ao suicídio.

Outro aspecto curioso da questão do suicídio é o diálogo póstumo de Maiakovski com o poeta Sierguei Iessênin, que havia sucumbido ao suicídio, cinco anos antes, em 1925. Apesar de pertencerem a polos opostos da poesia russo-soviética (Iessênin era do campo, da nostalgia e Maiakovski um poeta da cidade, do futuro), ambos aderiram à revolução. E o diálogo que estabeleceu com o colega é um dos mais bonitos da sua obra:

*“Você partiu,  
como se diz,  
para o outro mundo. (...) /  
Pare,*

*basta!  
Você perdeu o senso?  
(...) Você,  
com todo esse talento  
para o impossível,  
hábil  
como poucos. Por quê,  
para quê?  
Perplexidade.  
(...) Melhor  
morrer de vodca  
que de tédio!  
(...) É preciso  
arrancar  
alegria  
ao futuro.  
Nesta vida  
morrer não é difícil.  
O difícil  
é a vida e seu ofício.”*

*Maiakovski, presente.*

Esse texto é dedicado carinhosamente ao camarada Roque Ferreira que no momento que o escrevamos essas linhas faleceu vítima de covid-19, vítima desse sistema miserável. Aqui guardamos nossos retalhos e emendamos no fio de continuidade da luta pela Revolução. Camarada Roque, presente, Maiakovski, presente:

*“Recordemos, contudo, os “jornais boca a boca”, os “cartazes” de estêncil, as “vitrines em pontos de agitação”. Por exemplo, o primeiro jornal ferroviário foi simplesmente escrito a giz na parede do vagão e, claro, quando do “lançamento” do número seguinte, cruelmente eliminado.”*  
(Fragmento do texto - Recolham a História - Maiakovski - 1923)

## NOTAS E REFERÊNCIAS

- <sup>1</sup> Sobre o suicídio, Karl Marx
- <sup>2</sup> Literatura e Revolução, Leon Trotsky
- <sup>3</sup> Todas as citações em itálico nesse texto são escritas de Vladimir Maiakovski, que podem ser encontradas no livro A poética de Maiakovski, Boris Schnaiderman; Maiakovski - Vida e obra, Fernando Peixoto e Maiakovski - Vida e obra, Editora Martin Claret
- <sup>4</sup> No calendário gregoriano é 19 de julho.
- <sup>5</sup> O partido bolchevique, Pierre Broue
- <sup>6</sup> Maiakovski - O poeta da revolução, Aleksandr Mikhailov
- <sup>7</sup> *Idem*
- <sup>8</sup> *Idem*
- <sup>9</sup> *Idem*
- <sup>10</sup> A História da Revolução Russa, Leon Trotsky
- <sup>11</sup> *Idem 2*
- <sup>12</sup> Cultura e revolução cultural, Vladimir Lenin
- <sup>13</sup> Maiakovski - Vida e obra, Fernando Peixoto
- <sup>14</sup> *Idem 10*
- <sup>15</sup> A poética de Maiakovski, Boris Schnaiderman
- <sup>16</sup> *Idem 2*
- <sup>17</sup> *Idem*
- <sup>18</sup> *Idem*
- <sup>19</sup> A revolução nos palcos russos: O Mistério-Bufo (1918/1921) de Vladímir Maiakovski, Ciro Macedo de Souza

Outras fontes não citadas diretamente:

Escritos de Outubro, Org. Bruno Barreto  
Sobre Isto, Vladimir Maiakovski - Tradução Letícia Mei  
O percebejo, Vladimir Maiakovski  
Minha Vida, Leon Trotsky  
Majakovskij e il Teatro Russo D'Avanguardia, Angelo Maria Ripellino  
A 120 anni dalla nascita di Majakovskij. In ricordo del poeta della rivoluzione,- Gabrielle D'Angeli



# Os bolcheviques e a juventude ( Parte 2)

---

Evandro Colzani

*“Nós, das gerações mais velhas, podemos não estar vivos para ver as batalhas decisivas da revolução que está por vir. Mas eu posso, assim acredito, expressar uma fé confiante de que a juventude que tem trabalhando de forma tão esplêndida no movimento socialista da Suíça, assim como a de todo o mundo, será bem-aventurada a ponto de não apenas lutar, mas também ser vitoriosa na revolução proletária que está por vir.”*

V. I. Lenin, janeiro de 1917<sup>1</sup>



Lenin fala às tropas do Exército Vermelho em frente ao Teatro Bolshoi, em Moscou

Na primeira parte deste artigo, publicado na revista América Socialista nº 14, tratamos do “jovem” movimento operário russo do final do século XIX, dos primeiros jovens dirigentes do Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR), que posteriormente se tornaram os principais dirigentes bolcheviques, e analisamos o discurso de Lenin, proferido em 1920, no “III Congresso de Toda a Rússia da União da Juventude Comunista”.

Nesta segunda parte, vamos acompanhar o desenvolvimento da União Internacional da Juventude Socialista e na sua transfor-

mação na Internacional da Juventude Comunista, após os eventos que culminaram com a Revolução Russa de 1917 e o trabalho da Internacional Comunista diante das organizações de juventude de toda a Europa.

## A REVOLUÇÃO RUSSA DE 1905

Para que possamos falar com maiores detalhes sobre 1917 e eventos posteriores, é necessário passar pelos principais aprendizados das massas russas durante a sua primeira revolução. A Rússia de 1905 possuía 150 milhões de habitantes e, nas palavras de Trot-

sky<sup>2</sup>, reunia em seus 22,9 milhões de km<sup>2</sup> todas as épocas da cultura humana: da barbárie primitiva dos bosques setentrionais, em que se comia pescado cru e oravam diante de um tronco de madeira, até às novas condições sociais da vida capitalista em que o trabalhador socialista se considerava um participante ativo da política mundial. A indústria mais concentrada da Europa existia sobre as bases da agricultura mais atrasada e sob o domínio do czar Nicolau II. A máquina estatal russa, a mais poderosa do mundo, empregava todas as forças do progresso técnico para barrar o progresso histórico.

A Rússia czarista, apesar do caráter atrasado, semifeudal e de um país dependente do capital ocidental – a indústria do país vai se constituir sobre a base da importação de máquinas alemãs e britânicas, por exemplo – era uma das principais nações imperialistas do início do século XX<sup>3</sup>. Junto de países como Grã-Bretanha, Alemanha e França, o país participou da repartição do mundo em colônias e esferas de influência. A lista de territórios e países que poderiam ser considerados colônias russas incluía Polônia, os países Bálticos – onde estão localizados os Estados modernos da Estônia, Letônia e Lituânia –, Finlândia, o Cáucaso, além de territórios do Extremo Oriente e da Ásia Central.

A situação política na Rússia já apresentava sinais de mudanças bruscas desde 1902, quando uma série de manifestações estudantis e greves operárias eclodiram. Nos meses de julho e agosto de 1903, uma greve geral acontece, sendo precedida por um relativo período de calma que é interrompido por uma nova onda de greves, em 1904. Essas greves tomaram Petersburgo, Ivanovo-Voznesensk, Nizhny Novgorod e o Cáucaso, “onde uma grande greve sacudiu o centro petrolífero de Baku em dezembro”<sup>4</sup>.

Os interesses econômicos e expansionistas do czarismo se direcionaram para a Turquia, Pérsia e China. Porém o avanço para o Extremo Oriente se chocou diretamente com o Japão, que viu a iniciativa russa como uma tentativa de bloqueio ao continente asiático. Em 1904, eclode a guerra entre Rússia e Japão, com os japoneses lançando um ataque surpresa à frota russa ancorada em Port Arthur, utilizando a mesma tática do episódio em Pearl Harbor, em 1941.

A situação se tornou tão convulsiva que Vyacheslav von Plehve, ministro do Interior em 1904, em uma carta para o ministro da Defesa, o general Kuropatkin, expressou a ideia de que uma pequena guerra vitoriosa era tudo o que era

preciso para evitar uma revolução. Para a infelicidade de Plehve, após onze meses de combate, o Exército russo perdeu 28.200 homens em Port Arthur e se rendeu. Três semanas depois a primeira revolução russa iniciou.

A partir das duas da tarde do dia 9 de janeiro de 1905 – de acordo com o calendário juliano em vigor na Rússia, na época, equivalente ao dia 22 do calendário gregoriano – trabalhadores, estudantes, grupos socialistas, mulheres, crianças e idosos começaram a se reunir em frente ao Palácio de Inverno. Sob a liderança do padre George Gapon, cerca de 140 mil pessoas marcharam pacificamente no domingo para apresentar ao czar uma petição dos trabalhadores de São Petersburgo contendo todos os sofrimentos e perseguições que sofriam.

*É preciso recordar das manifestações estudantis, da unidade da juventude com os trabalhadores nas greves e da participação conjunta no Domingo Sangrento. Porém, a participação da juventude foi ainda maior durante toda a revolução*

Durante todo o dia os manifestantes se encontraram com as tropas, eles suplicavam para que pudessem passar, tentavam contornar ou furar os bloqueios. Os soldados dispararam o dia inteiro, “os mortos se contaram às centenas, os feridos aos milhares. Não é possível saber o número exato, pois a polícia retirou os cadáveres durante toda a noite, fazendo-os desaparecer secretamente”<sup>5</sup>.

A manifestação de 9 de janeiro, hoje conhecida como Domingo Sangrento, foi o estopim para o início da revolução que contou com momentos que marcaram a história da Rússia. No Exército e na Marinha, por exemplo, com o

estouro da revolução, uma série de revoltas militares eclodiram. Uma das mais famosas foi o motim do cruzador blindado “Potemkin”, da Frota do Mar Negro. Lenin comentou o evento explicando que o “significado dos recentes acontecimentos (...) reside no fato de que, pela primeira vez, uma grande parte das forças militares do czarismo - um cruzador blindado inteiro - se posicionou abertamente ao lado da revolução”<sup>6</sup>.

A revolta dos marinheiros imortalizada na obra de Serguei Eisenstein também foi fundamental para o próprio Partido Bolchevique:

*“A revolta no cruzador ‘Potemkin’ em 1905 foi uma das lições objetivas da luta revolucionária, na qual as amplas massas de trabalhadores e camponeses e particularmente os marinheiros e soldados aprenderam a lição da luta revolucionária e as táticas concretas da revolta armada. Os bolcheviques generalizaram essas lições concretas e tiraram as conclusões necessárias no que diz respeito aos preparativos posteriores para a derrubada do czarismo.”<sup>7</sup>*

E como participaram os jovens desse processo? Em primeiro lugar, é preciso recordar das manifestações estudantis, da unidade da juventude com os trabalhadores nas greves e da participação conjunta no Domingo Sangrento. Porém, a participação da juventude foi ainda maior durante toda a revolução, graças a um dos paradoxos mais surpreendentes, como disse Trotsky em seu livro “1905” ao relatar sobre a impossibilidade da repressão de agir dentro das universidades:

*“Assembleias populares totalmente livres dentro dos muros das universidades enquanto nas ruas TrépoV reina sem limites: este é um dos paradoxos mais surpreendentes da evolução po-*

lítica e revolucionária durante o outono de 1905. Um velho e ignorante general, Glazov, nomeado ministro de Instrução Pública não se sabe por que motivo, criou — para sua própria surpresa — essas ilhas de liberdade de expressão.”

“O povo’ enchia os corredores, as aulas e as salas de aula. Os operários iam diretamente da fábrica para a universidade. As autoridades estavam confusas. Podiam prender, encarcerar e fuzilar os operários desde que estes se encontrassem na rua ou em suas casas, mas no momento em que o operário ultrapassava o portão da universidade, tornava-se um indivíduo inviolável. Assim as massas receberam uma aula prática que lhes mostrava as vantagens do direito constitucional sobre o direito autocrático.”<sup>8</sup>

E continua a relatar sobre outro momento, antes do auge da revolução:

“Em 30 de setembro aconteceram as primeiras assembleias

populares nas universidades de São Petersburgo e Kiev. A agência telegráfica estava horrorizada com o público que havia se amontoado no salão de honra da universidade de São Vladimiro. Segundo os telegramas, via-se nessa multidão, junto com os estudantes, um grande número ‘de pessoas de ambos os sexos vindas do exterior, alunos secundaristas, adolescentes das escolas privadas, operários, esfarrapados, uma massa de gente de todo tipo’<sup>9</sup>.”

Ainda é preciso constatar que foi durante a revolução de 1905 que surgiram os soviets, a maior herança desse processo, pois se tratava do embrião do que viria a ser o governo operário formado a partir da revolução de 1917. O mais importante dos soviets da primeira revolução russa foi o de São Petersburgo, que elegeu o jovem Leon Trotsky, de apenas 25 anos, para a direção por um período.

Foi no dia 13 de outubro que a assembleia constituinte do soviets se reuniu pela primeira vez e, cinquenta dias depois, seu funcionamento foi interrompido

pela repressão. Durante esse curto tempo de existência, o Soviet dos Deputados Operários de São Petersburgo organizou as massas operárias, dirigiu greves e manifestações, armou os operários e protegeu a população dos pogroms. Os operários e a própria imprensa reacionária caracterizaram o soviets como um governo proletário, e era justamente o que estava surgindo naquele momento, o embrião de um governo revolucionário. Os estudantes não apenas reconheceram a direção do soviets, mas sustentaram todas as suas ações e o defenderam ferrosamente.

## LIÇÕES

A revolução de 1905 não conseguiu lograr a derrubada da autocracia, mas mudou radicalmente a situação do país. A classe operária conheceu toda a brutalidade do regime, viu cair por terra todas as ilusões em um czar que era considerado antes o pai da nação e experimentou momentos de duplo poder.

Faltou um partido revolucionário, capaz de ganhar a confiança



Ilustração do Domingo Sangrento em frente ao Palácio de Inverno



das massas para ir além do que conquistaram. Os bolcheviques estavam fragilizados naquele momento, principalmente por conta do racha do POSDR. Entretanto, o ano de 1905 também contribuiu para evidenciar politicamente o que se encontrava sob a superfície no momento da cisão dos social-democratas russos: os bolcheviques claramente se aproximaram das massas, do marxismo e defenderam as posições de fato revolucionárias, enquanto os mencheviques defendiam posições limitadas à democracia burguesa.

A revolução revelou todos os processos básicos, mesmo que em uma forma embrionária, que se repetiram em 1917 em uma escala maior. Esse evento ficou conhecido como o ensaio geral do processo que se desenvolveu 12 anos depois e que só foi vitorioso porque houve um partido capaz de cumprir a tarefa de levar a classe operária ao poder.

Em 1905, *“todas as ideias, todos os programas, partidos e dirigentes foram postos à prova. A experiência (...) foi decisiva para a evolução futura de todas as tendências da social-democracia russa”*<sup>10</sup>. Vale destacar o debate sobre a posição dos marxistas diante da guerra entre Rússia e Japão. O que nos permite ver já em 1905 as posições que futuramente serão defendidas pelos bolcheviques, principalmente por Lenin, ao tratar da Primeira Guerra Mundial.

O novo Iskra, sob a direção dos mencheviques, defendeu uma posição ambígua sobre a guerra, limitando-se a chamamentos pela paz. Os bolcheviques foram mais longe na questão, combateram o pacifismo e explicaram que uma derrota militar da Rússia enfraqueceria o regime e desencadearia uma revolução. Em 14 de janeiro de 1905, Lenin escrevia no jornal bolchevique *Vperiod (Avante)*<sup>11</sup>:

*“A causa da libertação russa e a luta do proletariado russo (e de todo o mundo) pelo socialismo*

*dependem em grande medida das derrotas militares da autocracia. Essa causa teve grandes avanços com a debacle militar que espalhou o terror nos corações de todos os guardiões da ordem existente na Europa.”*

A posição menchevique não ajudava em nada a classe operária, que não era responsável pela guerra burguesa e que conhecia os imensos sofrimentos do povo mesmo em épocas de exploração capitalista “pacífica”. Para Lenin, era necessário agir contra a guerra:

*“O proletariado revolucionário precisa levar adiante uma agitação constante contra a guerra, tendo sempre em mente, no entanto, que as guerras são inevitáveis enquanto existir a dominação de classe.”*

#### **AS ORGANIZAÇÕES SOCIAL-DEMOCRATAS DE JUVENTUDE**

*“O movimento da juventude socialista nasceu sob a pressão da exploração capitalista da juventude trabalhadora e do sistema ilimitado do militarismo burguês. Ele nasceu como reação às tentativas de envenenamento da juventude trabalhadora pelas ideias burguesas nacionalistas e contra a negligência e o esquecimento pelo qual se tornaram culpados o partido social-democrata e os sindicatos na maioria dos países diante das exigências econômicas, políticas, espirituais da juventude.”* (Resolução sobre a Internacional Comunista e o Movimento da Juventude Comunista)<sup>12</sup>

O período de 1906 a 1914 foi marcado pela forte reação da monarquia, perseguição política, prisões e deportações de militantes, manifestantes, grevistas etc. Lenin, que estava em Londres, consegue retornar à Rússia por um breve período, mas logo é obrigado a se exilar para fugir da prisão. Trotsky

é julgado e preso em 1906, sendo condenado ao exílio interno na Sibéria. No caminho para o exílio, em janeiro de 1907, escapa e vai para Londres. Sverdlov é preso em 1906. Por três anos ele utiliza o tempo no cárcere para consolidar sua formação teórica e tenta organizar o partido – sendo preso diversas vezes e fugindo – até que em 1913 é exilado, permanecendo na Sibéria até 1917.

Fora da Rússia, um importante evento ocorreu de 24 a 27 de agosto de 1907, em Stuttgart, Alemanha. Um encontro que reuniu 20 jovens, representantes de 13 países, foi realizado para fundar a Juventude Socialista Internacional (JSI), tendo como eixos principais de suas primeiras lutas o combate ao militarismo e à guerra, luta por melhores condições de trabalho e a pauta da educação.

A JSI elegeu como seu primeiro secretário um jovem não tão jovem naquele momento, o alemão Karl Liebknecht, de 36 anos. Essa organização, apesar de nascer como a juventude da Segunda Internacional, possui em seu histórico de lutas iniciais, pautas que foram na direção oposta da direção da Internacional. Trata-se de um embate que antecede a fundação da JSI, com as diferentes juventudes de cada país se chocando com os dirigentes social-democratas “adultos” que viam as organizações de juventude como associações culturais e educacionais, não como organizações de lutas políticas.

Karl Liebknecht compreendeu desde muito cedo a importância das organizações da juventude como órgão de combate político e fez o combate dentro de seu partido para que os demais dirigentes pudessem alcançar essa mesma posição. Em 1906, ele defendeu<sup>13</sup> no Partido Social-Democrata da Alemanha a importância da direção do partido reconhecer as organizações de juventude que surgiam:

*“É dever do Congresso do partido clamar aos jovens do nor-*

te da Alemanha: ‘Estamos de acordo com o seu trabalho!’ Isso estimulará os jovens. As organizações juvenis alemãs, inclusive no norte da Alemanha, já são hoje invencíveis (...). Peço-lhe um voto unânime de simpatia pelas organizações juvenis. Isso irá beneficiar o movimento operário alemão!’”

Suas ideias partiram de uma análise<sup>14</sup> da realidade da juventude no próprio regime capitalista:

“Existem dois pontos que garantem o sucesso das tentativas de organizar a juventude: A independência dos jovens e a proteção dos direitos juvenis. Apenas as organizações de juventude livres que surgiram dos próprios jovens levaram em consideração essas necessidades dos jovens. Essas necessidades surgem da posição atual dos jovens na vida econômica. O capitalismo moderno elevou os jovens à independência. O jovem operário da fábrica está em pé de igualdade com os adultos. A relação patriarcal entre mestre e aprendiz de outrora está praticamente eliminada. Esta posição econômica dos jovens dá-lhes o direito a organizações independentes. (...) Apenas seguindo as limitações das circunstâncias, o jovem se esforça hoje mais do que nunca pela independência, pela atividade própria. Esse impulso dos jovens não pode ser suprimido pela força.”

Se, por um lado, as condições objetivas levavam os dirigentes a aceitarem o papel político da juventude e sua relação com a classe operária, por outro, a questão da guerra contribuiu para separar ainda mais as juventudes de seus partidos oficiais.

As escaramuças entre o decadente Império Otomano e a Liga Balcânica (Sérvia, Montenegro, Grécia e Bulgária), nas duas guerras dos Bálcãs (1912-1913) escon-

diam os interesses econômicos da “Rússia, Alemanha, França, Grã-Bretanha e Áustria-Hungria” que “usaram as nações dos Bálcãs” para realizar suas “intrigas e manobras”<sup>15</sup>.

Trata-se do prelúdio da Primeira Guerra Mundial que teve início em julho de 1914, fruto do desenvolvimento do capitalismo em sua fase decadente, isto é, imperialista. E as “guerras imperialistas ocorrem sob bases muito concretas: o controle de mercados, colônias, matéria-prima e esferas de influência”<sup>16</sup>. Não é por acaso que França, Alemanha etc sejam os principais países envolvidos nessa grande carnificina, já que estamos falando das principais potências econômicas da época.

Quando falamos de uma base concreta para a guerra, devemos seguir a mesma lógica para entender a repulsa dos jovens em relação a ela também: são os jovens, filhos e membros da classe operária, que são utilizados como bucha de canhão na guerra. Há uma cena interessante no documentário “Fahrenheit 9/11” (2004) do cineasta norte-americano Michael Moore, em que ele vai até o Congresso dos EUA e, sempre que encontra um congressista, pergunta se ele é a favor ou contra a guerra do Iraque. Sempre que o cineasta recebe uma resposta afirmativa, em seguida pergunta se o entrevistado gostaria de alistar seu próprio filho para lutar na mesma guerra. A indignação de cada um deles é a resposta sobre a questão de quem se beneficia em uma guerra e quem é que paga com a vida.

Os líderes dos partidos da Internacional Socialista decidiram apoiar “suas” burguesias na guerra imperialista iniciada em julho de 1914, aprovando os créditos de guerra, naquela que foi a maior traição na história do movimento internacional dos trabalhadores. As organizações social-democratas de juventude, e a própria JSI, detinham uma certa independência e decidiram, então, se posicionar ao lado da classe operária.

## A LUTA CONTRA A GUERRA IMPERIALISTA

A posição da Segunda Internacional diante da guerra significou a sua própria destruição. A notícia da traição foi um choque para o conjunto dos trabalhadores de toda a Europa e para os dirigentes bolcheviques:

“Quando Lenin leu em *Vorwärts* (“Avante”), o órgão oficial da Social-democracia alemã, que os membros do SDP no Reichstag tinham votado pelos créditos de guerra, de início ele se recusou a acreditar, alegando que devia ser uma falsificação lançada pelo Estado-Maior alemão para desacreditar a social-democracia (A reação de Trotsky foi idêntica).”<sup>17</sup>

Em 5 de setembro de 1915, os poucos socialistas que não haviam traído a classe operária se reuniram na vila de Zimmerwald, Suíça. Lenin buscava convencer os participantes dessa conferência da importância de combater a guerra não por vias pacifistas, mas apresentar a revolução como alternativa. Lenin compreendia que era necessário orientar os operários no combate à guerra, por suas consequências devastadoras para a classe trabalhadora e, ao mesmo tempo, sabia que, assim como aconteceu na Rússia após o estouro da guerra contra o Japão, a guerra imperialista iria desestabilizar as potências envolvidas no conflito.

Os resultados de Zimmerwald não foram imediatos, pois aqueles que defendiam a posição de Lenin, à esquerda, formaram uma ala minoritária. Mas, pode-se afirmar que ali foram dados os primeiros passos da construção de uma nova internacional. A Conferência de Zimmerwald é o evento mais importante na tentativa de reorganizar a esquerda e o combate à guerra, porém, ela acontece depois de dois eventos também importantes: a conferência das mulheres, ocor-



Tropas francesas durante a Primeira Guerra Mundial.

rida em Berna, na Suíça, em março de 1915; e a conferência da JSI que aconteceu um mês depois na mesma cidade.

Inessa Armand, Alexandra Kollontai e Clara Zetkin tomaram a iniciativa de organizar uma conferência internacional de mulheres da esquerda socialista, que reuniu 29 delegados da Alemanha, França, Grã-Bretanha, Itália, Holanda, Polônia e Rússia. O número reduzido de delegados se explica em parte devido ao fato de que os líderes da social-democracia alemã tinham proibido o comparecimento à reunião. A resolução aprovada nesta conferência foi confusa e continha elementos pacifistas. Mas apesar de seu caráter, “o manifesto da conferência ajudou a galvanizar a resistência das mulheres à Guerra. Ele foi distribuído ilegalmente em grande número – 200 mil somente na Alemanha”<sup>18</sup>.

A iniciativa da conferência internacional da juventude veio da colaboração entre as juventudes da Suíça, Itália e Alemanha. Na Conferência de Berna, a mesma confusão que vimos na conferência das mulheres apareceu nos debates e

na resolução final. “Os delegados escandinavos apresentaram uma resolução pacifista, defendendo o desarmamento (em meio à guerra!), que foi aprovada por dezenove votos contra três. Os três que votaram contra foram mais uma vez os russos e os poloneses”<sup>19</sup>. Tanto na conferência da juventude quanto na das mulheres, foram os delegados bolcheviques que apresentaram uma resolução defendendo uma alternativa revolucionária à guerra imperialista e nos dois eventos ficaram isolados.

Como pudemos ver anteriormente, as organizações da juventude possuíam divergências sérias com os dirigentes dos partidos social-democratas. Mas, por que não adotaram a linha revolucionária?

Essa confusão foi fruto de uma posição centrista que surgiu no seio da Internacional em decomposição. Entre os socialistas contrários à guerra, a posição pacifista, de desarmamento da população – que significava um desarmamento da classe operária – foi adotada por aqueles que não puderam defender publicamente as “suas” burguesias locais. Uma posição dessa pode até aparecer como uma linha à esquer-

da, porém moderada, no entanto, a defesa do pacifismo resultou, na prática, em uma defesa da ordem vigente, do Capital.

Somente tendo por base a experiência de grandes acontecimentos, em especial a Revolução Russa de 1917, é que a política revolucionária pôde finalmente triunfar e ganhar a JSI para o comunismo.

### COMO LENIN DIALOGAVA COM A JUVENTUDE

Em dezembro de 1916, um artigo<sup>20</sup> de Lenin dialogando com posições da Juventude Socialista Internacional foi publicado no órgão bolchevique *Sbornik Sotsial-Demokrata*. Trata-se de um artigo entusiasmado com a iniciativa da juventude e de uma análise séria e completa do papel da JSI e de suas principais posições.

Lenin inicia explicando o peso da responsabilidade que caiu sobre os ombros dos jovens após a traição da Internacional Socialista:

“A maioria dos partidos social-democratas oficiais da Europa defendem o mais asqueroso e vil



*oportunismo e social-chauvinismo. Isso se aplica aos partidos da Alemanha e da França, à Sociedade Fabiana e ao Partido Trabalhista na Inglaterra e aos partidos da Suécia, da Holanda (o partido de Troelstra), da Dinamarca, da Áustria etc. No partido suíço, não obstante a debandada (um grande benefício ao movimento dos trabalhadores) dos oportunistas radicais, agora organizados no não-partido "Grütli Verein", permanecem no Partido Social-Democrata numerosos oportunistas, social-chauvinistas e líderes kautskistas que exercem tremenda influência nesses assuntos.*

*"Com esse estado de coisas na Europa, recai sobre a Liga das Organizações de Juventude Socialistas a tremendamente gratificante, porém difícil tarefa de lutar pelo internacionalismo revolucionário, pelo verdadeiro socialismo contra o oportunismo reinante que passou para o lado da burguesia imperialista."*<sup>21</sup>

E continua, afirmando que a JSI havia publicado uma série de bons artigos em defesa do internacionalismo revolucionário, impregnados de um fino espírito de intenso ódio pelos traidores do socialismo – os "defensores da pátria" –, e com "um desejo sincero de eliminar a influência corrosiva do chauvinismo e do oportunismo no movimento operário internacional".

Porém, no decorrer de sua análise, Lenin alerta para debilidades teóricas que aparecem nas publicações, explicando que é necessário falar sobre cada uma delas. É justamente a partir desse momento que o artigo se torna uma aula para qualquer revolucionário que busca dialogar e ganhar a juventude. Lenin, que era famoso por sua atitude implacável diante de seus oponentes, compreendia a necessidade de agir completamente diferente com aqueles que declaram abertamente que ainda estão

aprendendo justamente por sua juventude. Um bolchevique deve oferecer toda a assistência necessária para essas organizações, ser paciente com suas falhas, esforçar-se para corrigi-las gradualmente, principalmente pela persuasão e não lutando contra elas.

Se na juventude há uma falta de clareza teórica, nos adultos que afirmam liderar e ensinar o proletariado, quando na verdade enganam, há falta de consistência revolucionária. E contra essas pessoas uma luta implacável é fundamental.

Outra questão tratada no documento, é que desde o seu nascimento, a Juventude Socialista fundada por Karl Liebknecht agia com certa independência e Lenin viu aquilo algo positivo e o que tornou possível, naquele momento, a própria juventude cumprir a tarefa de ganhar e formar novos quadros socialistas.

Entre os erros analisados, o mais importante foi o combate à posição do desarmamento que apareceu na conferência de Berna, no ano anterior. Outros dois pontos envolvem caracterizações imprecisas em relação ao anarquismo, social-chauvinismo etc.

É importante destacar, que esse diálogo de Lenin com os jovens socialistas acontece em momento de mudança da conjuntura. Em 1916, foi marcado pelo início de uma mudança de humor nos partidos de massas da Segunda Internacional. A própria Alemanha começou a se dirigir para uma situação pré-revolucionária. No início do ano, Otto Rühle, deputado no Reichstag, pediu publicamente um rompimento com os social-chauvinistas. De forma independente, a esquerda alemã estava começando a ver a necessidade de uma nova Internacional. Na Áustria, as coisas estavam começando a se mover e uma ala esquerda no Partido Socialista Austríaco (SPO), baseada na juventude, foi formada.

Os bolcheviques, ganhos desde muito cedo para a luta revolucionária, entendiam como as novas gerações eram – e são – livres dos preconceitos, "do pessimismo e do ceticismo venenoso que disfarça a visão das camadas mais velhas que somente veem derrotas e dificuldades e que perderam toda vontade de lutar"<sup>22</sup>. Eles viram justamente na camada jovem dos partidos da sua época um ponto de apoio fundamental para a luta pela revolução socialista. E essa camada de militantes, tão importante no período pré-revolucionário que iniciava na Europa, foi também uma peça fundamental na própria revolução que teve início em fevereiro de 1917 na Rússia e culminou com a tomada do poder pela classe operária em outubro do mesmo ano.

## **DA GUERRA IMPERIALISTA À GUERRA CIVIL**

A Primeira Guerra Mundial foi um conflito sangrento de proporções colossais. Nos fronts, os soldados viam o conflito como um pesadelo sem fim. Para aqueles que viviam longe das batalhas, mas sofriam com a devastação da economia de seus países, a situação era semelhante ou pior do que a dos soldados – especialmente para as mulheres. A maior parte das mortes aconteceram entre a classe trabalhadora e aqueles que lutaram, mas não morreram em combate tiveram que viver com severos traumas.

Essa situação de terrível desespero empurrou as massas europeias para a luta. Na Rússia, o primeiro golpe foi dado contra a guerra com a chegada dos bolcheviques ao poder. Em dezembro de 1917, Trotsky lidera a delegação responsável pela negociação da paz com a Alemanha na cidade de Brest-Litovski (atualmente, localizada na Bielorrússia) e o acordo de paz é firmado em março de 1918. O golpe final do conflito iniciado em 1914 foi dado por outra revolução, a alemã:

*“A 1ª Guerra Mundial foi, portanto, finalizada pela Revolução Alemã. Naquele momento já era uma revolução sem derramamento de sangue. Somente 15 haviam perdido suas vidas em Berlim no dia 9 de novembro. É preciso comparar esse número com a imensa quantidade de pessoas que foram massacradas como animais nos fronts mortais de Ypres, Passchendaele e Somme. O novo governo alemão aceitou o inevitável. Não havia qualquer meio de a Alemanha continuar na guerra”<sup>23</sup>.*

Entretanto, antes mesmo do fim da Primeira Guerra, a burguesia das principais potências europeias organizou as forças contrarrevolucionárias, que ficariam conhecidas como o Exército Branco, para impedir o desenvolvimento da nascente República dos Soviéticos. A reação da burguesia afogou a Rússia em uma guerra civil que durou quatro anos e só pôde ser barrada por meio do enfrentamento armado da classe trabalhadora e da juventude soviética, organizados no Exército Vermelho.

Diferente da reação à guerra imperialista, a juventude soviética e de toda a Europa apoiou diretamente, chegando a fazer parte dos conflitos da guerra civil russa. Esse embate não foi organizado por burguesias de diferentes países para a conquista de novos mercados, mas sim organizado pelas burguesias contra a classe operária. Enquanto a guerra imperialista reacionária matava milhares nos fronts em nome do lucro, a guerra civil precisava da vitória do proletariado soviético para evitar o banho de sangue e todo o retrocesso que significaria a restauração do poder da burguesia.

A juventude logo compreendeu seu papel e participou ativamente da defesa do governo soviético. Uma convocatória publicada no jornal bolchevique Pravda (A Verdade), de 15 de fevereiro de 1918,

intitulada “Mobilização dos Estudantes”<sup>24</sup>, mostra as primeiras iniciativas envolvendo a juventude:

*“A Organização Estudantil do Comitê do POSDR de Petersburgo (bolchevique) convoca os camaradas membros da organização a se alistarem imediatamente no Exército Vermelho.*

*“Destacamentos de minagem, de desminagem e de enfermeiros estudantis estão sendo organizados”.*

Em sua autobiografia, Trotsky conta que levou com ele cerca de cinquenta militantes jovens para trabalhar no famoso trem que foi tão fundamental para o funcionamento do Exército Vermelho.

*Diferente da reação à guerra imperialista, a juventude soviética apoiou diretamente, chegando a fazer parte dos conflitos da guerra civil russa. A juventude logo compreendeu seu papel e participou ativamente da defesa do governo soviético.*

Ele relata como esses rapazes não tinham medo de nada, que, em momentos de necessidade, se jogavam na frente de Trotsky para protegê-lo do inimigo, correndo todos os riscos do heroísmo e da falta de experiência da juventude. Ao falar dos inúmeros exemplos de sacrifícios, conflitos e traições, ele explica que a “revolução é uma grande devoradora de homens e de personalidades. Impele os mais valentes ao sacrifício e esgota os mais fracos”<sup>25</sup>. Quase sempre, os mais jovens se encaixavam no exemplo dos mais valentes, que eram impelidos ao sacrifício.

Ainda em “Minha Vida”, Trotsky nos apresenta uma combatente do V Exército, Larissa Reissner, que é descrita como uma mulher que

*“cruzou pelo céu da revolução, em plena juventude, como um cometa em chamas”<sup>26</sup>. Junto de Ivan Nikititch Smírnov e Trotsky, Larissa participou de vários combates do Exército Vermelho, mas Trotsky destaca seu papel durante a defesa de Svíaijsk e a retomada da cidade de Kazan, em um dos momentos mais críticos da guerra civil. Ela morreu jovem, aos 30 anos, mas ainda teve tempo de deixar obras que, nas palavras de Trotsky, “passaram à literatura com valor de eternidade”<sup>27</sup>. Seu livro sobre a guerra civil apresenta detalhes das angústias, da esperança e do sacrifício daqueles que lutavam por um mundo melhor.*

Trotsky, em seu “Informe ao Segundo Congresso Mundial da Juventude Comunista”<sup>28</sup>, nos apresenta um relato mais geral, mas não menos importante, do papel da juventude que atuou na guerra civil, juntando-se ao Exército Vermelho:

*“Basta lembrar o Exército Vermelho, no qual a juventude desempenhou um papel decisivo não apenas político, mas também em sentido puramente militar. O que é, de fato, o Exército Vermelho, camaradas? Não é mais que a juventude russa armada e organizada. O que fizemos quando precisamos lançar uma ofensiva? Fizemos um apelo às organizações de juventude e essas organizações levaram a cabo sua mobilização. Centenas de milhares de jovens trabalhadores e camponeses vieram até nós e foram incorporados como células em nossos regimentos. Foi assim que se construiu o moral do Exército Vermelho.”*

Os jovens bolcheviques que apresentamos anteriormente – na primeira parte deste artigo – iniciavam suas vidas políticas no mesmo período em que nasciam os jovens que participaram da Revolução Russa. Toda a geração de Trotsky, que não passava dos 25 anos em 1905, aprendeu com a

derrota da primeira revolução, estudou a teoria marxista no exílio ou na prisão, fugiu para o exterior e participou dos grandes acontecimentos de sua época. É correto afirmar que sem o Partido Bolchevique a Revolução Russa não teria acontecido. Ainda, pode-se dizer que sem esse trabalho de ganhar e formar, na teoria marxista e na

ação diária, aqueles jovens de outrora, os bolcheviques de 1917 não teriam existido.

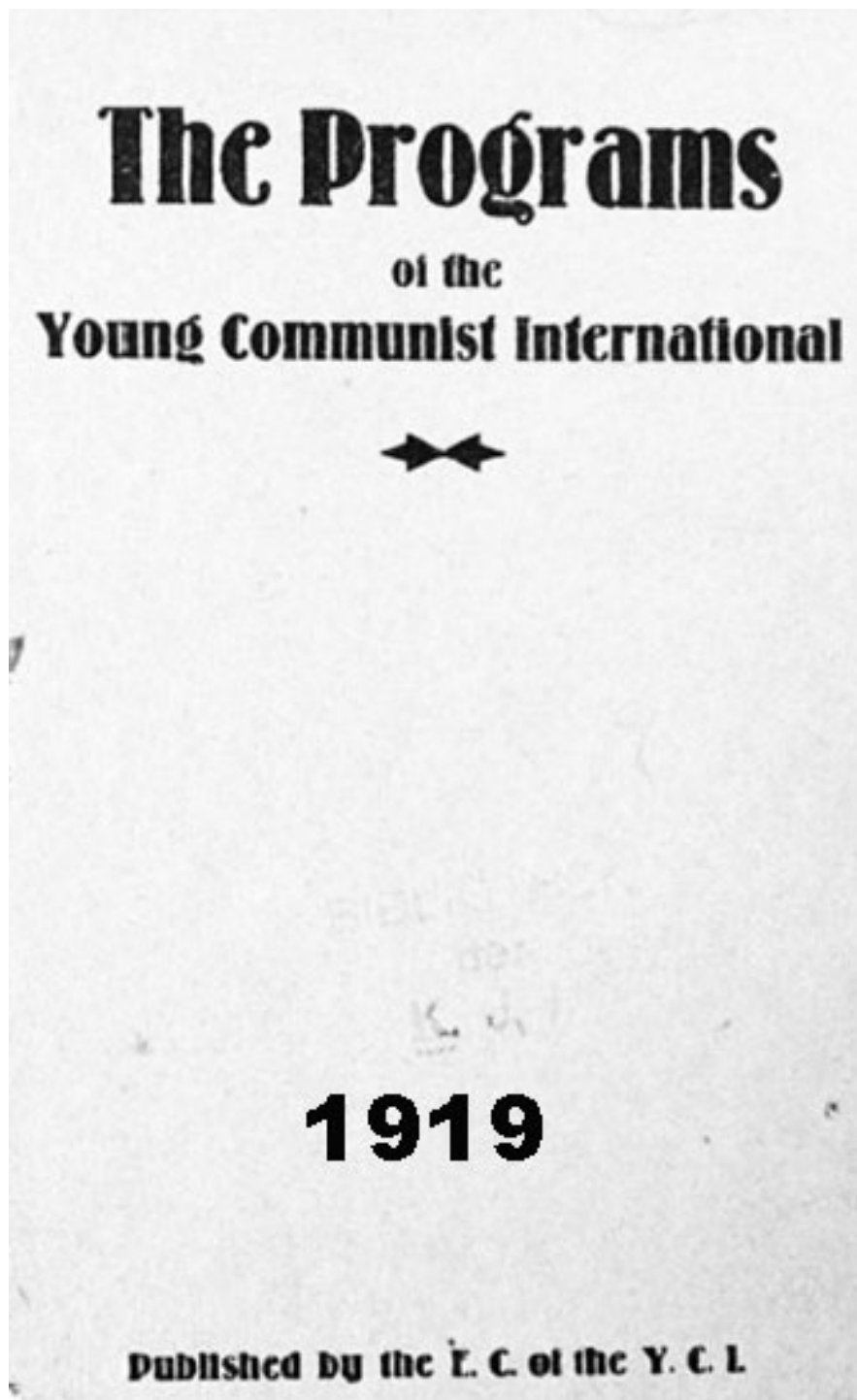
#### **A JUVENTUDE NA INTERNACIONAL COMUNISTA**

Os marxistas reconhecem atualmente a importância dos quatro primeiros congressos (1919-1921)

da Terceira Internacional, também conhecida como a Internacional Comunista (IC). A partir do Quinto Congresso (1924), a União Soviética e a IC já sofriam as consequências da traição burocrática encabeçada por Stalin e a degeneração do regime soviético. O Partido Bolchevique, que já acumulava uma experiência de décadas de trabalho com os jovens e pôde ver o fundamental desempenho deles na defesa da revolução na Rússia, rapidamente buscou ganhar a Juventude Socialista para as fileiras da IC, debatendo o papel e as tarefas da juventude em todos os seus quatro primeiros Congressos.

Em março de 1919, Willi Münzenberg, dirigente da JSI, participou do Congresso de fundação da Internacional. No entanto, foi no dia 20 de novembro do mesmo ano que a Juventude Comunista Internacional (JCI) foi criada em uma Conferência que contou com a presença de representantes de 14 países: Rússia (e também da região falante de alemão do Volga), Polônia, Alemanha, Itália, Espanha, Suécia, Noruega, Dinamarca, Alemanha-Áustria, Tchecoslováquia, Hungria, Romênia e Suíça. Essas organizações de juventude reuniram em suas fileiras, na época, um total de 250 mil jovens.

A fundação da JCI aconteceu em Berlim, já que essa nova organização foi resultado da aproximação entre a JSI e a política revolucionária defendida principalmente pelos bolcheviques. É inegável o impacto da Revolução Russa e da criação da IC na consciência das massas do mundo inteiro. Esses jovens que antes mesmo da Primeira Guerra Mundial já se distanciaram dos social-chauvinistas e dos dirigentes tradicionais da social-democracia foram ganhos para o marxismo e estavam atuando diretamente nos novos partidos comunistas de seus países ou construindo onde não existia. Um fato “interessante” ocorrido no início de novembro, antes da conferência, é que o so-



Programa da Internacional Comunista Jovem.



cial-democrata Gustav Noske, ministro da Guerra, utilizou veículos blindados para prevenir demonstrações de solidariedade à União Soviética durante o aniversário da revolução.

No Segundo Congresso da IC, o papel da juventude é debatido em um clima de avanço revolucionário no mundo. Havia uma expectativa de que a revolução fosse triunfar em uma série de países e que era uma questão de tempo para o triunfo da revolução mundial. Entretanto, a conjuntura muda completamente no Terceiro Congresso, realizado em 1921 – seguido pelo Segundo Congresso da JCI – e os comunistas compreendem que o processo revolucionário que culminará com a revolução mundial pode ser um processo de décadas, da mesma maneira que as transformações causadas pela Grande Revolução Francesa levaram todo um período para se concretizar.

O Terceiro Congresso ficou conhecido como uma escola de estratégia revolucionária. Nele foi debatido o esquerdismo, a luta das mulheres, a tática da Frente Única etc. Na questão da juventude, a resolução sobre o movimento da juventude comunista<sup>29</sup> aprofundou o debate sobre como se daria a unidade das organizações de juventude e os Partidos Comunistas (PCs).

A resolução analisa a modificação do papel das juventudes revolucionárias em todo o movimento proletário a partir do nascimento da IC. Se por um lado, a situação econômica e os traços psicológicos dos jovens os tornam mais acessíveis aos ideais comunistas e permite um entusiasmo revolucionário maior que os operários mais velhos, por outro, foram os PCs que assumiram o papel da vanguarda no que se refere à ação política independente e à direção política nessa nova conjuntura. A continuidade da independência das organiza-

ções comunistas juvenis, de um ponto de vista político, era desnecessária, principalmente porque criava uma situação em que dois partidos comunistas estariam concorrendo entre si, sendo que a única diferença entre eles, seria a idade de seus membros.

Antes da Revolução Russa, e das revoluções que começaram a estourar no mundo inteiro, a independência da juventude em relação aos partidos que se organizavam na Segunda Internacional era fundamental, já que eram esses os partidos que estavam apoiando a burguesia de cada país e sustentando o capitalismo. Durante a guerra imperialista, a ação dos social-chauvinistas foi criminosa e responsável pela morte de milhares de trabalhadores nos fronts, nos campos e nas cidades. Os Partidos Comunistas, antes da traição da burocracia, eram exatamente o oposto e não havia mais diferença alguma entre as organizações das juventudes e dos partidos de seus irmãos mais velhos.

Para a IC, as “juventudes comunistas, que começaram a organizar suas fileiras segundo as regras da centralização mais estrita” deveriam “se submeter à disciplina de ferro da Internacional Comunista” além de atuar nas “questões políticas e táticas nas organizações, (...) tomar posição e, no interior dos Partidos Comunistas de seu país, (...) agir não contra esses partidos, mas no sentido das decisões tomadas por eles. Em caso de graves dissensões entre os Partidos Comunistas e as juventudes, elas devem fazer valer seu direito de apelação ao Comitê Executivo da Internacional Comunista.”<sup>30</sup>

Como podemos ver, essa centralização da Internacional de forma alguma se tornou uma barreira para o desenvolvimento das lutas da juventude, no período em que essa organização não estava ainda sob a influência burocrática. Até porque, além

da possibilidade das juventudes apelarem para o Comitê Executivo, o debate no seio dos PCs e da IC era algo normal e fazia parte da vida da política dessas organizações.

Resumidamente, a tarefa central das juventudes comunistas, e o que os diferenciavam das juventudes centristas e social-patriotas, envolvia a “participação ativa em todos os problemas da vida política e nos combates e ações revolucionárias, e também pela colaboração na construção dos Partidos Comunistas.”<sup>31</sup>

### **“QUEM TEM A JUVENTUDE, TEM O FUTURO!”**

Estudar a história da juventude bolchevique e das jovens gerações que combateram ao lado da classe trabalhadora e dos camponeses não é apenas uma tarefa importante, mas é algo gratificante. As histórias dos sacrifícios, das aventuras, sofrimentos de personagens como Lenin, Trotsky, Sverdlov, Zinoviev, Kamenev, entre tantos outros, nos fornecem uma fonte gigantesca de aprendizado a partir dos erros e dos acertos desses revolucionários. Até mesmo as figuras que não estiveram nos principais postos nos grandes momentos históricos, como a jovem Larissa Reissner e milhares de outros, nos ajudam a compreender como a ação de cada indivíduo é uma peça importante no movimento das massas.

Certa vez, Lenin falou: “quem tem a juventude, tem o futuro!”. Era no fato de conseguir aproximar os jovens que ele via a qualidade de seu partido. Trotsky não pensava diferente e admirava aqueles jovens que no campo de batalha estavam dispostos a qualquer sacrifício, que buscavam “saber de tudo, conhecer tudo, intervir em tudo”<sup>32</sup>.

Aqueles que conhecem a história da burocratização do regime soviético sabem que o período

após o ascenso revolucionário culminou com a traição da revolução iniciada na Rússia e que deveria se espalhar para o mundo inteiro. Só que as derrotas daquele período, não significam o fim da luta pelo socialismo, apenas que foi “adiada”. As gerações posteriores à traição stalinista não desistiram de lutar nos anos 1920-30 e as jovens gerações de nossa época muito menos. Todos estão vendo

diante de seus olhos o horror sem fim que é o capitalismo.

Uma onda revolucionária varreu o mundo em 2019. Ela foi repressada com o avanço de uma pandemia – que só não pôde ser combatida devido à podridão do sistema capitalista – mas no coração da besta vimos os primeiros sinais de rompimento desse ímpeto revolucionário que irá tomar o mundo em um futuro próximo.

Cabe aos revolucionários de agora cumprir a tarefa iniciada pelos bolcheviques e para isso precisamos nos inspirar nos jovens combatentes daquela época e procurar saber de tudo, conhecer tudo, principalmente a teoria marxista, e intervir em tudo. Foi a capacidade de unir a teoria e a prática revolucionária que provou para a humanidade que é possível lutar contra o capital e vencer.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- <sup>1</sup> LENIN, Vladimir Ilich. **Lecture on the 1905 Revolution**. Disponível em: <<https://www.bolshevik.info/lecture-on-the-1905-revolution.htm>>. Acesso em: 28 ago. 2020.
- <sup>2</sup> TROTSKY, Leon. **1905**. Centro de Estudios Socialistas Carlos Marx, 2016, p. 31.
- <sup>3</sup> WOODS, Alan. **Bolchevismo: el camino a la revolución**. Centro de Estudios Socialistas Carlos Marx, 2017, p. 190.
- <sup>4</sup> *Ibid.*
- <sup>5</sup> TROTSKY, Leon. **1905**. Centro de Estudios Socialistas Carlos Marx, 2016, p. 89.
- <sup>6</sup> Abner. **The revolt on the armoured cruiser “Potemkin”**. In Defense of Marxism. Disponível em: <<https://www.marxist.com/revolt-armoured-cruiser-potemkin.htm>>. Acesso em: 28 ago. 2020.
- <sup>7</sup> *Ibid.*
- <sup>8</sup> TROTSKY, Leon. **1905**. Centro de Estudios Socialistas Carlos Marx, 2016, p. 97.
- <sup>9</sup> *Ibid.*, p. 97, 98.
- <sup>10</sup> WOODS, Alan. **Bolchevismo: el camino a la revolución**. Centro de Estudios Socialistas Carlos Marx, 2017, p. 209.
- <sup>11</sup> LENIN, Vladimir Ilich. **The Fall of Port Arthur**. Arquivo Marxista na Internet. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/lenin/works/1905/jan/14.htm>>. Acesso em: 27 ago. 2020.
- <sup>12</sup> Resolução sobre a Internacional Comunista e o Movimento da Juventude Comunista. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/tematica/1921/07/12.htm>>. Acesso em: 2 set. 2020.
- <sup>13</sup> LIEBKNECHT, Karl. **Partido e organizações juvenis**. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/sozialistischeklassiker2punkt0/liebknecht/1906/karl-liebknecht-partei-und-jugendorganisationen>>. Acesso em 30 ago. 2020.
- <sup>14</sup> LIEBKNECHT, Karl. **Movimento Operário e as Organizações de Juventude**. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/sozialistischeklassiker2punkt0/liebknecht/1908/karl-liebknecht-arbeiterbewegung-und-jugendorganisation>>. Acesso em: 30 ago. 2020.
- <sup>15</sup> WOODS, Alan. **The First World War: A Marxist Analysis of the Great Slaughter**. Londres: Wellred Books, 2019, p. 12.
- <sup>16</sup> *Ibid.*, p. 226.
- <sup>17</sup> WOODS, Alan. **100 anos da Conferência de Zimmerwald – a mudança da maré**. Disponível em: <<https://www.marxismo.org.br/100-anos-da-conferencia-de-zimmerwald-a-mudanca-da-mare/>>. Acesso em: 31 ago. 2020.
- <sup>18</sup> *Ibid.*
- <sup>19</sup> *Ibid.*
- <sup>20</sup> LENIN, Vladimir Ilich. **The Youth International**. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/lenin/works/1916/dec/00d.htm>>. Acesso em: 2 set. 2020
- <sup>21</sup> *Ibid.*
- <sup>22</sup> WOODS, Alan. **100 anos da Conferência de Zimmerwald – a mudança da maré**. Disponível em: <<https://www.marxismo.org.br/100-anos-da-conferencia-de-zimmerwald-a-mudanca-da-mare/>>. Acesso em: 31 ago. 2020.
- <sup>23</sup> WOODS, Alan. **The First World War: A Marxist Analysis of the Great Slaughter**. Londres: Wellred Books, 2019, p. 201.
- <sup>24</sup> REIS, Daniel Aarão (org.). **Manifestos Vermelhos e outros textos históricos da Revolução Russa**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017, p. 374, 375
- <sup>25</sup> TROTSKY, Leon. **Minha Vida**. São Paulo: Sundermann, 2017, p. 475.
- <sup>26</sup> *Ibid.*, p. 480.
- <sup>27</sup> *Ibid.*
- <sup>28</sup> TROTSKY, Leon. **Los cinco primeros años de la Internacional Comunista**. Valencia: Edicions Internacionals Sedov, 2017, p. 321.
- <sup>29</sup> Resolução sobre a Internacional Comunista e o Movimento da Juventude Comunista. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/tematica/1921/07/12.htm>>. Acesso em: 2 set. 2020.
- <sup>30</sup> *Ibid.*
- <sup>31</sup> *Ibid.*
- <sup>32</sup> TROTSKY, Leon. **Minha Vida**. São Paulo: Sundermann, 2017, p. 480.

# Os comunistas, o Estado burguês e suas forças de repressão

Serge Goulart

*O aumento da repressão policial, a criminalização crescente de todo movimento operário, popular, juvenil, democrático e a perseguição política de militantes têm aumentado consideravelmente nas últimas décadas em todos os países.*

No Brasil, hoje, esta situação é estimulada e acelerada por Bolsonaro e seu bando, que fazem surgir à luz do dia toda a podridão que estava escondida nos esgotos do sistema capitalista.

Juízes não necessitam mais de provas para condenar, a polícia executa com tiros nas costas trabalhadores pobres, jovens e negros nas ruas sem nada perguntar. Reacionários religiosos fundamentalistas de todas as religiões se lançam em ação para tentar impedir o aborto médico legal de uma criança estuprada. A violência contra mulheres e idosos é cada vez maior, assim como o assassinato de mulheres consideradas como sua “propriedade privada” por seres degenerados produzidos neste

regime da propriedade privada dos meios de produção.

Atos explícitos de racismo pululam por toda parte, praticamente impunes, chegando ao monstruoso caso da juíza Inês Marchalek Zarpelon, que condenou a 14 anos de prisão a um réu primário, acusado de pequenos furtos a luz do dia “em razão de sua raça”, como escreveu na sentença.

As instituições públicas estão em decomposição, com o Estado sendo conivente, ou tolerando, o narcotráfico, que armado até os dentes, controla cidades ou regiões inteiras, assim como permite a existência de milícias criminosas que tomam o controle dos serviços públicos e assassinam os que recusam sua ditadura armada.

Esta é a democracia burguesa em um país dominado e atrasado na época do imperialismo. Mas, essa é a rota seguida por todos os países, qualquer que seja a cor de seus governos. Na época de decomposição da sociedade controlada pelo imperialismo, a democracia burguesa é cada vez mais um corpo em decomposição mantido pelo esqueleto horroroso dos destacamentos de homens armados, com suas prisões e assassinatos.

A garantia última de que este estado de putrefação social continue existindo é dada pelo Estado burguês. E, para isso, contam com a política de conciliação de classes desenvolvida pelos reformistas de todos os tipos, que se empenham em tentar mostrar o Estado, em



Batalhão de choque em frente ao Congresso Nacional /Foto: Marcos Oliveira, Agência Senado



todos os seus aspectos, Executivo, Legislativo e Judiciário, como um corpo “neutro”, onde as contradições sociais podem e devem se resolver através da conciliação entre as classes e da disputa limitada no quadro das instituições moldadas para sustentar o capitalismo.

De fato, nunca foi tão explícito que o Estado burguês é uma construção política para manter a opressão e exploração da burguesia sobre o proletariado e as outras classes dominadas.

Em seu livro “A Origem da Família, da Propriedade privada e do Estado”, Engels afirma que “O Estado não é, de forma alguma, uma força imposta, do exterior, à sociedade. Não é, tampouco, “a realidade da Ideia moral”, “a imagem e a realidade da Razão como pretende Hegel. É um produto da sociedade numa certa fase do seu desenvolvimento. É a confissão de que essa sociedade se embaraçou numa insolúvel contradição interna, se dividiu em antagonismos inconciliáveis de que não pode desvencilhar-se. Mas, para que essas classes antagônicas, com interesses econômicos contrários, não se entre devorassem e não devorassem a sociedade numa luta estéril, sentiu-se a necessidade de uma força que se colocasse aparentemente acima da sociedade, com o fim de atenuar o conflito nos limites da “ordem”. Essa força, que sai da sociedade, ficando, porém, por cima dela e dela se afastando cada vez mais, é o Estado”.

Mais adiante, Engels explica que “O segundo traço característico do Estado é a instituição de um poder público que já não corresponde diretamente à população e se organiza também como força armada. Esse poder público separado é indispensável, porque a organização espontânea da população em armas se tornou impossível desde que a sociedade se dividiu em classes ... Esse poder público existe em todos os Estados. Compreende não só homens armados, como também elementos

materiais, prisões e instituições coercivas de toda espécie, que a sociedade patriarcal (clã) não conheceu” (A Origem da Família, da Propriedade privada e do Estado).

Essa concepção marxista do Estado é o que Lenin reafirma em seu livro “O Estado e a Revolução”, assim como defende a posição de Marx e Engels contra todas as concepções dos conciliadores de classe que se dedicam a deturpar o marxismo em proveito da dominação burguesa.

*Toda revolução conheceu e necessitou de uma divisão nas Forças Armadas. Só a adesão de soldados, com a abertura dos arsenais e a passagem de destacamentos militares para o lado da revolução pode garantir a vitória proletária.*

Lenin ressalta que o Estado é exatamente o contrário do que pensam e apregoam todos os burgueses, pequeno-burgueses e suas ramificações dentro do movimento operário, os reformistas filisteus de todos os matizes. Ele faz notar que “De um lado, os ideólogos burgueses e, sobretudo, os da pequena burguesia, são obrigados, sob a pressão de fatos históricos incontestáveis, a reconhecer que o Estado não existe senão onde existem as contradições e a luta de classes, e “corrigem” Marx de maneira a fazê-lo dizer que o Estado é o órgão da conciliação das classes. Para Marx, o Estado não poderia surgir nem subsistir se a conciliação das classes fosse possível. Para os professores e publicistas burgueses e para os filisteus despidos de escrúpulos, resulta, ao contrário, de citações complacentes de Marx, semeadas em profusão, que o Estado é um instrumento de conciliação das classes. Para Marx, o Estado é um órgão de dominação de classe, um órgão de submisso

de uma classe por outra; é a criação de uma “ordem” que legalize e consolide essa submissão, amortecendo a colisão das classes. Para os políticos da pequena burguesia, ao contrário, a ordem é precisamente a conciliação das classes e não a submissão de uma classe por outra; atenuar a colisão significa conciliar, e não arrancar às classes oprimidas os meios e processos de luta contra os opressores a cuja derrocada elas aspiram”. (Lenin, O Estado e a Revolução”)

E conclui que “Engels desenvolve a noção dessa “força” que se chama Estado, força proveniente da sociedade, mas superior a ela e que dela se afasta cada vez mais. Em que consiste, principalmente, essa força? Em destacamentos de homens armados que dispõem das prisões, etc.”

É preciso partir da concepção marxista do Estado para elucidar e resolver questões práticas da luta de classes.

E a atual situação exige voltar a um velho problema político: a questão da relação dos marxistas com as Forças Armadas, a polícia militar, a polícia civil e a polícia secreta, enfim, as forças de repressão e portanto do trabalho comunista neste campo e que posição devem adotar os marxistas frente às reivindicações destas forças de segurança, os pilares da ordem burguesa.

Este é um problema absolutamente essencial para a revolução. Toda verdadeira revolução conheceu, e necessitou de uma divisão nas Forças Armadas. Só a adesão de soldados, com a abertura dos arsenais e a passagem de destacamentos militares importantes para o lado da revolução pode garantir a vitória proletária na revolução.

Na letra do hino revolucionário “A Internacional” se lê:

*“Nós fomos de fumo embriagados  
Paz entre nós, guerra aos senhores!  
Façamos greve de soldados!*

*Somos irmãos, trabalhadores!  
Se a raça vil, cheia de galas  
Nos quer à força canibais  
Logo verás que as nossas balas  
São para os nossos generais!”*

Na Internacional Comunista, esta questão passa a ser, inclusive, uma das “21 condições de admissão dos Partidos na Internacional Comunista” (1920), que no seu ponto 4, dizia: “O dever de propagar as ideias comunistas inclui a necessidade especial da propaganda persistente e sistemática nos exércitos. Nos lugares onde as leis de exceção proíbem essa agitação, ela deve ser realizada clandestinamente. Renunciar a essa tarefa equivale a trair o dever revolucionário e desmerecer a filiação à III Internacional”.

Esta orientação indicava a necessidade de um trabalho permanente nas Forças Armadas para construção de células comunistas. O objetivo dessas células é quebrar toda disciplina do exército burguês com reivindicações como eleição de todos os oficiais pelos soldados, fim das punições disciplinares, fim dos privilégios dos oficiais, etc., elementos sem os quais estas Forças Armadas não podem sobreviver. O objetivo dos comunistas é ganhar militantes que conheçam armas e seu manejo para, no momento correto, ajudar a alçar os efetivos das Forças Armadas contra seus generais, o Estado burguês e os capitalistas.

Mas, isso não pode ser confundido com pretender fazer um trabalho neste campo apoiando reivindicações corporativistas e reacionárias, como mais orçamento, mais armas e mais capacidade repressiva, mascaradas com a “defesa da vida dos que lutam contra o crime”.

Nessa questão crucial, toda fraqueza teórica, todas as debilidades em matéria de “doutrina”, têm que ser combatidas firmemente.

Não há outro caminho. Só a luta de classes e o enfrentamento armado entre as classes, a revolu-

ção, vai resolver a questão. Trotsky, no texto “Aonde vai a França” explica:

*“A luta contra o fascismo é, em sua essência, uma luta política que, no entanto, precisa de milícias como a greve precisa de piquetes. Basicamente, o piquete é o embrião da milícia operária. Quem pensa que é preciso desistir da luta física, simplesmente desista da luta, pois o espírito não vive sem a carne.*

*Na magnífica expressão do teórico militar Clausewitz, a guerra é a continuação da política por outros meios. Esta definição também é totalmente apropriada para guerra civil. A luta física é apenas um “outro meio” da luta política.*

(...)

*O dever de um partido revolucionário é prever a inevitabilidade da transformação da luta política em um conflito armado declarado e se preparar com todas as suas forças para este momento, como as classes dirigentes o estão preparando.*

*Os destacamentos da milícia para a defesa contra o fascismo são os primeiros passos no caminho para o armamento do proletariado, e não os últimos. Nosso slogan é: Arme o proletariado e os camponeses revolucionários! A milícia do povo deve, em última instância, abraçar todos os seus. Este programa só pode cumprir-se integralmente no quadro do Estado operário, em cujas mãos passarão todos os meios de produção e, por conseguinte, também todos os meios de destruição, todos os armamentos e as fábricas que os produzem”.*

Trotsky falava em 1934, sobre a situação na França após a vitória de Hitler. A situação no Brasil não é a mesma, não há um governo fascista, mas um arremedo bonapartista em crise permanente e em um contexto de desmoronamento do regime político. Mas, alguém,

que se reivindique revolucionário, pode negar que a essência da questão é exatamente a mesma e que, no final da estrada, as forças revolucionárias estarão encontradas com as forças reacionárias e que tudo irá se resolver pela vitória de um ou outro lado?

A diferença entre um e outro vencer é que, se vencem os burgueses, a civilização continuará afundando na barbárie. Mas, se vencem os proletários, a civilização pode voltar a florescer e alcançar patamares nunca antes imaginados. No quadro do terreno burguês e seu Estado, não há resolução para nenhum dos problemas que afligem a Humanidade.

### **FORÇAS ARMADAS COM RECRUTAMENTO POPULAR E FORÇAS MERCENÁRIAS**

Antes de entrar na questão das forças policiais, é preciso ter em mente que há uma diferença entre soldados do exército, marinha e aeronáutica, e policiais de todos os tipos. Mas, também no interior dessas Forças Armadas nacionais, há que se ressaltar algumas diferenças. No passado, a imensa base das Forças Armadas era de soldados alistados por idade, por necessidades de guerra, etc. Isso dava a base para a definição de um soldado na guerra como “um camponês em armas” ou “um operário em armas”. Essa definição é cada vez mais difícil de encontrar.

A burguesia aprende com suas experiências, especialmente com as situações revolucionárias. Há décadas, todos os governos se esforçam no caminho de transformar as Forças Armadas nacionais em forças mercenárias controladas por uma burocracia militar burguesa de confiança selecionada cuidadosamente.

Após a derrota no Vietnã e as lições daí tiradas, o exército norte-americano foi sendo modificado para ser uma composição central de elementos recrutados por dinheiro. Essa é a situação hoje. Em



Tropas do exército em operação conjunta com as polícias Civil e Militar no Rio de Janeiro /Foto: Tânia Rêgo, Agência Brasil

quase toda America Central, há muitas décadas as Forças Armadas governamentais são bandos de mercenários.

Outra questão a ser levada em conta é o trabalho militar que as Forças Armadas realizam a serviço da ONU, os capacetes azuis, que, de fato, são treinamentos para massacres populares, como vimos no Haiti, e para a formação de forças mercenárias. Os soldados para estas tarefas imperialistas são recrutados sobre uma base mercenária, com elevados salários, diferentes regalias e uma total impunidade para seu comportamento, na maior parte das vezes, degenerado. Após a atuação dessas tropas enviadas por Lula a serviço do imperialismo ao Haiti, elas voltam e são utilizadas para controlar e aterrorizar a população, como foi visto na ocupação militar das favelas do Rio de Janeiro. Não por acaso, o comandante dessa ocupação e do terror e caos aí implantados foi o comandante da missão no Haiti e, hoje, é ministro de Bolsonaro, o ultrarreacionário general Heleno.

As Forças Armadas brasileiras entraram neste caminho, fim

da base de massa e treinamento mercenário há décadas, mas não conseguiram desenvolvê-las até o fim por diferentes razões.

O fato é que a conscrição militar obrigatória massiva do passado já não existe. Hoje, em um universo de milhões de jovens que chegam todo ano aos 18 anos, apenas cerca de 80 mil são recrutados e servem de janeiro a dezembro e, sem nenhum treinamento militar. Eles são utilizados para serviços de rotina da burocracia e do aparato militar como mão de obra gratuita. O antigo sonho das famílias camponesas de enviar os filhos para fazer carreira no exército ou estudar para padre na igreja católica, e, assim, “fazer a vida”, já não existe mais.

Uma das razões desta modificação é que não interessa à burguesia treinar militarmente os filhos dos camponeses e dos trabalhadores. Isso pode ter consequências drásticas para os burgueses em épocas revolucionárias. É por isso que, em inúmeros países, já não existe a obrigatoriedade de serviço militar aos 18 anos.

### **UMA QUESTÃO CHAVE: POLICIAL NÃO É “SERVIDOR PÚBLICO”**

Uma das mais importantes questões a ser compreendida é que, para os comunistas, os policiais militares e policiais civis, não são “servidores públicos”, mas soldados do exército da classe inimiga.

Servidores Públicos são os profissionais da Saúde, médicos, enfermeiros e outros; os profissionais da Educação, como professores, assistentes, pesquisadores, e outros; assim como os trabalhadores dos Serviços Públicos e da Assistência Social. Esses trabalhadores são o produto de conquistas sociais arrancadas a ferro e fogo dos capitalistas. Saúde, Educação, Transporte Público, Assistência, etc. foram impostas em luta dolorosa, na maioria das vezes, fisicamente, contra os destacamentos das forças da repressão a serviço do Estado e, portanto, do capital, da minoria privilegiada que governa.

O ódio e o desprezo das classes possuidoras pelo proletariado podem ser vistos hoje na atitude criminosa do governo Bolsonaro, dos governadores estaduais e prefeitos frente à pandemia que já matou



mais de 100 mil pessoas, raríssimos ricos.

Eles podem ser vistos no Legislativo, que não se cansa de cortar conquistas e direitos das parcelas mais pobres da população e aprovar leis de defesa do capital.

Também podem ser percebidos no Judiciário, que não se cansa de criminalizar movimentos, condenar sem provas com objetivos políticos, proibir greves e manifestações. E podem ser vistos na violência, na atividade bandoleira e na impunidade das forças de repressão nas reintegrações de posse no campo e na cidade, assim como contra as tribos indígenas.

É por tudo isso que os orçamentos militares e de repressão têm prioridade total. É o armamento geral das forças de segurança e das milícias criminosas, das milícias privadas legais e ilegais para a guerra total contra a classe trabalhadora. É disso que se trata quando Bolsonaro fala em armar a população. Ele quer armar os milicianos, os fazendeiros, os grileiros, os pequeno-burgueses fascistóides, a escória da sociedade, a “sua” população. Mas, o central, para ele, é o armamento e equipamento cada vez maior das polícias, que são cada vez mais impunes e agem sem controle para aterrorizar a população com o poder do Estado.

As polícias da burguesia não são servidores públicos, mas servidores privados, mercenários em defesa do capitalismo.

Nenhum sindicato de trabalhadores do Serviço Público, ou central sindical digna desse nome, deve aceitar policiais em suas fileiras. Os sindicatos são órgãos da classe para se defender da voracidade do capital. As diferentes polícias são os destacamentos de combate do capital contra os sindicatos e o movimento operário. Não se pode trazer o inimigo para dentro de casa sem pagar o preço desta asneira.

No caso de existência de Forças Armadas nacionais com base de massa, apoiamos o direito de

sindicalização dos soldados, assim como seu direito de filiação partidária, com tudo o que isso implica. Entretanto, isso tem se tornado cada vez mais apenas uma hipótese, pois, em todo o mundo, os governantes realizam constantes e importantes cortes no número de soldados ao mesmo tempo em que aumentam os investimentos em armas e equipamentos.

A China, com 2,3 milhões de efetivos, já anunciou um corte de mais de 300 mil soldados, assim como a Rússia, que tem cerca de 1 milhão de soldados e pretende chegar a 750 mil. Os maiores exércitos do mundo estão todos neste caminho.

*Tornou-se comum no movimento sindical tratar os sindicatos de policiais, e suas associações, como de trabalhadores com reivindicações legítimas e, portanto, apoiar reivindicações de mais armas, aumentos salariais etc.*

Evidentemente as razões são políticas, mas também econômicas. Em todo o mundo, os governos não param de aumentar os orçamentos de defesa, ou seja, gastos com armamento e artefatos militares, fazendo assim girar a máquina das Forças Destrutivas oxigenando, desta forma, a economia capitalista decadente.

Essa política levou a OTAN, em 2014, a adotar uma meta de que todos os seus países membros gastem, pelo menos, 2% do PIB em defesa militar até 2024, o que significaria quase dobrar os gastos dos países membro. Mas, isso não é suficiente para o principal fornecedor de armas do mundo. Desde que chegou à presidência, Trump não se cansa de exigir que a meta da OTAN seja de 4% do PIB em cada país. Os EUA gastam com defesa 3,75% de seu PIB.

Nas Forças Armadas que ainda contam com uma importante base de massa, como Irã, Coréia do Sul, Venezuela, China, Rússia e outros, o nosso objetivo seria levar a luta de classes e a posição comunista para encontrar aí os “camponeses e operários em armas”. Mas, quando estas Forças Armadas já são completamente degeneradas, ou já estão transformadas em forças mercenárias, não interessa aos comunistas fazer nada mais aí, muito menos ajudá-los a se organizar, coesionar e se fortalecer.

As recentes manifestações revolucionárias nos EUA trouxeram à tona esta discussão. Inúmeros sindicatos em todo o país se manifestaram pela expulsão dos sindicatos de policiais das centrais sindicais, especialmente na AFL-CIO. Essa é a posição dos comunistas, mas isso nem sempre está bem entendido e há militantes honestamente revolucionários que se adaptam ao sindicalismo e deslizam para fora do programa comunista.

A política de colaboração de classes e conciliação dos aparatos pró-burgueses que pretendem falar em nome da classe trabalhadora, como o PT, o PCdoB, etc., derramou veneno sobre o caráter do Estado e do próprio capitalismo.

Tornou-se comum no movimento sindical tratar os sindicatos de policiais, e suas associações, como trabalhadores com reivindicações legítimas e, portanto, apoiar reivindicações de mais armas, aumentos salariais, mais equipamentos e armamento, contratação de mais policiais, mais delegacias, cassetetes elétricos mais eficientes, etc.

Há ainda os que de forma ingênua ou sornateiramente pretendem levantar reivindicações que parecem justas, como a criação de mais delegacias nos bairros ou mais delegacias da mulher. Isso é pura ilusão. Ajudar a ampliar o aparato que, na hora decisiva, vai tentar esmagar as lutas, a organização proletária e a revolução, não tem nada de progressivo e útil para a classe trabalhadora. A posição dos



Manifestante que perdeu um olho por causa das balas de borracha durante a repressão no Chile em 2019 /Foto: GUE, NGL

comunistas é pelo fim do narcotráfico, das quadrilhas e da polícia dos bairros, formação de patrulhas armadas comunitárias, comitês de autodefesa proletária, popular ou sindical.

Mesmo nas fileiras revolucionárias, há os que são empurrados pelo “sindicalismo” e tratam os serviços de segurança como se fossem um ramo a mais dos “serviços públicos”, “direito do cidadão e dever do estado”. Outros buscam uma maneira de definir uma pauta “mais politizada” para não ter que levantar algumas bandeiras um tanto “incômodas”. Outros, já reivindicam tudo, sem pudor.

O fato é que essas reivindicações não são nada incompatíveis com o Estado, ao contrário, elas são de seu interesse e têm as consequências conhecidas:

- São estas armas que matam os negros pobres só porque são negros e pobres. E os operários porque são operários.

- São estas delegacias que organizam o tráfico de droga e a proteção vendida nos bairros.

- São estes veículos que controlam as regiões do tráfico, da droga e dos sequestros.

- São estes cassetes que dissolvem as manifestações e garantem que o capitalista explore, que o traficante trafique e que as drogas estejam bem protegidas.

- Um repressor bem pago é mais eficiente que um repressor revoltado e esfomeado.

- São estes “servidores” que são capazes de atacar armados uma militante que se dirige a eles pedindo que parem de espancar um sem-teto e tem como resposta sua prisão, golpes e a passagem de uma noite na cela de um presídio com outras doze condenadas.

- Sem falar da repressão generalizada a todos os movimentos sociais, à luta do povo trabalhador.

Uma questão recorrente é qual a posição dos comunistas a respeito das greves de policiais civis, federais ou PMs. A primeira questão a ter em mente é o que está esta-

belecido acima, nenhum apoio a nada que possa fortalecer um instrumento de repressão contra os trabalhadores. A segunda questão é que cada uma destas greves deve ser examinada pelos comunistas a partir de suas reivindicações, de quem as dirige e contra o quê estão voltadas. Haverá casos muito diferentes e os comunistas devem examiná-los a partir dos princípios, avaliando o que está em ação e o que pode se desenvolver no âmbito do interesse do proletariado e da revolução. Estas regras são intocáveis

### **A DEGRADAÇÃO DOS EXÉRCITOS E POLÍCIAS NA ÉPOCA DO IMPERIALISMO**

O argumento de que um bom salário impediria a corrupção e a violência policial é tão cretino quanto não perceber que, na época do imperialismo senil, não existe polícia sem corrupção, sem tráfico, sem venda de proteção, sem roubo e sequestro, sem violência terrorista, sem grupos de extermínio. A “mafiosização” do sistema capitalista atingiu há muito a sua espinha dorsal, a força de repressão. Primeiro, por “contaminação”; depois, por necessidade.

Quanto mais em perigo, mais violenta se torna a burguesia. E mais ela necessita de repressão mais feroz e mais insensível, mais distanciada das massas. É por isso que, por todos os lados, os governos buscam introduzir mudanças no aparato repressivo de forma a se dotar de forças mercenárias desumanas, de verdadeiras forças “gurkhas” cortadoras de cabeças.

Como já explicado acima, os exércitos “populares” de circunscrição universal não lhes servem mais. O que já era uma constatação em países africanos e latino-americanos há décadas se tornou, desde a guerra do Vietnã, onde os jovens norte-americanos recusavam-se a embarcar, alimentando o movimento antiguerra, a linha oficial de Washington, que começou

em casa a transformação do seu exército em uma força mercenária. E que buscou destruir os exércitos nacionais na América Latina, obrigando os governos títeres a utilizar estas forças no “combate à droga” que promoveram na região.

O resultado, onde aconteceu esta transformação dos exércitos em polícias antidrogas, foi a corrupção do aparato militar até a medula. Peru, Bolívia, Colômbia, são os exemplos mais extremados. Já corrompidos pelo controle do aparato de estado a serviço do imperialismo durante as décadas de ditaduras militares, esses exércitos, em contato com a indústria da droga, transformaram-se em verdadeiras máfias entrelaçadas com as ridículas elites locais e o mercado financeiro onde lavam seu dinheiro sujo.

Os partidos contrarrevolucionários (PSs e PCs) e seus satélites degenerados, como os pablistas/mandelistas, põem água neste moinho, levantando a reivindicação de “Não ao serviço militar obrigatório” para a juventude. Os pacifistas, os reformistas, os pequeno-burgueses e centristas, não só saúdam isso, como fazem coro e campanha contra o serviço militar universal e obrigatório para os jovens. Resolvem, com sua posição, dois problemas para o Estado: o problema do custo de manter uma base de massa no exército e o problema de ensinar uma base proletária a atirar e combater.

Somam-se, assim, aos que buscam justificar a formação de uma força permanente de mercenários. Os revolucionários só podem manter a posição de Lenin, que incentivava a juventude trabalhadora a fazer o serviço militar, aprender a manejar armas para poder, depois, voltá-las contra os oficiais, os governantes e os capitalistas. Lenin se revoltava com os pacifistas que queriam deixar a arte militar exclusivamente nas mãos da burguesia.

Tendo esta posição de princípio, é preciso dizer: Lenin jamais concordaria em votar um só centavo



de crédito para o exército, ou para a polícia, seja em tempo de paz, seja em tempo de guerra, por mais democrático que fosse qualquer país. Pois o que é o reequipamento, abastecimento e investimento no exército, ou na polícia, senão um “crédito de guerra contra o povo”, de médio ou longo prazo?!

Lenin jamais propôs que a Suíça constituísse um exército para que os trabalhadores se inscrevessem aprender a manejar armas. Se ele não existe, é melhor. Mas, se ele existe, a melhor forma “para nós” é que ele seja de caráter “popular”, ou seja, com recrutamento popular e por tempo determinado, suficiente para o aprendizado militar. Mas, jamais lhe “concederemos” um só centavo.

A orientação dos revolucionários frente às Forças Armadas se dá sempre em dois planos: infiltrando o exército inimigo, desde o seu interior, construindo células comunistas e preparando o futuro momento de choque. E, desde o exterior, organizando e incentivando a confraternização entre soldados e manifestantes, que, entretanto, todos os revolucionários sabem, não pode e não acontecerá sem choques dolorosos e profundos, sempre guiados por

uma determinação muito firme de luta do proletariado.

Só quando os soldados percebem com clareza que a luta é, para o proletariado, por tudo ou nada, é que eles abandonam suas armas ou desviam a linha de tiro.

Só essa situação, em meio a uma verdadeira revolução, pode explicar o fato de que, em 1917, o regimento Volinsky fosse, no início do ano, um dos mais repressivos e violentos e, no final do ano, um dos mais disciplinados regimentos revolucionários. Se a revolução tivesse fracassado, ele teria voltado a ser o que era: um braço da repressão.

Os comunistas, portanto, têm uma posição clara e definida sobre a questão: inteiramente a favor do serviço militar universal e obrigatório para homens e mulheres, com aprendizado de tiro, manejo de armas e treino militar efetivo, para que toda a juventude proletária aprenda a atirar e combater. Eles utilizarão muito bem esses conhecimentos na revolução.

### COMO ATUAM OS COMUNISTAS

Em nenhuma hipótese, os revolucionários, para se aproxima-

rem dos soldados, se disfarçam de sindicalistas propositivos, levantando reivindicações que “facilitem a vida” dos instrumentos da repressão burguesa. A denúncia da desigualdade, entre oficiais e soldados, dos mal tratos e das humilhações, é feita não para conquistar uma igualdade espartana, que daria uma tremenda coesão ao exército, mas para demonstrar como há uma divisão de classes na sociedade, e que os soldados (trabalhadores, camponeses) são usados contra seus próprios irmãos, quebrando assim a disciplina e a hierarquia. Todo o trabalho, e o único trabalho justificável, nas Forças Armadas, é o trabalho para dissolvê-las. E, quando os soldados, um batalhão ou regimento, quebra a hierarquia e volta suas armas contra os oficiais ou contra o estado burguês, o que se tem é o embrião de um exército revolucionário. Quando soldados, ou policiais, decidem em assembleia manifestarem-se contra o governo, armados e organizados sob direção dos comunistas, eles não são um batalhão ou um regimento do Estado burguês, mas uma milícia proletária armada.



Repressão durante manifestações dos Coletes Amarelos na França em 2018 /Foto: Gongashan

E, essa continua a ser a única orientação revolucionária em nossos tempos: armamento geral do povo e milícias proletárias armadas. Sem a quebra da força repressiva central do estado burguês não haverá revolução vitoriosa. Toda revolução depende disso.

## **O MONOPÓLIO DA VIOLÊNCIA E OS BANDOS ARMADOS**

Nenhum governo burguês abdica de ser o único a ter o controle da força armada decisiva de defesa do regime da propriedade privada dos meios de produção. O que há de novo é o momento em que vivemos, no qual o imperialismo é levado a destruir tudo o que se construiu de civilizado através da luta de classes. E isso inclui sua política de destruição da república burguesa tal como ela se constituiu na Revolução Francesa, em sua forma mais avançada. A forma de dominação sempre busca corresponder às necessidades do dominador. E a empresa genocida do capitalismo agonizante exige, hoje, um poder político cada vez mais destacado do disfarce “social”, “público”. Essa é a razão da bonapartização senil de todos os regimes, em todos os países.

É exatamente no sentido de distanciar o controle “social” sobre a força de repressão que todos os governos, desde FHC, Lula, Dilma, Temer e Bolsonaro, desenvolveram uma política de constituir uma força repressiva ágil, ultracentralizada e mercenária (uma Polícia Federal ampliada e remodelada), ao mesmo tempo em que incentivaram a “privatização” da polícia (empresas de segurança, estadualização e municipalização, etc.).

Um dos principais passos neste sentido “antipovo” foi a criação, por Lula, em 2004, da Força Nacional de Segurança Pública (FNSP), cuja função essencial é “controlar situações de distúrbios públicos em qualquer lugar do território nacional”. Quando criada, estava previsto que, para agir, essa Força tinha

que ter o acordo do governador local. Dilma mudou isso através de um Decreto Presidencial, para que a FNSP pudesse ser utilizada a pedido de qualquer ministro do governo. É o que fez Trump contra as manifestações antirracistas que tomaram o país após o assassinato de George Floyd.

O que toda esta política, (que envolve “donativos” permanentes de comerciantes e industriais para manter as delegacias, da permissão de “bicos” para os soldados, etc.), faz é organizar o caos social, é buscar transformar em máfias, com todas consequências, os grupos armados a serviço da propriedade privada.

O monopólio do uso da violência é do Estado e nenhum governo está disposto a renunciar ao dispositivo legal que lhe dá autoridade, e só a ele, para permitir a constituição e controlar ou dissolver qualquer organização armada.

Que aconteceria se um sindicato de massas de metalúrgicos resolvesse constituir uma “empresa de segurança” e começasse a armar e treinar militarmente todos os metalúrgicos com o objetivo de “garantir a segurança do patrimônio do sindicato”, ou a casa dos metalúrgicos nos bairros e, para isso, organizasse “rondas” armadas e centralizadas no sindicato?

A nenhum sindicato operário seria permitido, pacificamente, fazer isso. Mas, é isso o que qualquer empresa faz. Ela contrata uma empresa de segurança que defende as instalações da fábrica e, dependendo do local, garante a segurança das casas dos diretores.

Na história dos EUA, as “Agências de Detetives”, como a Pinkerton e muitas outras, foram responsáveis pela repressão mais sangrenta contra o movimento sindical norte-americano.

A maior parte dos contratos da Pinkerton tinha como objetivo evitar que grevistas, especialmente dirigentes sindicais, ocupassem ou se aproximassem das fábricas em luta. Na greve de Homestead,

de 1892, centenas de agentes da Pinkerton acabaram violentamente com a greve, matando nove pessoas. Essa agência atuou, também, nas greves de metalúrgicos, de mineiros e de ferroviários por todo os EUA. É incontável o número de dirigentes e ativistas sindicais assassinados por estas agências na segunda metade do século 19 e no início do século 20.

Aqui, no Brasil, como todos sabem, são as “Empresas de Segurança” as milícias privadas dos capitalistas, sejam nas fábricas, nos Shoppings, etc.

Essas empresas atuam com função delegada pelo Estado, mas sob seu controle. Por isso seria um absurdo que um comunista, sob a bandeira de “luta contra as privatizações”, defendesse a existência de uma “polícia estatal, pública, centralizada, bem armada, bem remunerada e bem satisfeita”. Além de ser uma utopia reacionária impossível de ser realizada, essa política desarma completamente o proletariado em sua luta pela destruição do estado burguês e contra a repressão. A única justificativa para a política de armamento geral do povo e de constituição de milícias é que “a outra” força armada é a “deles”, dos capitalistas, do governo. No dizer de Lenin “Em qualquer sociedade de classes, seja ela baseada na escravatura, na servidão ou, como agora, no trabalho assalariado, a classe opressora está armada”. Daí decorre a posição proletária.

Além disso, em determinadas situações, a burguesia recorre aos grupos fascistas ou aos bandos armados, semilegais ou ilegais.

Essa é uma questão de princípio tão importante que está extensamente descrita no Programa de Transição, da IV Internacional:

*“Em parte alguma a burguesia se contenta em utilizar apenas a polícia e o exército oficiais. Nos Estados Unidos, mesmo nos períodos “calmos”, mantém destacamentos militarizados e bandos*



Polícia Militar cumpre ordem de despejo contra moradores da Vila Taboinha, no Rio de Janeiro, em 2010 /Foto: Marcelo Freixo

armados particulares nas fábricas. É necessário acrescentar a isto, atualmente, os bandos de nazistas americanos. A burguesia francesa, à primeira aproximação do perigo, mobilizou os destacamentos fascistas semilegais e ilegais até no interior do exército oficial. Bastará que os operários ingleses aumentem de novo seu ascenso para que imediatamente os bandos de Mosley dobrem, tripliquem, decupliquem em número e iniciem uma cruzada sangrenta contra os operários. A burguesia dá-se claramente conta de que, na época atual, a luta de classes tende infalivelmente a se transformar em guerra civil. Os magnatas e os lacaios do capital aprenderam com os exemplos da Itália, da Alemanha, da Áustria, da Espanha e de outros países muito mais que os chefes oficiais do proletariado.

Os políticos da II e III Internacionais, assim como os burocratas dos sindicatos, fecham conscientemente os olhos para o exército privado da burguesia; de outro modo não poderiam manter vin-

te e quatro horas sua aliança com ela. Os reformistas incutem sistematicamente nos operários a ideia de que a sacrossanta democracia está assegurada da melhor maneira quando a burguesia está armada até os dentes e os operários desarmados.

O dever da IV Internacional é acabar, de uma vez por todas, com esta política servil. Os democratas pequeno-burgueses - inclusive os sociais-democratas, os stalinistas e os anarquistas - tão mais fortemente gritam a respeito da luta contra o fascismo quanto mais covardemente capitulam diante dele. Aos bandos do fascismo somente podem opor-se com sucesso destacamentos de operários armados que sintam atrás de si o apoio de dezenas de milhões de trabalhadores. A luta contra o fascismo começa não na redação de um jornal liberal, mas na fábrica e termina na rua. Os pelegos e os guardas particulares nas fábricas são as células fundamentais do exército do fascismo. OS PIQUETES DE GREVE são as células fundamentais do exército do prole-

tariado. É de lá que é necessário partir. Por ocasião de cada greve e de cada manifestação de rua, é necessário propagar a ideia da necessidade da criação de DESTACAMENTOS OPERÁRIOS DE AUTODEFESA. É necessário inscrever esta palavra-de-ordem no programa da ala revolucionária dos sindicatos. É necessário formar os destacamentos de auto-defesa em todo lugar onde for possível, a começar pelas organizações de jovens, e conduzi-los ao manejo das armas.

A nova onda do movimento de massas deve servir não somente para aumentar o número desses destacamentos, mas ainda para unificá-los por bairros, cidades, regiões. É necessário lançar a palavra-de-ordem de MILÍCIA OPERÁRIA como a única garantia séria para inviolabilidade das organizações, reuniões e imprensa operárias.

É somente graças a um trabalho sistemático, constante, infatigável e corajoso na agitação e propaganda, sempre em relação com a experiência das próprias mas-



*sas, que se podem extirpar de sua consciência as tradições de docilidade e passividade; educar destacamentos de combatentes heroicos, capazes de dar exemplo a todos os trabalhadores; infligir uma série de derrotas táticas aos bandos da contrarrevolução; aumentar a confiança em si mesmos dos explorados e oprimidos; desacreditar o fascismo aos olhos da pequena burguesia e abrir o caminho da conquista do poder pelo proletariado.*

*Engels definia o Estado como 'destacamento de pessoas armadas'. O ARMAMENTO DO PROLETARIADO é o elemento constituinte indispensável de sua luta emancipadora. Quando o proletariado o quiser, encontrará os caminhos e os meios de armarse. A direção, também neste domínio, incumbe, naturalmente, às seções da IV Internacional". (Os piquetes de greve, os destacamentos de combate, a milícia operária, o armamento do proletariado - Programa de Transição da IV Internacional).*

## **NENHUMA DEFESA DO ESTADO BURGUESES**

Todos os governos burgueses tentam destruir sistematicamente um padrão único de educação nacional, pública e gratuita, ou as conquistas sociais como o salário mínimo nacional, que "unificam" a nação de norte a sul. Eles buscam destruir as conquistas proletárias de Saúde, Educação, etc. Os comunistas lutam contra isso defendendo estas conquistas sociais, operárias e democráticas, compreendendo seu conteúdo de "constituintes" da "classe para si". Elas estão "incrustadas" no estado burguês como imposições da luta de classe do proletariado. Mas, a sua defesa jamais pode ser confundida como a defesa do Estado burguês.

Quando dizemos que o proletariado se reserva o direito de destruir, ele próprio, o estado burguês,

estamos falando da defesa dessas conquistas sociais. Neste caso mais específico, da existência de uma organização social civilizada que se opõe ao caos, pois é a partir do que existe que se pode construir o socialismo. Jamais defenderemos aquilo que é a essência da forma de dominação de uma classe sobre as outras e que impede, em última análise, o surgimento de uma nova civilização, livre de todo horror sem fim do capitalismo.

Analisando a divisão da Igreja de Roma entre católicos e luteranos, os marxistas podiam e deviam compreender o significado e as consequências dessa divisão para a vida dos povos europeus. Mas, a Marx jamais ocorreria declarar-se luterano, porque os católicos eram a igreja do feudalismo, do absolutismo, e os luteranos, a igreja mais apropriada ao capitalismo ascendente.

Quando, em uma guerra, o inimigo começa a movimentar e remanejar suas tropas convém estudar e acompanhar estes movimentos para preparar nossos movimentos e remanejar nossas próprias tropas. Mas, a quem ocorreria exigir do inimigo que não reorganizasse suas próprias tropas?

No Brasil, existem cerca de 360.000 homens nas Forças Armadas (218.000 no exército, 80.000 na marinha e 62.000 na aeronáutica). Assim, não é possível fiar-se nessa força para conter uma força de trabalho de 95 milhões de brasileiros. Destes, 35 milhões são proletários do campo e da cidade. Junto com os outros 130 milhões de brasileiros formam um exército desarmado, mas que não tem nada a perder, de fato.

Já nas diversas PMs, existem cerca de 600.000 homens armados, cuja principal tarefa é a "segurança pública", bem como dos mais de 100.000 efetivos da Polícia Civil. Ou seja, 700.000 homens armados contra o povo. Sem falar na Polícia Federal, Polícia Judiciária e inúmeras outras polícias especializadas.

É fácil ver quem é a espinha dorsal de defesa do sistema da propriedade privada dos meios de produção e seu governo, seu estado maior. Sistema este que só tem como adversário, opositor irreductível, o povo desarmado e trabalhador. É a polícia o núcleo de defesa do estado burguês. Ela nada tem a ver com "serviço público". Ela é uma força-tarefa "contra o público", melhor dizendo.

Por isso, os comunistas recusam toda proposta de reformas, desmilitarizar, maquiagem ou remodelar as forças de repressão.

Por exemplo, os comunistas não têm que tomar posição a favor ou contra cada nova "Bula Papal". Nós somos contra as bulas e contra o papa. Os cardeais e os bispos que se matem, buscando novas formas de enganar o proletariado para vender seu obscurantismo e sua superstição religiosa. É dever comunista desmascarar cada ação deste aparato contrarrevolucionário para mostrar aos católicos, evangélicos, luteranos e outros, o que é a religião e seus aparatos. Aos padres e pastores bem-intencionados que fazem movimentos reais em defesa dos trabalhadores e da juventude, convidamos para o combate em defesa dos oprimidos e explorados. Mas, não vamos à missa para opinar que ela deveria continuar a ser rezada em latim porque, assim, cada vez menos gente entenderia o que diziam os senhores do além. Isso só causaria confusão entre as massas e não ajudaria em nada a realização de nossos objetivos.

A palavra de ordem de "Desmilitarizar a PM" não significa mais que dizer que a burguesia deve despir esta força de repressão, atualmente "não-confiável", de seus vestígios mais asquerosos de força militar organizada e degenerada (com disciplina, organização, etc., organizada à parte como força militar e não apenas policial), transformando-a em um corpo policial mercenário civil que continuaria integrado e

entregue ao crime, à corrupção e à repressão.

O argumento “democrático” de que, assim, ela passaria a responder por seus crimes nos tribunais civis, saindo da impunidade do espírito de corpo dos tribunais militares, é um argumento de má fé. Quantos policiais civis estão condenados por seus crimes hediondos, pelos grupos de extermínio, pelos sequestros que organizaram, pela droga que roubaram e venderam?!

As bandeiras de desmilitarização ou reforma das polícias é uma tentativa, de fato, de retirar seus aspectos visíveis mais odiosos. Não é por outra razão que, nos EUA, após as manifestações semi-insurrecionais em protesto pelo assassinato de George Floyd e contra a violência e o racismo da polícia, o próprio Partido Democrata, o partido imperialista mais importante do mundo, adotou prontamente a proposição de reformas das polícias.

Para os comunistas, esta bandeira é uma manobra, ou uma

adaptação ao Estado burguês no interesse do capital. Continua justa a orientação de Lenin acerca da perspectiva e da luta pela destruição pura e simples das forças de repressão; bem como pelo armamento geral do povo organizado.

### UM TRABALHO NO FIO DA NAVALHA

Nenhum argumento da burguesia e de seus lacaios no movimento operário, que lançam a civilização no caos, pode permitir aos marxistas abandonar sua posição de princípio contra a ordem burguesa. A ordem burguesa é que trouxe para a humanidade a situação de tragédia que o mundo vive. Só a ordem da ditadura do proletariado pode estabelecer as condições de vida necessárias à humanidade e organizar uma nova e superior civilização. E, “não se faz omelete sem quebrar os ovos” (Lenin).

No “18 Brumário de Luiz Bonaparte”, Karl Marx explica perfeitamente que, muitas vezes, a ini-

ciativa da ação revolucionária não é do proletariado, mas da própria burguesia, que precisa “romper” a própria ordem para adequar as instituições às suas novas necessidades. Quando a iniciativa de profundas modificações é tomada pela burguesia, é preciso saber utilizar esta situação e preparar a classe operária para iniciativas revolucionárias. Esse é o trabalho que temos que fazer.

No trabalho a fazer nas forças de repressão, o eixo é quebrá-las, atirar a massa de soldados contra a hierarquia e o governo, levando-as a passar para revolução nos momentos decisivos. Isso não implica em defender a “corporação” e sua existência, ao contrário, nenhuma reivindicação que implique em reforço da estrutura ou capacidade de repressão é justificada.

É uma situação difícil para os camaradas que fazem este trabalho. Sempre foi difícil fazer este tipo de trabalho. Se pode imaginar o que dizia Marcel Hic aos sol-



Batalhão de Choque reprime manifestação contra o governo Temer em Brasília /Foto: Jefferson Rudy, Agência Senado

dados, quando organizava células comunistas no interior do exército alemão que ocupava a França?

Ele morreu por isso, assim como muitos outros revolucionários, nossos camaradas, dedicados ao Programa e, portanto, à causa do socialismo.

Mas, não havia, e não há, uma maneira mais fácil de fazer este trabalho.

Enquanto o revolucionário estiver no interior de uma força de repressão, buscando trabalhar pela revolução, ele estará arriscando sua vida todos os dias e terá que ser um revolucionário clandestino. Se um policial, civil ou militar, é ganho para a causa do comunismo, ele deve tomar muito cuidado e jamais poderá falar em nome da organização enquanto fizer este trabalho, além de outras medidas que são de responsabilidade da direção definir. Ele deve ter objetivos sempre claros e construir um trabalho real entre os soldados ou policiais.

Seu trabalho deve ter como eixos lutar contra os privilégios, contra as humilhações, contra a corrupção que desmoraliza; promover a simpatia dos soldados, ou policiais, pelos trabalhadores e suas reivindicações e lutas; organizar atividades que conduzam à compreensão da situação pelos soldados, ou policiais.

Mas, o trabalho nas Forças Armadas tem formas e limites muito claros. Se um comunista é convocado para as Forças Armadas, para a guerra, por exemplo, ele deve ir como comunista, tomando todos os cuidados e precauções. Se um militar ou polícia é ganho para o comunismo, ele deve trabalhar entre os outros, mas, em nenhum caso, ele pode ser introduzido na estrutura da organização como um operário ganho em uma fábrica. Um militante ideologicamente firme e disciplinado deve dirigir esse trabalho clandestinamente; e os efetivos ganhos não participam, de forma alguma, das atividades coletivas da organização revolucionária. Seu terreno de trabalho está

delimitado pela corporação a que eles pertencem e guiada pela posição bolchevique sobre o significado do Estado burguês e seus destacamentos de homens armados. Obviamente, isso implica que militantes comunistas não se alistam ou entram, por decisão pessoal, a serviço destas forças de repressão do Estado.

### **A BURGUESIA E OS APARATOS A SEU SERVIÇO ATERRORIZAM AS MASSAS**

É verdade que os aparelhos contrarrevolucionários que pretendem falar em nome dos trabalhadores traem e enganam as massas. Eles, como a mídia burguesa, mentem e manipulam. Mas, imaginar que as massas são movidas por outras coisas que, não fundamentalmente, por suas necessidades materiais, seria não compreender nada de Marx. Equivaleria a renegar o Programa que diz que a roda da história é mais forte que os aparelhos.

E, mesmo quando a mídia manipula, a maior fraude cometida é tentar aterrorizar as massas com a capacidade repressiva e militar da burguesia, apresentada como infundável e invencível, sobre-humana. É isso o que ela faz o tempo todo, tentando convencer as massas de sua fraqueza e da força infinita dos poderosos.

Mas, isso nunca impediu nenhuma revolução, como não impediu a sequência de insurreições e revoluções que se viu em 2019, ou a atual semi-insurreição nos EUA. Por quanto tempo qualquer aparelho controlaria as massas, se não permanentemente aterrorizando-as com as consequências de suas ações “prematuras”, “impensadas” ou “aventureiras”?

O “fantasma” do fascismo e das ditaduras militares são armas terríveis nas mãos dos aparelhos que fazem as massas viverem sob o terror de ter que morrer de miséria ou morrer sob o tacão de ferro.

É sempre o destacamento de homens armados que garante a

apropriação do “excedente” por uma minoria, que assim se transforma em classe dominante. A negação desta verdade básica do marxismo implica em uma concepção idealista do mundo, em que as classes dominantes se manteriam no poder por seu próprio sucesso econômico e social, ou porque as classes dominadas são incapazes de abrir uma alternativa e um outro futuro à Humanidade. O dilema de nosso tempo, “Socialismo ou Barbárie”, teria se transformado em “Capitalismo ou Barbárie”, ou em “Barbárie ou Barbárie”. Seria, então, de fato, o fim da História.

Mas, a classe operária tem uma longa história e nela forjou os meios e os métodos de destruir o que existe de podre sobre o planeta e “assaltar os céus”, para usar a expressão de Marx sobre a Comuna de Paris. Em 1871, o proletariado de Paris quebrou o “destacamento de homens armados” da burguesia francesa, ganhou a Guarda Nacional para a revolução e, pela primeira vez na história, tomou o poder, “assaltou os céus”!

Em 1917, apenas 46 anos depois, o Partido Bolchevique mostrou que havia aprendido a lição. Ele não pediu botas novas, nem capotes mais quentes, mas organizou a deserção e quebrou o exército do Czar, constituindo a primeira República dos Sovietes de soldados e operários, a Comuna Russa.

Isso foi há 103 anos. Uma boa comemoração desse aniversário da Revolução Russa é voltar a ler Engels (“A origem da família, da propriedade privada e do Estado”) e Lenin (“O Estado e a Revolução”). Um excelente, e necessário, complemento é “A Revolução Permanente”, de León Trotsky, e o Programa de Transição, da IV Internacional.

Esse é um esforço necessário, uma vez que o proletariado brasileiro depende muito da compreensão profunda da teoria e da política revolucionária pelos marxistas.



# Do luto à luta. Em defesa do legado de um comunista imprescindível: Roque, presente!

Esquerda Marxista

*“Há homens que lutam um dia e são bons, há outros que lutam um ano e são melhores, há os que lutam muitos anos e são muito bons. Mas há os que lutam toda a vida e estes são imprescindíveis”. (Bertold Brecht)*



**P**erdemos Roque Ferreira! Nosso camarada ficou internado no hospital por duas semanas, vindo a falecer no último dia 4 de setembro, vítima da Covid-19. Lutou até o fim. Partiu depois de mais uma batalha, de tantas enfrentadas em uma vida dedicada à luta da classe trabalhadora.

Membro do Comitê Central da Esquerda Marxista e da Coordenação Nacional do Movimento Negro Socialista (MNS), Roque

Ferreira foi um ferroviário com muito orgulho, dirigente sindical da categoria, lutou contra os ataques de governos e patrões, com destaque para a mobilização contra a privatização da RFFSA.

Fundador do MNS (e antes do MNU – Movimento Negro Unificado), Roque teve uma vida dedicada à luta contra o racismo, sempre combatendo sob o lema de Steve Biko, de que *“racismo e capitalismo são faces da mesma moeda”*.

Foi eleito vereador em Bauru em 2008 pelo PT, tendo sido reeleito em 2012, realizando um “mandato operário, popular e socialista”, profundamente enraizado na luta de classes. Enquanto parlamentar revolucionário, atuou como ponto de apoio para as reivindicações da classe trabalhadora e da juventude, intervindo a partir das condições objetivas e materiais, explicando que somente com a organização da revolução

socialista as reivindicações poderão ser plenamente atendidas.

Roque foi também, até seu falecimento, presidente do PSOL em Bauru. Ele foi para o PSOL após ter rompido com o PT, em 2015, partido do qual havia sido fundador, diante das consecutivas traições da direção deste partido, sua política anti-operária e de conciliação com a burguesia. Era também pré-candidato a prefeito para as eleições municipais deste ano.

Roque era um comunista de alta envergadura, um quadro proletário, um dirigente exemplar, firme nas suas convicções, sempre estudioso e disciplinado, combinando paciência revolucionária e a generosidade camarada, apaixonado pela potencialidade da juventude, entusiasta da arte popular, do samba, do carnaval e do futebol.

Roque era contagiante e agregador. Era um militante muito querido, uma referência para muitos. Era respeitado pelos seus adversários e inimigos pela postura de sempre enfrentar o debate na política, sem ataques pessoais ou adjetivações, sem rebaixar uma vírgula da crítica programática que apresentava.

Roque nunca deixou de confiar na capacidade de luta do operariado, sempre estampando o orgulho enquanto ferroviário. Roque foi um militante que lutou incansavelmente por um mundo novo para os explorados e oprimidos no capitalismo. Como um internacionalista, militante da Corrente Marxista Internacional, participou de diferentes conferências e congressos internacionais, inclusive, com entusiasmo, acompanhou a recente Universidade Marxista Internacional organizada pela CMI.

Como destacou Alan Woods, *“Roque era um homem bonito. Sua barba e cabelos brancos davam-lhe um ar de dignidade tranquila. Ele era extremamente inteligente. Mas era um homem de poucas palavras. Nas muitas conversas que tive com companheiros no Brasil, percebi*

*que Roque estava sempre presente, ouvindo atentamente cada palavra. Ele falava raramente, mas quando falava, suas palavras eram sempre cheias de sabedoria proletária e bom senso. Isso deu a ele uma autoridade enorme aos olhos de todos os camaradas”*.

A notícia de seu falecimento provocou imediata solidariedade de inúmeras organizações do Brasil e do mundo, lideranças partidárias e parlamentares, dirigentes sindicais e representantes de movimentos sociais e culturais, artistas, jornalistas e militantes de direitos humanos. Gerou uma mistura de indignação e ódio de classe, com certa perplexidade e profunda comoção, obrigando, inclusive, que o prefeito de Bauru, seu ferrenho opositor, não tivesse como se eximir do reconhecimento do impacto de seu falecimento, decretando luto oficial por três dias na cidade.

O falecimento do Roque foi objeto de saudações da direção internacional e de diferentes seções da CMI e do movimento sindical operário internacional, especialmente entre os ferroviários. O impacto de sua morte mostra a grandeza de sua personalidade, a coerência, o respeito e o carinho que sempre marcaram sua vida na ação revolucionária.

Seu funeral, limitado pelas condições impostas pela pandemia da Covid-19, não deixou de mesclar a emoção do luto, entre choros e lágrimas, poemas e músicas, palavras de carinho e consolo, com potentes gritos por Fora Bolsonaro e punhos erguidos sob o hino da Internacional. No traslado entre o hospital e o cemitério, houve uma carreata emocionante. Uma solidariedade de classe, com pessoas nas ruas gritando: “Roque, presente”. Em ato de homenagem na “esquina da resistência”, local onde Roque montava banquinha da Esquerda Marxista há mais de uma década com uma disciplina exemplar, onde amigos, trabalhadores, simpatizantes das

lutas sempre procuravam o Roque para bater aquele papo sobre a conjuntura, a semente de sua morte germina um novo por vir da luta de classes.

Nosso camarada foi levado por esta pandemia trágica, que é mais uma demonstração do capitalismo em decadência, da podridão das instituições e do caráter parasitário da burguesia, e que possui no governo Bolsonaro sua expressão mais grotesca e assassina, provocando o aprofundamento da barbárie que vivenciamos. Reside aí a plena responsabilidade pelas mais de 140 mil vidas perdidas pela Covid-19 (no momento em que escrevemos esse texto), que poderiam ter sido evitadas se não fossem as opções feitas por Bolsonaro, se no centro de suas medidas não estivesse o lucro dos capitalistas em detrimento da saúde da classe trabalhadora. Com uma força que expressava seu ódio de classe, as mais de 250 pessoas presentes no funeral do Roque gritaram: “Fora Bolsonaro”.

É duro pensar que perdemos nosso camarada. Fará muita falta. Mas sabemos que ele abriu caminho para os que vêm adiante. Uma estrada foi muito bem pavimentada e devemos ao Roque seguir nossos combates, nas ruas e nas lutas, pelo socialismo.

Prestamos, novamente, toda nossa solidariedade aos familiares e amigos mais íntimos. Os militantes da Esquerda Marxista e ativistas do Movimento Negro Socialista, todos os camaradas da CMI, saúdam Roque, nosso camarada!

O compromisso de todos é seguir a luta a que Roque dedicou sua vida, contra a exploração e opressão, pela revolução socialista mundial!

***Do luto à luta! Camarada Roque Ferreira, presente agora e sempre!***

***Viva o socialismo internacional!***

***Trabalhadores do mundo, uni-vos!***





# ESQUERDA MARXISTA

CORRENTE MARXISTA INTERNACIONAL

ALL LIVES  
DONT MATTER  
UNTIL BLACK  
LIVES DO!!!

2009  
world  
cham

Babolat

...now  
...everyone  
...just to maintain  
...their ability to  
...black